

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer

Fernanda Moreira Viana

**OS DIVERTIMENTOS DAS MULHERES NO PARQUE MUNICIPAL DE BELO
HORIZONTE NOS ANOS DE 1910 A 1951**

Belo Horizonte
2024

Fernanda Moreira Viana

**OS DIVERTIMENTOS DAS MULHERES NO PARQUE MUNICIPAL DE BELO
HORIZONTE NOS ANOS DE 1910 A 1951**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e História do Lazer

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Rosa

Belo Horizonte
2024

V614d Viana, Fernanda Moreira
2024 Os divertimentos das mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte nos anos de 1910 a 1951. [manuscrito] / Fernanda Moreira Viana – 2024.
165 f.: il.

Orientadora: Maria Cristina Rosa

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 137-165

1. Lazer – História – Belo Horizonte (MG) – Séc. XX – Teses. 2. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 3. Mulheres – Recreação – Teses. 4. Recreação ao ar livre – Belo Horizonte (MG) – Séc. XX – Teses. 5. Interação social – Teses. I. Rosa, Maria Cristina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

ATA DA 205ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FERNANDA MOREIRA VIANA

Às 14h00min do dia 31 de outubro de 2024, reuniu-se no Auditório Maria Lúcia Paixão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho “Os divertimentos das mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte nos anos de 1910 a 1951”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Maria Cristina Rosa, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFMG)	X	
Prof. Dr. Vitor Lucas de Faria Pessoa (PBH)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 31 de outubro de 2024.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)

Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFMG)

Prof. Dr. Vitor Lucas de Faria Pessoa (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Flavia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 13/11/2024, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Lucas de Faria Pessoa, Professor Magistério Superior-Substituto**, em 13/11/2024, às 13:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 14/11/2024, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3616798** e o código CRC **8B61109D**.

À minha mãe, mulher que é meu amor
Às minhas avós, mulheres que me
inspiram
À Elisa Atman, mulher que me ensina a
ser forte e potente
Às minhas amigas, mulheres que me
ensinam sobre pluralidade
A todas as mulheres que fortaleço por ser
uma mulher que estuda mulheres
Aos homens que amam verdadeiramente a
nós, mulheres
Às mulheres que transformam o mundo
À mim, mulher

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. O início deste agradecimento começa reconhecendo a impossibilidade de nomear todos que me ajudaram a construir esta dissertação. A clareza dessa limitação advém do entendimento de que as muitas mãos simbólicas que me auxiliaram a escrevê-la pertencem a todas aquelas pessoas que estavam diretas ou indiretamente ligadas a mim, muitas das quais não conheço o nome e talvez nunca venha a conhecer. Ademais, entendo que as contribuições vieram de uma rede impossível de hierarquizar, deixando claro, aqui, a irrelevância da ordem dos agradecimentos.

Meus profundos e sinceros agradecimentos à minha orientadora Maria Cristina Rosa, à Universidade Federal de Minas Gerais, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à minha família, aos amigos e aos profissionais que me acompanharam nesta caminhada.

À Maria Cristina, deixo meus agradecimentos por me proporcionar autonomia na escolha da temática, por abrir portas para a criatividade e por possibilitar a criação de um banco de dados rico que espero inspirar futuras pesquisas. Agradeço a você pela paciência no cultivo de uma relação que me fez nascer, florescer, morrer e renascer.

À Universidade Federal de Minas Gerais que, para além de uma instituição educativa, é também uma cidade com suas peculiaridades exemplares e ainda um lar. Nomeio a Universidade entendendo que ela é constituída por todos aqueles que se fazem presentes nela: técnicos administrativos, docentes, discentes, terceirizados e tantas outras pessoas que a concretizam como uma Universidade de excelência.

À minha família, deixo meus sinceros agradecimentos. Destaco as mulheres que me inspiram com sua força e coragem. Obrigada, mamãe, vovó Wanda e vovó Mira por me ensinarem a ser a mulher que sou hoje e por segurarem minhas mãos - de forma simbólica - para que eu tivesse a coragem necessária para finalizar esta dissertação. Sempre me lembrarei de todas as vezes que vocês destacavam a importância do silêncio para que eu tivesse meus valiosos momentos de estudo, mas também por sentirem minha falta e me lembrarem de vocês e de mim mesma quando eu estava imersa demais nos estudos. Obrigada, papai, por me ensinar o valor da educação formal. Obrigada, Dede, por me ensinar o valor de estudar nós, seres humanos. Obrigada, vovô Josias, pelas doces memórias que criei de você a partir do

meu pai. Obrigada, vovô Lusardo, pelo encorajamento para ser uma mulher que pode ser meiga e inteligente, mostrando que ambos podem coexistir.

Às minhas amigadas, obrigada: Grace Anna Hanson Siqueira, Hannah Crawford Souza e Malte Schulze por me ensinarem o valor de ser estrangeira, sobretudo dentro de mim mesma; Karolina Hugo, por compartilhar momentos tão valiosos na Colômbia e momentos antes e durante minha defesa; Marina Jorge Gouvêa, pela amizade que atravessa da adolescência à vida adulta; Leticia Azevedo, pela amizade que compartilha valores tão similares; Camila Roque, por ser uma bibliotecária exemplar e uma amiga tão divertida; Paulinha, por ser uma amiga que me ensina o valor da arte e a enfrentá-la com tanta coragem; Maryê Carneiro, por ser uma amiga que me demonstra o valor inestimável do cuidado.

Aos profissionais que me acompanharam até aqui, obrigada: Elisa Atman, seu valor e preciosidade como minha analista são impossíveis de expressar em poucas palavras, mas deixo aqui uma tentativa: essa conquista é nossa. Kathlén e Juliana espero que possamos concretizar uma amizade que transcenda o profissional. Flávia da Cruz Santos, sou profundamente grata pelas contribuições na qualificação, pela presença na banca e, principalmente, pelas reflexões que me tocaram e seguirão comigo na vida. Igor Maciel da Silva, agradeço pelas valiosas contribuições na qualificação e por ser uma constante inspiração no estudo das mulheres. Vitor Lucas de Faria Pessoa, agradeço por se dispor a trazer excelentes e humanas perspectivas ao meu trabalho.

Agradeço também à CAPES por fornecer os recursos e o apoio necessários para a realização e concretização deste estudo.

Meu Deus, me dê a Coragem

[...] Faça com que a solidão não me destrua.
Faça com que minha solidão me sirva de companhia.
Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar.
Faça com que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.
Receba em teus braços
o meu pecado de pensar.

Clarice Lispector (1999).

RESUMO

A cidade de Belo Horizonte, planejada para ser a nova capital do estado de Minas Gerais, desde seu início contava com um Parque Municipal, espaço público de divertimento para a população belo-horizontina. Este estudo teve por objetivo estudar os divertimentos de mulheres neste Parque, nos anos de 1910 a 1951, buscando compreender quem eram essas mulheres; principais atividades realizadas por elas nesse espaço; mudanças ou permanências nos divertimentos por elas praticados ao longo desses anos; como e com quem se divertiam, entendendo relações estabelecidas com outros sujeitos e com a natureza; e influências da estrutura do local nas práticas de divertimento dessas mulheres ao longo dos anos. Realizou-se pesquisa com abordagem historiográfica, tendo como perspectiva teórico-metodológica a História Social e a História das Mulheres. A pesquisa bibliográfica foi feita nas bases da SciELO, da Licere, da RBEL, do portal de periódicos da CAPES, do Google Acadêmico, do Sistema de Bibliotecas da UFMG, da *Web of Science* e da Scopus. Na pesquisa documental o acervo consultado foi o da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A busca por fontes foi realizada a partir da palavra-chave “parque municipal”, sendo selecionadas as ocorrências de matérias/reportagens que faziam referência ao Parque Municipal de Belo Horizonte para posteriormente ser analisado o divertimento das mulheres nesse espaço. As mulheres, em sua maioria da elite belo-horizontina, eram professoras de grupos escolares, artistas, esposas etc., e estavam presentes em vários divertimentos praticados no Parque, destacando-se festas (beneficentes, da natureza, cívica e esportivas), práticas corporais, excursões e exposições. Elas se divertiam com homens, crianças, familiares, autoridades governamentais, escolares, abrangendo pessoas de diferentes classes sociais. As formas de participação foram diversas, como participantes, promotoras, expositoras, vendedoras e integrantes de comissões. As festas beneficentes se destacaram devido a sua participação em diferentes funções, inclusive na promoção. O Parque um importante espaço público configura-se como local de sociabilidade e visibilidade dessas mulheres, protagonistas em várias situações. As relações estabelecidas por essas mulheres com a natureza foram permeadas por valores atribuídos ao ambiente do Parque, como belo, sossegado, com ar puro, benéfico para a saúde. Alguns divertimentos estiveram presentes ao longo das décadas e contaram com a participação delas, como festas em benefício de instituições; outros não, como quermesses e exposições, identificadas apenas na década de 1910. Há permanência de mulheres em comissões organizadoras e em barracas de festas, estando presentes em diferentes ações caritativas para várias instituições. Divertimentos por elas praticadas foram impactados também por mudanças estruturais nesse espaço, seja para fins estéticos, educacionais ou de diversão.

Palavras-chave: parque municipal; Belo Horizonte; mulheres; divertimentos.

ABSTRACT

Belo Horizonte, planned to become the new capital of the state of Minas Gerais, included a “Parque Municipal” from its inception, serving as a public space for free time activities for the population of Belo Horizonte. This study aimed to explore the leisure activities of women in this park from 1910 to 1951, seeking to understand who these women were, the main activities they engaged in within this space, the changes or continuities in the free time activities they practiced over the years, how and with whom they spent their leisure time, including the relationships they established with other individuals and with nature, and the influence of the park’s structure on their leisure practices over time. A historiographical research approach was employed, grounded in the theoretical and methodological perspectives of Social History and Women's History. The bibliographic research was conducted through databases such as SciELO, Licere, RBEL, CAPES, Google Scholar, “Sistema de Bibliotecas UFMG”, Web of Science, and Scopus. For the documentary research, the collection consulted was the “Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional”. The search for sources was conducted using the keyword “parque municipal,” with selected occurrences of articles/reports referencing the “Parque Municipal de Belo Horizonte”, which were then analyzed in relation to women's leisure activities in this space. The women, mostly from Belo Horizonte's elite, were teachers from school groups, artists, wives, etc., and participated in various leisure activities in the park, with particular emphasis on parties (charitable, nature-related, civic, and sports events), physical activities, excursions, and exhibitions. They enjoyed these activities alongside men, children, family members, government authorities, and students, encompassing people from different social classes. Their participation took on diverse forms, such as attendees, organizers, exhibitors, vendors, and members of committees. Charitable events stood out due to their involvement in various roles, including promotional activities. The park, as an important public space, became a place of sociability and visibility for these women, who played leading roles in various situations. Their relationships with nature were shaped by the values attributed to the park's environment, such as its beauty, tranquility, fresh air, and health benefits. Some leisure activities remained consistent across the decades, such as parties benefiting institutions, while others, such as fairs and exhibitions, were only identified in the 1910s. There was a continued presence of women in organizing committees and at party stalls, where they participated in various charitable activities for different institutions. The leisure activities they engaged in were also impacted by structural changes in the park, whether for aesthetic, educational, or entertainment purposes.

Keywords: municipal park; Belo Horizonte; women; leisure activities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reprodução da planta geral do Parque Municipal, em 1895.....	30
Figura 2 – Projeto de restaurante no Parque Municipal, em 1895.....	48
Figura 3 – Projeto do observatório do Parque Municipal, em 1895.....	48
Figura 4 – Projeto da Entrada Principal do Parque Municipal de Belo Horizonte.....	51
Figura 5 – Projeto das entradas laterais do Parque Municipal.....	51
Figura 6 – Projeto de ponte rústica no Parque Municipal.....	53
Figura 7 – Projeto do coreto para música no Parque Municipal, em 1895.....	60
Figura 8 – Cisne no lago do Parque Municipal.....	63
Figura 9 – Mulheres passeando de barco no lago do Parque Municipal, em 1927.....	64
Figura 10 – Aspecto de um dos lagos do Parque Municipal, ladeado por árvores e ruas, em 1939.....	65
Figura 11 – Alamedas sinuosas em outros pontos do Parque Municipal.....	69
Figura 12 – Alamedas retilíneas em uma das partes do Parque Municipal, em 1936.....	70
Figura 13 – Palavra “ <i>Kermesse</i> ” em uma das fontes que destaca a realização dessa festa no Parque Municipal de Belo Horizonte, no ano de 1913.....	90
Figura 14 – Dia da inauguração da Feira Maravilhosa.....	104
Figura 15 – Presença de mulheres na <i>Garden Party</i> em benefício da Associação das Damas de Caridade realizada no Parque Municipal de Belo Horizonte, no ano de 1915.....	107
Figura 16 – Festa Esportiva promovida para ocorrer no dia 4 de agosto de 1912. A festa era denominada explicitamente como “festa sportiva”.....	115
Figura 17 – O festival, que ocorreu em 1915, possuía como centralidade as partidas de tênis, porém não era denominada explicitamente como Festa Esportiva.....	115
Figura 18 – Bueno Brandão, ajudantes de ordens, oficial de gabinete e mulheres, sendo elas mencionadas como da família do Presidente.....	128
Figura 19 – Exposição Municipal, no Parque Municipal. À direita, a seção de galinhas.....	129
Figura 20 – Automóvel ornamentado, na Exposição Municipal.....	129
Figura 21 – Seção de floricultura da Exposição Municipal.....	130
Figura 22 – Aspecto do pavilhão central, no momento que eram queimados lindos fogos de artifício, no Parque Municipal.....	130

Figura 23 – Pavilhão, denominado como de Bueno Brandão, armado no Parque Municipal, antes da primeira batalha de confete que foi organizada pela comissão organizadora da Exposição.....	131
Figura 24 – Gaiola de galinhas, na Exposição Municipal.....	131
Figura 25 – Sequência de imagens, na Exposição Municipal, no Parque Municipal. A presença das mulheres e do administrador do Correios foram destacadas.....	132

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Número de ocorrências de jornais/reportagens identificados no banco de dados sobre Parque Municipal.....	25
Quadro 2 – Quermesses no Parque Municipal de Belo Horizonte.....	90
Quadro 3 – Festas em Benefício de Instituições que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte.....	99
Quadro 4 – <i>Garden Parties</i> que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte.....	106
Quadro 5 – Festas Esportivas que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte.....	114

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCNC – Comissão Construtora da Nova Capital
CEFET-MG – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais
CSH – *Club de Sports Hygienicos*
CVRD – Companhia Vale do Rio Doce
DER – Departamento de Estradas e Rodagens
EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
HDBN – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
IC – Iniciação Científica
JK – Juscelino Kubitschek
Licere – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
MG – Minas Gerais
MTC – Minas Tênis Clube
NSA - Não se aplica
PE- Pernambuco
PMBH – Parque Municipal de Belo Horizonte
PPGIEL/UFMG – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na
Universidade Federal de Minas Gerais
RBEL – Revista Brasileira de Estudos do Lazer
SciELO – *Scientific Electronic Library Online*
s. d. – sem data
SE – Sergipe
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	BELO HORIZONTE, OS DIVERTIMENTOS E O PARQUE MUNICIPAL	29
	2.1 Belo Horizonte e os divertimentos.....	29
	2.2 Parque Municipal de Belo Horizonte e os divertimentos.....	44
	2.2.1 Estruturas e transformações no Parque Municipal.....	50
	2.2.2 Usos e apropriações do Parque Municipal.....	74
3	DIVERTIMENTOS PRATICADOS PELAS MULHERES NO PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE.....	84
	3.1 Festas no Parque: cenários de sociabilidade.....	84
	3.1.1 Festa beneficente: a “luta” contra a pobreza.....	86
	3.1.1.1 Quermesse.....	89
	3.1.1.2 Em benefício de instituições.....	99
	3.1.2 Festa da natureza: celebrações ao ar livre.....	104
	3.1.2.1 <i>Garden Party</i>	106
	3.1.2.2 Festa da árvore: a valorização do verde na capital das árvores.....	108
	3.1.2.3 Festa da Primavera.....	109
	3.1.3 Festa Cívica.....	111
	3.1.4 Festa Esportiva.....	114
	3.2 Práticas corporais.....	117
	3.3 Exposição.....	123
	3.4 Excursão.....	133
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
	FONTES.....	137
	REFERÊNCIAS.....	153

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata sobre os divertimentos das mulheres em um espaço ao ar livre, o Parque Municipal de Belo Horizonte, nos anos de 1910 a 1951, e é fruto de experiências pessoais e profissionais vivenciadas em diferentes momentos da minha trajetória de vida.

O interesse pelo estudo da natureza começou na formação como Técnica em Meio Ambiente, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Campus I, que se iniciou em 2012. Essa vivência ampliou o meu olhar sobre as questões ambientais e a importância do ambiente em que vivemos. Apesar do grande apreço pela minha formação no curso integrado, que o CEFET-MG me proporcionou, a minha decisão de escolha em ingressar no curso de Educação Física, na modalidade de Bacharelado, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2016, foi por meio de experiências pessoais e profissionais.

Essas experiências foram a partir da paixão pelo exercício físico ao longo da adolescência e da participação em um projeto de Iniciação Científica (IC), ainda no CEFET-MG, denominado “Produção de material didático interdisciplinar relativo ao esporte orientação no contexto da educação profissional”. O esporte orientação pode ser entendido como uma prática esportiva realizada predominantemente na natureza destinado para instituições escolares. Essa prática possui “ferramenta pedagógica interdisciplinar que desenvolve vários aspectos psicossociais, biológicos e antropológicos que possibilitam o crescimento intelectual, físico e social dos alunos” (Silva, 2011, p. 11). A pesquisa realizada foi um dos grandes propulsores para a continuidade dos estudos na graduação em Educação Física e, posteriormente, sobre divertimentos e natureza no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O interesse em estudar mulheres, por sua vez, teve relação com experiências no ambiente profissional realizadas por mim ao longo da graduação, como academias de musculação, centros de treinamento funcional, empresa de escalada, projetos de iniciação científica, projetos de extensão, realização de disciplinas obrigatórias e optativas, realização de estágios obrigatórios e não obrigatórios e intercâmbios acadêmicos e não acadêmicos. Essas vivências, que foram também minhas primeiras experiências profissionais, reforçaram meu interesse em problematizar e entender melhor sobre as relações que as mulheres estabeleciam em seus ambientes.

A participação na disciplina de “História e Educação Física”, durante a graduação, me trouxe também importantes reflexões sobre as mulheres através de pontuações sobre a educação do corpo e a participação ao longo da história das mulheres no esporte. Diante de diferentes opções, e com o desejo de seguir no mestrado, me veio à reflexão sobre o que realmente faria sentido e o que me motivaria a manter meus estudos por mais dois anos.

Ingressei em uma pesquisa historiográfica na IC voluntária, no ano de 2021, denominada “Parque Municipal de Belo Horizonte nas primeiras décadas da capital: divertimento, tratamento e cura”, coordenada pela professora Maria Cristina Rosa, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). Essa experiência me possibilitou estudar, a partir de uma perspectiva histórica, parques municipais e divertimentos; relacionar conhecimentos adquiridos durante minha trajetória na formação como Técnica em Meio Ambiente e bacharela em Educação Física, além dos estudos sobre as mulheres.

Vale destacar que estudos sobre divertimentos sob a perspectiva da história não tinham feito, até então, parte da minha trajetória acadêmica. Entretanto, despertaram meu interesse e me possibilitaram estudar os divertimentos de mulheres sob essa perspectiva. Além disso, participações em eventos acadêmicos científicos durante a iniciação, como da Semana do Conhecimento/UFMG do 2º Colóquio Interdisciplinar de Estudos do Lazer e do III Colóquio Lote e Quadra, Cidade e Territórios: Espaços Livres, Redes Ecológicas e o Direito à Paisagem, todos em 2021, possibilitaram aprofundamentos sobre o tema.

Consequentemente, um movimento relacionando divertimentos, mulheres e o Parque Municipal de Belo Horizonte (PMBH), em uma perspectiva histórica, foi feito no TCC para a aquisição do título de bacharela em Educação Física na UFMG. A monografia intitulada “O uso e a ocupação, por mulheres, do Parque Municipal de Belo Horizonte, um espaço de divertimento ao ar livre, no final do século XIX e início do século XX” mostrou que principalmente mulheres da elite belo-horizontina se divertiam em diferentes práticas no Parque Municipal de Belo Horizonte na temporalidade estudada.

Dentre essas práticas estavam diferentes eventos, festivais e festas que contavam com a presença também de homens, crianças e/ou famílias. Essas mulheres participavam de festas, como as beneficentes, que possuíam diferentes ações, como as vinculadas à igreja, à associação de damas de caridade e ao orfanato. Além disso, elas ocupavam vários papéis nas ações realizadas pelas instituições beneficentes, por exemplo, como organizadoras e/ou se divertindo nas festividades. Da mesma forma, estabeleciam uma relação com a natureza através da própria utilização dos espaços do Parque para se divertirem (Viana, 2021a).

Os resultados dessa pesquisa, que contemplou a transição do século XIX e início do século XX, me fizeram pensar na importância de realizar um estudo com maior aprofundamento e num recorte temporal ampliado, como propõe este estudo que abrange o recorte temporal de 1910 a 1951, para compreender melhor como as mulheres se relacionavam no Parque Municipal de Belo Horizonte, se continuavam a realizar as mesmas práticas de divertimento e como, as formas de uso dos espaços do Parque por elas, relações que estabeleciam com e na natureza, como atuavam nesse espaço e em quais práticas, buscando compreender mudanças e permanências em seus divertimentos ao longo das décadas.

Buscando a melhor compreensão desses aspectos supracitados, instigaram-me a pensar: quais eram as práticas de divertimento das mulheres nos anos de 1910 a 1951, no Parque Municipal da cidade de Belo Horizonte? Ademais, este estudo busca questionar: Quais eram as práticas de divertimento das mulheres, suas mudanças e permanências, nesse espaço público ao ar livre? Como a arquitetura do Parque influenciou as maneiras como essas mulheres se divertiam? Elas se divertiam sozinhas ou acompanhadas? Quais os papéis exerciam nas festas e outros eventos? Quem eram essas mulheres? Quais eram as mudanças e permanências desses divertimentos ao longo dos anos? Quais relações estabeleciam com a natureza?

No Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG), local onde este trabalho foi desenvolvido, foram pesquisados os estudos que abordavam sobre o lazer e mulheres considerando a contribuição e relevância do programa:

[...] para consolidar a produção de conhecimentos sobre o Lazer no Brasil. Embora a temática já venha sendo estudada em diversos Programas de Pós-Graduação, o PPGIEL foi pioneiro no estudo da especificidade da temática na realidade brasileira e tem alcançado destaque no âmbito acadêmico (Estudos, 2024, p. ??).

Contudo, na busca realizada não foram encontradas produções até o momento que aprofundem sobre a temática desta pesquisa, há autores(as) que relacionam lazer e mulheres, porém não trouxeram contribuições diretas para este estudo, como Iara Félix Pires Viana, Claudia Regina Bonalume, Leticia Mara Pereira de Sousa, Juliana Araújo de Paula, Igor Maciel da Silva e Keila Souza Pereira Oliveira.

As produções dessas autoras foram: a dissertação e tese de doutorado da Iara Félix Pires Viana, intitulada como “Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer”

(2013) e “Trajetórias socioespaciais, narrativas cinematográficas e lazer de cineastas negras: intersecções entre racismo e sexismo” (Viana, 2021b), respectivamente, além de obras como a dissertação “Fumo por lazer, sim!”: significados e representações do uso recreativo de maconha para mulheres” da autora Leticia Mara Pereira de Sousa (2020), a tese de doutorado de Juliana Araújo de Paula, intitulada “O processo de constituição das deusas do ébano: dança, mulheres negras e vínculos comunitários no contexto do Bloco Afro Ilê Aiyê” (2023), a dissertação da Keila Souza Pereira Oliveira (2023), intitulada “Lazer de mulheres negras no sertão baiano: experiências e resistências em diálogo com organizações sociais e políticas em Caetitê-BA” e, por fim, a tese de doutorado “O lazer das mulheres na mesa de negociações: cartografando o lazer em movimentos sociais de mulheres brasileiras”, da autora Claudia Regina Bonalume (2020).

Nesse último trabalho foi possível observar as permanências em relação ao lazer de mulheres na história e a dificuldade de acesso delas aos divertimentos. Com isso, a autora (2020) aborda, em um contexto atual, que permanece na história...

[...] o quanto o lazer nos parece mesmo a nós mulheres, algo distante da realidade das mulheres e mais próximo aos homens; como o lazer das mulheres é perpassado por questões que envolvem família, preocupações, trabalho, tempo livre, entre outras; que o que entendemos por lazer varia entre nós e o quanto vivenciar o lazer, ainda demanda um posicionamento político das mulheres (Bonalume, 2020, p. 37).

Os estudos mencionados são exemplos de pesquisas recentes que foram publicadas por integrantes do PPGIEL/UFMG, o que evidencia que tema mulheres e lazer têm ganhado destaque nos últimos anos. Esses estudos, apesar de não terem como centralidade a historiografia, com exceção dos trabalhos de Igor Maciel da Silva, que serão abordados posteriormente, demonstram a visibilidade que os trabalhos relacionados as mulheres têm ganhado.

Outra perspectiva que traz contribuições para esta pesquisa é sobre lazer, história e mulheres, sobre a qual tem sido produzidos e divulgados estudos, como artigos, teses de doutorado e dissertações de mestrado, sobretudo por autores(as) como Silvana Goellner, Marlaine Lopes de Almeida, Juliana Dias Palmeira, Janice Zarpellon Mazo, Carolina Fernandes da Silva, Adriana Oliveira da Silva e Graciele Dellalibera de Mello.

Silvana Goellner destaca-se pelas contribuições para se pensar sobre as mulheres e o esporte na história e para o melhor entendimento no momento das análises dos dados desta pesquisa o porquê de as mulheres estarem ou não presentes nos esportes no Parque Municipal

de Belo Horizonte na temporalidade desta pesquisa. Outra questão que essa autora discutiu sobre o papel das mulheres na sociedade, auxiliando entender por que elas estavam ou não ocupando determinados espaços públicos.

Na sua tese de doutorado, intitulada “Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica”, Goellner (1999) aborda sobre diferentes imagens das mulheres presentes no primeiro periódico específico da Educação Física, a Revista Educação Física, publicada entre 1932 e 1945; práticas corporais e esportivas consideradas divertimentos e a visibilidade do corpo feminino no início do século XX. Trata sobre três temas específicos, sendo eles beleza, maternidade e feminilidade.

Outro estudo dessa autora (2000) que pode ser destacado é o artigo “A educação física e a construção de imagens de feminilidades no Brasil dos anos 30 e 40”, que trata sobre a Educação Física e imagens de feminilidades. Nele a autora aborda, particularmente, sobre as práticas corporais e a visibilidade do corpo feminino no início do século XX, destacando algumas modificações políticas, econômicas e culturais da sociedade brasileira deste tempo.

No artigo “A inserção histórica da mulher no esporte” (Goellner, 2008a) é tratado sobre como se deu a inserção da mulher no esporte e os preceitos que norteavam o afastamento delas dessas práticas corporais. Já o artigo “Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história” (Goellner, 2006) objetiva evidenciar que a participação das mulheres no esporte merece ser analisada com cautela e o artigo “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX” (Goellner, 2008b) discute sobre a importância atribuída ao esporte na política de fortalecimento da população brasileira branca no início do século XX. Esses trabalhos auxiliaram a entender as relações históricas das mulheres com o esporte.

O autor Igor Maciel da Silva discute os divertimentos das mulheres em cidades do estado de Minas Gerais. Seus trabalhos auxiliam na compreensão de como as mulheres também se divertiam na cidade de Belo Horizonte trazendo diversas contribuições sobre a história dos divertimentos das mulheres. Na dissertação de mestrado do autor (2018) “Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)”, produzida no PPGIEL/UFMG, ele objetiva compreender as formas de participação das mulheres de Barbacena nos divertimentos nos anos de 1914 a 1931. Foi possível constatar que as barbacenenses participavam dos divertimentos de diferentes formas, como espectadoras, organizadoras e integrantes.

Em seu artigo “A presença das mulheres nos divertimentos de Barbacena – MG (início do século XX)” (Silva, 2017) apresenta um dado panorama da presença das mulheres nos

divertimentos dessa cidade, tendo como fonte o jornal da *Cidade de Barbacena*, em que foi possível perceber que as mulheres estiveram presentes nos divertimentos e demais acontecimentos festivos do espaço público, mesmo que de forma controlada.

O artigo “As mulheres de Barbacena (MG) e as sessões chiques de cinema (anos de 1926 e 1927)” (Silva; Mayor, 2020a) teve como objetivo investigar a presença das mulheres de Barbacena nas sessões de cinema dedicadas especificamente para o público feminino, e que eram denominadas como “Sessões Chiques”, nos anos de 1926 e 1927. A análise foi realizada a partir de reportagens do impresso *Cidade de Barbacena*, da revista *Nação Brasileira*, em que constataram que elas vivenciavam uma nova experiência, sendo incentivadas a outras atividades proporcionadas pelo local, como práticas corporais, como as desempenhadas pelas atrizes *hollywoodianas*.

Ainda sobre Barbacena, o artigo denominado “Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX” (Silva; Rosa, 2020) buscou compreender como as mulheres de Barbacena participaram do futebol nas primeiras décadas do século XX. Constatou-se que participavam como assistentes-espectadoras e assistentes-torcedoras sendo responsáveis pelo lance inicial de partidas, pela entrega de premiação à equipe vencedora e como madrinha de time.

Em seu artigo “Divertimento é emancipação: a participação de Maria Lacerda de Moura nas festas de Barbacena (MG) até a década de 1920” (Silva, 2021) trata sobre a vivência de uma professora, intelectual e anarcofeminista, Maria Lacerda de Moura, nos divertimentos da cidade de Barbacena até a década de 1920, em específico em festas. Nesse estudo foi realizada uma análise documental, em que foi possível constatar que ela estava presente na organização de festas beneficentes e de que sua profissão, como professora, proporcionava a sua circulação em diferentes grupos, lugares e práticas.

Além desses estudos outros ainda foram publicados sobre Barbacena relacionando lazer, história e mulheres, como “Da participação das mulheres nas danças em Barbacena - MG (Cidade de Barbacena, 1915-1930)” (Silva, 2020a), “Rápida como os patins: a presença das mulheres na patinação em Barbacena - MG no início do século XX” (Silva, 2020) e “Mulheres no atletismo (Barbacena-MG, 1926): um estudo preliminar” (Silva; Mayor, 2020). Esses trabalhos são importantes para esta pesquisa porque Barbacena é uma das cidades do estado de Minas Gerais, onde está localizada a cidade de Belo Horizonte e fica situado o Parque Municipal analisado. Ademais, ajudaram a pensar como as mulheres se divertiam no

recorte espacial deste estudo a partir das produções realizadas, por esse e outros autores que tematizam outras cidades do estado de Minas Gerais.

Dentre outros trabalhos historiográficos sobre lazer e mulheres, podemos mencionar a tese de doutorado, intitulada “O *Club Sportivo* Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)” (Almeida, 2017), que tem como objeto de estudo o *Club Sportivo* Feminino e objetiva analisar como a educação constituiu-se em um elemento de circulação, sociabilidade e condição de acesso das mulheres aos clubes dançantes, aos clubes esportivos e aos eventos e festivais esportivos em Aracaju-SE. Esse estudo constatou que o *Club Sportivo* Feminino inaugurou novas formas de sociabilidade para as mulheres no âmbito público, como o esporte e a dança.

Outro trabalho que relaciona essa temática é a dissertação de mestrado “Aqui, apesar do frevo, há moralidade: a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife da década de 1920” (Palmeira, 2015), que tem como objetivo perceber as ações das mulheres pertencentes aos Blocos Carnavalescos Mistos, além de tratar sobre a ocupação do espaço público pelas mulheres no carnaval da cidade de Recife/PE, na década de 1920 no bloco.

No artigo “As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas” (Mazo; Silva; Lyra, 2010) é tratado sobre a trajetória das mulheres no cenário esportivo de Porto Alegre, em que oscilavam entre espectadoras a protagonistas. Esse estudo teve como objetivo identificar os diferentes modos assumidos pelas mulheres na construção do associativismo esportivo porto-alegrense no fim do século XIX ao início do século XX.

Além desses, outros dois artigos que tratam sobre essas temáticas dos estudos historiográficos sobre mulheres e lazer são “Ginástica para mulheres no Instituto de Cultura Física (1928-1937): primando pela graça e beleza” (Dantas; Mazo; Dias, 2018) e “A participação das mulheres no automobilismo de rua no Rio Grande do Sul (1930-1950): de coadjuvantes a protagonistas” (Maduro; Mazo; Kilpp, 2009). E por fim, a dissertação denominada como “Damas da sociedade: caridade, política e lazer entre as mulheres de elite de Itabuna (1924-1962)” (Silva, 2012), que possui como objetivo entender as diferentes produções de identidades femininas em Itabuna, na Bahia, entre os anos de 1924 e 1962.

Assim como os estudos relacionando as práticas de divertimento das mulheres em um contexto histórico na cidade de Barbacena auxiliam a pensar como as mulheres se divertiam no recorte espacial deste estudo, é importante também ampliar os olhares para outras cidades do país, considerando o contexto econômico, social e político de cada estudo, segundo a

região e época investigada, o que possibilita estabelecer diálogos, analisar similaridades e divergências das práticas de divertimento das mulheres entre as diferentes regiões do Brasil.

Ademais, estudos mais abrangentes sobre o lazer em contextos históricos foram analisados para que se pudessem ter mais contribuições para esta pesquisa. Entre os autores mobilizados estão o Victor Andrade de Melo e Leonardo do Couto Gomes. Os autores (2021), em seu artigo intitulado como “Aos touros: a touromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916)”, trouxeram importantes contribuições para se pensar a dinâmica dos divertimentos na cidade de Belo Horizonte e em seu Parque Municipal a partir de uma outra capital brasileira: Curitiba. Essas contribuições perpassaram pelo entendimento do divertimento abordado por eles, no caso, a touromaquia, além de suas relações com o imaginário da modernidade e as noções de progresso e civilização.

Ademais, a contextualização histórica que os autores realizaram da cidade de Curitiba possibilitou pensar Belo Horizonte e as similaridades que ocorriam entre os contextos das capitais brasileiras, no início do século XX. Além disso, possibilitou refletir sobre as permanências, que ocorriam nessas cidades, como a insistência do rural no urbano, as tentativas de convencimento da população sobre determinados divertimentos considerados inovadores; a exaustão de determinados trabalhos pelos trabalhadores *versus* o imaginário de modernização que ocorriam em detrimento do crescimento das cidades; maiores destaques dos divertimentos em determinada época comparada a outra; e a dinâmica desses divertimentos através de seu público, sua estrutura, seus ingressos, suas aceitações e resistências e como se lidava com os percalços advindos deles nas cidades.

Há relevância para o entendimento dos divertimentos quando se pensa sobre os autores(as) que estudam esses em contextos históricos. Entretanto, vale destacar que há necessidade de mais estudos sobre lazer e mulheres, mais ainda trabalhos historiográficos relacionados às práticas de divertimentos, especialmente quando se busca problematizá-los nos parques, importantes espaços públicos de divertimento que tiveram destaque no final do século XIX e na primeira metade do século XX, mas não só, quando pensamos em seus impactos sobre o lazer das mulheres na nossa sociedade.

Algumas obras auxiliaram-nos a pensar os divertimentos e suas relações com a natureza. O livro, intitulado “Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana” (Soares, 2016), traz abordagens sobre a história do corpo ao ar livre no final do século XIX e início do século XX, em um momento em que as cidades se encontravam em expansão. Outra obra, um artigo, que trata sobre essa mesma temática é “À sombra das

árvores... respirando ar puro: educação e divertimento junto à natureza na São Paulo dos anos 1920” (Soares; Santos Neto, 2018), em que é problematizado sobre as práticas educativas e de divertimento junto à natureza, que ocorriam na cidade de São Paulo nos anos de 1920, e que objetiva entender as relações entre educação, divertimentos e vida ao ar livre nessa cidade e temporalidade. Já no artigo “Parques urbanos e o campo dos estudos do lazer: propostas para uma agenda de pesquisa” (Pacheco; Raimundo, 2014) é discutido sobre a trajetória das ideias de cidade e cidadania relacionando com o lazer, tendo os parques urbanos também como centralidade do estudo.

Essas obras nos possibilitaram refletir sobre os parques e, com isso, ter mais recursos para a discussão sobre o Parque Municipal. Em relação aos estudos relacionados a esse espaço em uma perspectiva histórica, podemos citar “Parque Municipal de Belo Horizonte: história e memória” (Vilhena, 2005), que traz o olhar sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte através das memórias históricas e pessoais, abrangendo a década de 1950. Outro estudo que aborda esse espaço, embora não tenha a historiografia como centralidade, é “Parque Municipal de Belo Horizonte: público, apropriações e significados” (Góis, 2003). Apesar de não se concentrar especificamente nesse aspecto, a pesquisa trouxe importantes contribuições para a discussão. Já a tese de doutorado “Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)” (Rodrigues, 2006) também merece destaque. Embora o Parque Municipal não fosse o foco central da investigação, o estudo, ao tratar do contexto histórico da cidade de Belo Horizonte, forneceu pistas relevantes sobre esse espaço, que esteve presente desde o início da cidade.

Ademais, outros estudos que abordam a cidade de Belo Horizonte e os divertimentos na cidade são a dissertação “Divirta-se quem puder: História e lazer em Belo Horizonte através da revista *Semana Ilustrada*, 1927-1928” (Mota, 2018) que através da investigação das diversões retratadas na revista *Semana Ilustrada* nas publicações de 1927 e 1928, apresenta importantes reflexões sobre Belo Horizonte e o lazer na cidade e o artigo “Os habitantes de Belo Horizonte ‘como os maiores admiradores do esporte bretão’” (Moura, 2010) que tem como objetivo compreender o futebol em suas múltiplas expressões na cidade; entender como a diversão, a partir do futebol, ocorria em Belo Horizonte; quais eram as representações presentes e como a transição do amadorismo para o profissionalismo impactou as experiências das pessoas envolvidas com o esporte na cidade, nas décadas de 1920 e 1930.

Nesse contexto, e em diálogo com essas e outras produções, este estudo é relevante pelo fato de não existirem trabalhos que visem relacionar os divertimentos, no período dos

anos de 1910 a 1951, tendo como lócus o Parque Municipal e as mulheres como centralidade. Ademais, pode contribuir com reflexões acerca de mudanças e permanências em relação aos divertimentos nos parques, podendo colaborar com reflexões sobre parques urbanos de outras cidades brasileiras.

Esta pesquisa é um estudo historiográfico baseado na História Social e na História das Mulheres. A História, aqui, é compreendida não apenas a partir dos grandes feitos, mas também dos pequenos e das experiências cotidianas. Conforme Prost, “a imaginação do passado mobiliza saberes formado pela prática cotidiana da sociedade em que se vive” (2008, p. 193), ou seja, as práticas cotidianas nos possibilitam compreender a história para além dos grandes feitos.

Segundo Del Priore, “os problemas colocados pelo cotidiano não são ‘menores’, é que a história não é produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário ela se constrói no dia a dia de discretos atores que são a maioria” (1997, p. 386). Ademais, um aspecto da história é de que ela é constituída por:

[...] fatos, questões, documentos, temporalidades, conceitualização, compreensão, busca das causas e exploração das estruturas, ela organiza-se como enredo e escreve-se com frases, compostas por palavras. Toda história apresenta uma dimensão literária ou linguística – digamos, retórica e associada à linguagem (Prost, 2008, p. 209).

A História Social é referida por Hobsbawn (1998) como uma alusão a trabalhos que englobam diversas atividades humanas, difíceis de categorizar, exceto por termos como usos, costumes e vida cotidiana. Além disso, a História Social desenvolveu metodologias próprias, com abordagens socioculturais levando a uma aproximação com a Antropologia (Fonseca, 2003). Ademais, essa História buscou a formulação de problemas históricos específicos em relação ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais (Castro, 1997). Dessa forma:

A História Social, mantém, entretanto, seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individuação dos comportamentos e identidades coletivos – sociais – na explicação histórica (Castro, 1997, p. 89).

Além disso, a História Social foi essencial para a legitimação do estudo das mulheres, conforme apontado por Scott (1992). Segundo Veiga (2003), o livro *Domínios da História* é uma obra que apresenta movimentos de explicitação de problemas, abordagens e objetos da

história, entre esses estão a História das Mulheres e a História Social, abordadas nesta pesquisa.

No livro *Domínios da História*, a história econômica, a história social, a histórica política, a história das ideias e a história cultural são apontadas como “territórios” ou “áreas”. Por sua vez, a história agrária, a história urbana, a história da família, das mulheres, entre outras, são indicadas como campo de investigações e linhas de pesquisa. Essas últimas seriam vistas, aparentemente, como campos cujos objetos poderiam ser tratados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos das primeiras (Fonseca, 2003, p. 52).

De acordo com Leite “dentro da história social começou-se a dar às mulheres a posição de agentes históricos, a partir de suas atuações nas camadas sociais, no grupo familiar e nas culturas” (1994, p. 58). Dessa forma, a História das Mulheres na maioria das vezes tem buscado incluir as mulheres como objeto de estudo e sujeitos da história (Scott, 1992). Entre as vertentes que estudam as lutas e ações das mulheres destaca-se a que se preocupa com manifestações informais de expressão e atuação feminina (Soihet, 1997). Conforme afirma:

No tocante à atuação informal das mulheres, a segunda vertente de nossa análise... Natalie Zemon Davis, Michelle Perrot e Arlette Fargue, que em seus trabalhos, têm buscado desmitificar concepções veiculadas sobre a mulher como submissa, dócil, mostrando as atitudes de resistências por estas desenvolvidas em seu duro cotidiano (Soihet, 1997, p. 410).

Nesta pesquisa, buscou-se uma perspectiva das mulheres como agentes ativos nas mudanças da capital mineira que se formava juntamente com seu Parque Municipal. Dessa forma, foram abordados a história dessas mulheres sob uma perspectiva de resistências e lutas para a ocupação do espaço público e dos divertimentos que ali ocorriam.

O estudo da História das Mulheres permite compreender não apenas se as mulheres ocupam mais ou menos espaços, mas também a natureza e o título de ocupação desses espaços (Rancièr, 1995). Essa História também envolve diferentes elementos, grupos, relações e fatos pertinentes, além de ser uma história relacional, que inclui diversos aspectos envolvendo os seres humanos (Del Priore; Bassanezi, 2000). A marginalização das mulheres nos estudos históricos se faz muito presente, sendo justificada tal exclusão pelo fato da grande maioria dos historiadores serem homens e por essas estarem excluídas dos grandes acontecimentos políticos e sociais na história, estando a serviço do patriarcado. Entretanto, a interdisciplinaridade demonstra uma importância significativa nesses estudos, abrangendo, dessa forma, outras esferas para além das supracitadas (Soihet, 1997). Essa perspectiva possibilita que se tenha ideias importantes para que especialistas de diversas áreas do

conhecimento possam refletir e intervir no mundo contemporâneo a partir dessa história (Del Priore; Bassanezi, 2000).

Com isso, a História das Mulheres não tem sido focada apenas na política, no trabalho, na educação e nos seus direitos civis, mas, também, em outros aspectos, como a família, a maternidade, os sentimentos, a sexualidade (Soihet, 1997) e nos divertimentos, foco deste estudo.

Este estudo possui como recorte temporal os anos de 1910 a 1951, de forma que o seu marco inicial é definido pelas primeiras ocorrências encontradas sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte nas fontes catalogadas e seu marco final pelo ano em que obras de reforma são realizadas no Parque Municipal pelo prefeito da capital da época, Renné Américo Gianetti. A reforma se demonstra um importante marco regional, em que as mudanças estruturais nesse espaço, podem ter contribuído de forma significativa para as formas de diversão da população no Parque, inclusive das mulheres.

O recorte espacial é o Parque Municipal de Belo Horizonte, devido sua grande importância para o arranjo territorial da cidade na temporalidade estudada (Bruttos, 2021). Os sujeitos pesquisados são mulheres por se tratar de um público até então pouco estudado no âmbito dos Estudos do Lazer na cidade de Belo Horizonte em um contexto histórico.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da SciELO, Licere¹, RBEL², portal de periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Sistema de Bibliotecas da UFMG, *Web of Science* e Scopus. Os trabalhos acadêmicos foram buscados com as seguintes palavras-chaves: mulher/lazer, mulheres/lazer, mulher/divertimento, mulheres/divertimento, *women/leisure*, *woman/leisure*, *women/entertainment*, *woman/entertainment*, Belo Horizonte/História e Parque Municipal de Belo Horizonte. Alguns dos principais autores estudados foram Soares (2016), Del Priore e Bassanezi (2000), Bruttos (2021), Rodrigues (2006), Sakata (2018), Bruhns (2009), Schetino (2014), Silva (2023) e Góis (2003).

As palavras chaves não abrangeram meninas e garotas devido ao fato de que em um primeiro movimento realizados nas fontes não foi encontrado um número relevante de matérias/reportagens utilizando esses termos. O termo mais utilizado encontrado nesse primeiro movimento foi mulheres. Em relação aos filtros de busca utilizados nos acervos,

¹ Revista editada pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Lazer da UFMG. A revista é de periodicidade trimestral e não tem fins lucrativos (Sobre, 2023a).

² Publicação da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) sem fins lucrativos e com periodicidade quadrimestral. Possibilita a divulgação da produção científica nacional e internacional sobre o Lazer e outros temas desde 2014 (Sobre, 2023b).

foram empregados todos os recursos de busca bem como aspas. Após a coleta, foi realizado a leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves, e os trabalhos selecionados para análise final foram aqueles que possuíram relação com o tema de interesse, ou seja, com o estudo do divertimento das mulheres.

A pesquisa documental foi realizada na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDBN) (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>), um portal de periódicos nacionais, que possibilita consultas pela internet de periódicos, como jornais, revistas, anuários, boletins e de publicações seriadas. A busca das fontes nesse portal foi realizada a partir da palavra-chave “parque municipal”. As ocorrências das matérias/reportagens foram selecionadas a partir dessa palavras-chave e foram selecionadas aquelas que faziam referência ao Parque Municipal de Belo Horizonte para posteriormente ser analisada a presença das mulheres nesse espaço, assim como sua ausência.

Essa pesquisa apresentou potencial para o estudo das mulheres no âmbito do Estudos do Lazer, pois foram selecionadas a seguinte quantidade de matérias/reportagens com a palavra-chave “parque municipal”, as quais foram estudadas para identificação de reportagens sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte e que posteriormente se buscou pistas sobre a participação ou não das mulheres.

Quadro 1: Número de ocorrências de jornais/reportagens identificados no banco de dados sobre Parque Municipal

Anos	Parque Municipal	Parque Municipal de Belo Horizonte	Presença das mulheres no PMBH
1910-1919	315	221	58
1920-1929	362	114	21
1930-1939	415	179	11
1940-1949	394	185	15
1950-1951	624	304	0
Total	2162	1003	105

Fonte: Arquivo Pessoal

O QUADRO 1 mostra a quantidade de ocorrências com a palavra-chave “parque municipal” presentes no banco de dados e a quantidade de reportagens específicas referentes ao Parque Municipal de Belo Horizonte e as mulheres presentes no Parque em específico. A quantidade de fontes por década e ao longo de toda temporalidade estudada demonstra uma relevância neste estudo.

Na quantidade de ocorrências sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte quando comparando com a quantidade de ocorrências de parque municipal é possível perceber a expressividade e visibilidade que o Parque Municipal de Belo Horizonte possuía na temporalidade deste estudo. Isso se deve, ao fato, da grande quantidade de reportagens encontradas sobre esse local, entendido como uma referência em Belo Horizonte, pela cidade estar se constituindo já com um parque em sua planta.

Em relação às fontes relacionadas às mulheres, percebe-se, ao longo das décadas, uma diminuição na quantidade dessas referências, em que se acredita que esse fato esteja ligado aos jornais que publicavam essas reportagens. Contudo, o estudo dos jornais não foi o foco desta pesquisa, embora se reconheça a importância dessa análise para uma compreensão mais aprofundada do contexto das mulheres na época.

Ademais, a diversidade desses jornais encontrados demonstra uma relevância para esse estudo, a qual demonstra apontamentos sobre atividades no Parque Municipal de Belo Horizonte em diferentes localidades do país, como nos jornais O Paiz e FON-FON: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente, publicados na cidade do Rio de Janeiro; e o Pharol publicado na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. Dessa forma, estudos posteriores que aprofundem sobre esses jornais demonstram importantes potencialidades.

As matérias/reportagens selecionadas foram baixadas, organizadas e catalogadas no banco de dados elaborados no *software Microsoft Excel* com os seguintes itens: jornal, data, edição, local de publicação, página, coluna, título, cidade/estado, parque, imagem, mulheres, crianças, homens, família, escoteiros, alunos/escolares, militares, autoridades governamentais, elite, tiro, orquestra, *pic-nic*, *lunch*, bandas de música, batalha/fogos de confete, queima de fogos de artifício, lança perfume, missa, corso, banquete, brincadeiras/jogos, esporte, ginástica, festa/festival, festa esportiva, festa beneficente, festa da árvore, festa da primavera, festa escolar/infantil, festa da bandeira, *Garden Party*, quermesses, outras diversões/eventos, almoço, discurso, solenidades, feiras, desfile, churrasco, reunião, recepção, visitas, acampamentos, cerimônia, exposições, excursão/turismo, crimes, clubes esportivos, teatro, piscina, lago/lagoa, coretos, estátuas/estatuetas, palanques, alamedas/áreas/ruas/avenidas, zoológico, cassino, pontes, portão, restaurante, bar, café, pavilhões, barracas/barraquinhas, natureza, melhoramentos, instituições, Alberto Guignard, Belo Horizonte, descrição do conteúdo, observação, link e transcrição, em que o link possibilita o acesso ao conteúdo do jornal em destaque.

Após essa etapa foram identificadas e transcritas todas as matérias/reportagens sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte e posteriormente, foram selecionadas aquelas que faziam referência apenas as mulheres nesse espaço. Por fim, os divertimentos que as mulheres estavam presentes foram separados e mais bem identificados no banco de dados sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte para auxiliar a responder aos objetivos desta pesquisa.

Segundo Lopes (1996), as fontes podem ser classificadas em escritas e não escritas, sendo que estas últimas subdivididas em figuradas e registradas. As fontes não escritas registradas incluem as fotografias, que exigem uma metodologia específica e detalhada para estudo. As imagens começam a aparecer nas matérias selecionadas na década 1910, sendo registradas as suas participações em diferentes atividades, como passeios, festas e exposições. No entanto, tais fontes não serão analisadas nesta pesquisa devido especialmente ao limite de tempo do mestrado, o que nos demanda escolhas.

A análise se concentrou, pois, nas fontes escritas, especialmente nas matérias de jornais, enquanto as imagens serão utilizadas apenas para reforçar e esclarecer pontos específicos ao longo da dissertação. Tais escolhas também foram utilizadas por outros autores, como Cândido, que fizeram escolhas de utilizar as fotografias como “forma de ilustrar as discussões que estavam sendo feitas nos capítulos, aproximando-se ao máximo possível das análises, sem desconsiderar o potencial analítico deste material para tratar de outras questões” (2012, p. 48).

Considerando esse contexto, este trabalho tem como objetivo estudar os divertimentos de mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte, nos anos de 1910 a 1951. Pretende-se compreender quem eram essas mulheres; principais atividades realizadas por elas nesse espaço; analisar mudanças ou permanências nos divertimentos por elas praticados ao longo desses anos; conhecer como e com quem as mulheres se divertiam, entendendo as relações que estabeleciam com outros sujeitos e com a natureza; e influências da estrutura do local nas práticas de divertimento dessas mulheres ao longo dos anos.

A dissertação está dividida em 2 capítulos. No capítulo 1, intitulado “Belo Horizonte, os divertimentos e o Parque Municipal”, é apresentado o contexto de Belo Horizonte e os divertimentos que estavam ocorrendo na cidade na temporalidade desta pesquisa, bem como os espaços utilizados para essas práticas dando destaque ao Parque Municipal, espaço público de divertimento ao ar livre. A seção sobre “Belo Horizonte e os divertimentos” abordou sobre a fundação de Belo Horizonte e as mudanças e as permanências ao longo das décadas, em sua economia, política, estrutura, relações sociais e diversões. O Parque Municipal também foi

discutido quanto a sua utilidade dentro da conformação da nova capital mineira. Na seção denominada “Parque Municipal de Belo Horizonte e os divertimentos”, por sua vez, foi discutido sobre as concepções de parques urbanos, além da discussão sobre a estrutura desse local para os divertimentos e seus usos e apropriações.

No capítulo 2, intitulado “Divertimentos praticados pelas mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte”, foi discutido sobre os divertimentos que eram praticados pelas mulheres, além do entendimento de quem eram elas. Os divertimentos abordados foram aqueles que possuíam a presença das mulheres, como as festas, categorizadas em: beneficente (quermesse e em benefício de instituições), da natureza (*Garden Party*, *Árvore e Primavera*), cívica e esportiva; as práticas corporais; exposições e excursões. Esses divertimentos foram mais bem compreendidos a partir do entendimento das funções exercidas pelas mulheres nesses divertimentos, as relações que estabeleciam com as pessoas nesses divertimentos e as relações que elas estabeleciam com e na natureza.

2 BELO HORIZONTE, OS DIVERTIMENTOS E O PARQUE MUNICIPAL

2.1 Belo Horizonte e os divertimentos

Curral Del Rey foi o local escolhido para a mudança da capital de Minas Gerais, em substituição à cidade de Ouro Preto (Vilhena, 2005). A cidade foi edificada em quatro anos pela Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), que transformou o arraial – fundado no início do século XVIII – na nova capital mineira (Borsagli, 2015).

Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte nasceu republicana e como uma alternativa à herança monárquica e colonial de Ouro Preto. Além disso, deveria ser o local da modernidade, expressando em Minas Gerais o progresso (Schetino, 2014). Minuciosamente planejada e construída, tinha um forte apelo artificial, fazendo com que se buscasse imitação de hábitos de grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, e da Europa (Vilhena, s. d.).

Neste contexto, a nova capital nasce com um parque, o Parque Municipal, que se encontrava no seu planejamento (Vilhena, s. d.).

O Parque Municipal de Belo Horizonte, projetado pelo arquiteto-urbanista Paul Villon, foi concebido como um espaço para comportar as práticas sociais modernas esperadas dos habitantes da nova capital [...]. O Parque Municipal, auxiliado por outras áreas verdes projetadas para a cidade, possuía a função de projetar corpos desejados pela nova capital (Silva, 2023, p. 33).

A presença do Parque Municipal na cidade evidenciava, desde sua fundação, a preocupação dos planejadores de Belo Horizonte em destinar áreas específicas para os divertimentos modernos. Assim, o Parque, como um espaço público de lazer moderno, tornava-se um ambiente propício para os passeios, como outros divertimentos, considerados práticas característica desse tipo de lazer. Ademais, a sua localização na região central da cidade demonstrava acessibilidade para a população que se conformava (Vilhena, 2005).

A planta da nova capital mineira apresentada por Aarão Reis dividia a cidade em três áreas (Silva, 2023), sendo elas: urbana, suburbana e rural. Contudo, apenas a urbana foi planejada (Góis, 2003). A urbana era a mais central da cidade (Silva, 2023) e seu perímetro foi delimitado por uma avenida em formato de anel, denominada na época como 17 de dezembro e, conhecida atualmente, como avenida do Contorno (Góis, 2003). Essa zona da cidade, contava com serviços, como água encanada, esgoto, luz

elétrica, bonde, além de fácil acesso às ruas e aos espaços de lazer, como o Parque Municipal (Vilhena, 2005).

Além disso, possuía a presença de outros parques, de praças, de quarteirões sob medida, de ruas largas (Silva, 2023) e simétricas, assim como avenidas (Góis, 2003). Como aponta Silva (2023), a planta da nova capital mineira apresentada por Aarão Reis, engenheiro encarregado de planejar a cidade, possuía “ruas retilíneas e espaços criados de forma a condicionar os corpos para os objetivos propostos e para o controle de uma futura expansão” (Silva, 2023, p. 28).

Segundo Vilhena (2005), o Parque era uma referência geográfica na planta geral da cidade. Na FIGURA 1 a planta do Parque Municipal demonstra características e a disposição, em seu entorno, de quarteirões, ruas e acesso ao lazer – no caso, o próprio Parque – na região central da cidade.

Figura 1: Reprodução da planta geral do Parque Municipal, em 1895



Fonte: Salles, 1895e

A área suburbana, por sua vez, não era agraciada com tanto conforto e beleza, possuía ruas estreitas e com traçado irregular, sem serviço de saneamento, moradias precárias, nenhuma estrutura para o lazer e servia de transição entre a zona do campo e da cidade (Vilhena, s. d., Silva, 2023). Podemos afirmar que essa região era destinada às classes mais desfavorecidas, enquanto, segundo Góis (2003), a zona urbana era destinada às classes econômicas privilegiadas, demarcando desde o início da cidade um

processo de segregação socioespacial de Belo Horizonte. Situação essa que perpassa também pelas práticas de divertimento e a partir da qual podemos pensar para quem o Parque Municipal, localizado na região urbana, era destinado, bem como as práticas planejadas para este local e outras que foram ali se inserindo, por meio da apropriação deste espaço e transformações da cidade.

Com mostra Rodrigues (2006), as diversões, como as zonas que se formavam na cidade, segregavam a população:

[...] nos seus anos iniciais, para os habitantes da zona urbana [...] a cidade começou a oferecer uma infraestrutura moderna, onde viviam suas elites, que ali “construíam suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer”. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, as camadas mais ínfimas da sociedade viviam em casebres e cafuas (Rodrigues, 2006, p. 66).

O Parque Municipal por estar localizado na região central da cidade era, pois, um espaço público de lazer ao ar livre privilegiado para aqueles que viviam na zona central da cidade.

Por fim, segundo Silva (2023), a área rural da capital mineira foi planejada para possuir o suficiente para abastecer os cidadãos da cidade, fazendo com que essa fosse construída de forma autossustentável. Ainda conforme este autor (2023), a divisão determinada, inicialmente, para a cidade, resultou em um crescimento hierarquizado da sociedade da nova capital mineira. Com isso, tanto as questões econômicas quanto o acesso a determinados espaços urbanos eram privilegiados para os habitantes da região central, ou seja, aqueles que se encontravam delimitados dentro da avenida do Contorno.

As cidades mineiras, de modo geral, adotaram novas condutas com intenção clara de civilizar a população conforme padrões europeus, e com o processo de modernização dessas cidades existia uma necessidade de instrução e educação do povo – considerado despreparado para as novas formas de comportamentos que emergiam na época (Moreno; Vago, 2011, Vago, 2009).

Seus novos hábitos, mudanças de condutas e práticas de consumo – fomentadas por uma pequena parcela afortunada da sociedade mineira – eram referenciados com ênfase no poder e na sofisticação, enquanto os conflitos, problemas e tensões inerentes a urbanização eram ocultados (Mota, 2018, p. ??).

No caso de Belo Horizonte, as áreas suburbanas careciam de infraestrutura adequada. As escolas também eram um reflexo dessas diferenças entre as regiões mais centrais e periféricas da capital. Nas regiões periféricas as escolas eram isoladas e precárias, enquanto nas áreas centrais eram constituídas de grupos escolares que possuíam melhores estruturas. Esses grupos foram introduzidos na região suburbana apenas cinco anos após a implantação na zona central (Vago, 2000, 2009).

Essas expectativas sobre a cidade e, a realidade como ela se concretizava demonstra como “Belo Horizonte, é conhecida como ‘capital inventada’, uma vez que desde sua fundação, cria espaços que têm como objetivo desenvolver a sociedade almejada pela República” (Silva, 2023, p. 28). Contudo, nota-se que em muitos momentos a cidade não alcançava esses ideais, especialmente nas suas regiões periféricas.

Nas zonas urbanas, por exemplo, os lotes distribuídos foram repassados para ex-proprietários de Ouro Preto para atraí-los para a nova capital, porém o mesmo não ocorreu com os operários (Góis, 2003). A cidade foi se desenvolvendo, de modo que...

Entre 1897, ano da sua inauguração, e o ano de 1920, Belo Horizonte apresentou um pequeno crescimento na zona planejada compreendida dentro da Avenida do Contorno, ao mesmo tempo em que a zona suburbana, destinada à população de menor poder aquisitivo crescia ininterruptamente, apesar dos investimentos municipais do período priorizar a zona planejada (Borsagli, 2015, p. 25).

A cidade de Belo Horizonte foi planejada para representar uma transição da sociedade agrícola e mineradora – características de uma época colonial e imperial do Brasil – para uma sociedade industrial e moderna. De forma concomitante, a chegada da Primeira República (1889-1930) demonstrou a necessidade de se ter um projeto de sociedade que possibilitasse um modelo político estável (Silva, 2023).

Modificações na cidade ocorreram a partir do início da década de 1920 – quando ocorreu a primeira grande mudança espacial na capital mineira na gestão de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Nessa reorganização espacial houve transformações em ruas, avenidas, bairros, construções e em formas de se morar na cidade. O processo de verticalização, tanto de residências quanto de áreas comerciais, começou a emergir na década de 1920 e 1930 com legislações urbanísticas da cidade, contudo se efetivou apenas em 1940, quando os primeiros apartamentos começaram a surgir na cidade (Schetino, 2014).

Investimentos realizados em Belo Horizonte nos anos de 1920 propiciaram um crescimento a partir de 1930 na capital – período que ocorreu a ascensão de Getúlio Vargas (Borsagli, 2015). Antes de 1930, a capital foi marcada por um modelo econômico centrado na exportação de produtos agrícolas e se encontrava estagnada, devido ao lento crescimento urbano da zona planejada de Belo Horizonte (Schetino, 2014). Contudo, a era Vargas (1930-1945) proporcionou investimentos por parte do poder público e do capital privado na cidade, proporcionando mudanças significativas que impactaram os “planos urbanístico, social e econômico, que refletiram no crescimento físico-espacial da capital entre o período [...] de 1930 a 1945” (Borsagli, 2015, p. 26).

Mudanças no modelo econômico da cidade, quando Juscelino Kubitschek (JK) assumiu o cargo de prefeito de Belo Horizonte entre 1940 e 1945, ocorreram devido ao seu projeto desenvolvimentista baseado no investimento em industrialização pesada. Esse projeto, proposto por Juscelino, era focado em áreas como energia e transportes e possibilitou que a cidade crescesse. A Cidade Industrial, criada em 1941, propiciou um salto na geração de empregos a partir da década de 1950. Ademais, em 1951, algumas empresas estatais mineiras foram criadas, como a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) e o Departamento de Estradas e Rodagens (DER). O Serviço Social da Indústria chega a Belo Horizonte no ano de 1946, quando a Cidade Industrial já funcionava, com indústrias e trabalhadores (Schetino, 2014).

A cidade crescia também em termos populacionais. Inicialmente projetada para abrigar 200 mil habitantes (Rodrigues, 2006), em meados da década de 1920 superava a marca de 80 mil habitantes e no ano de 1940 praticamente atingia o limite planejado, alcançando a marca de 177 mil habitantes. Aflorava-se a discussão sobre o crescimento populacional, de modo a se tornar uma discussão central na época. Desse modo, em 1946, iniciaram-se loteamentos na cidade para atender a população, estando a grande maioria desses loteamentos localizada nas regiões periféricas, próximo a cidades vizinhas e às zonas industriais, que alojavam os trabalhadores (Schetino, 2014). O crescimento populacional era um reflexo do crescimento da cidade e vice-versa.

As mudanças físico-espaciais de Belo Horizonte que ocorreram no período do governo de Getúlio Vargas e das administrações subsequentes são plausíveis de serem vistos na paisagem urbana da capital mineira até os dias atuais (Borsagli, 2015). Entre essas mudanças estão...

[...] o calçamento, a pavimentação e a abertura de ruas e avenidas nas zonas urbana e suburbana, retificação e canalização do ribeirão Arrudas, embelezamento das praças, além da verticalização da região central e da criação da zona industrial no vale do ribeirão Arrudas e, posteriormente, da Cidade Industrial, esta última decisiva para a consolidação urbana da capital mineira e para o processo de metropolização (Borsagli, 2015, p. 27).

Conforme Schetino (2014), os anos de Juscelino na prefeitura foram intensos e marcaram uma nova etapa para a cidade. Além disso, as modificações geraram impacto sobre os habitantes, desde o início de seu governo em seus planos para a capital. Ainda segundo este autor, “toda mudança de natureza política e econômica traz consigo transformações sociais. Da mesma forma, as transformações sociais também podem provocar as mudanças de natureza econômica e política” (2014, p. 50). A partir da década de 1940, as ruas – mas, destacam-se aqui também as avenidas – se transformaram de forma significativa. Essas foram tomadas por bicicletas, carroças, bondes e carros. As transformações perpassavam por uma maior velocidade comparada aos anos anteriores, fosse pelos seus automóveis nas vias de circulação, fosse pelo crescimento vertical da cidade. Modificações políticas e econômicas impactaram, pois, a estrutura da cidade.

Algumas avenidas e ruas que possuíam movimentação de automóveis e de obras, além de trânsito de pessoas, como a avenida Afonso Pena, a avenida do Contorno, a avenida Amazonas e a rua da Bahia, influenciavam a região central da cidade, bem como os arredores e/ou diretamente o Parque Municipal.

Vale destacar que, segundo Silva (2023, p. 33), o Parque Municipal foi planejado para ser “cercado por quatro grandes avenidas: Afonso Pena, Mantiqueira (Alfredo Balena), Araguaia (Francisco Sales) e Tocantis (Assis Chateaubriant)”. As três últimas, com o decorrer do tempo mudaram de nome, conforme mostra essa autora e é destacado entre os parênteses. Concomitantemente, o Parque sofreu modificações espaciais, ficando a avenida Afonso Pena como uma importante referência. Nela estavam, e ainda estão localizados estabelecimentos comerciais, residenciais, de diversão etc., bem como a entrada principal do Parque; também é a principal avenida que margeia até os dias atuais o Parque.

Presente desde a criação de Belo Horizonte, a avenida Afonso Pena era considerada como uma das mais importantes da cidade. O seu início é na Praça Rio Branco (atual Praça Rodoviária). A distância desse ponto até a Praça Sete é de

aproximadamente quatro quarteirões. Além disso, essa avenida segue até a Praça da Bandeira, no início do bairro Mangabeiras, próximo a Serra do Curral (Góis, 2003).

Essa avenida, segundo Rodrigues (2006, p. 47), considerada a “artéria da cidade”, demonstrava ser uma das principais vias de circulação da população. Ainda segundo essa autora (2006), o Parque Municipal estava a margem dessa avenida, o que demonstra que esse espaço público, que prezava pela diversão dos belo-horizontinos, estava situado em uma localização de fácil acesso para a população. Além disso, o Bar do Ponto, localizado na Rua da Bahia, esquina com a avenida Afonso Pena, era um local onde as pessoas elegantes da cidade transitavam.

A avenida Afonso Pena era um dos locais mais frequentados para o *footing*, no final da década de 1920. A movimentação pela cidade aparentava acontecer sempre preferencialmente aos domingos à noite (Mota, 2018), sendo essa prática amplamente difundida em Belo Horizonte (Rodrigues, 2006).

Em 1939, a avenida Afonso Pena ainda mantinha essa prática e possuía outros espaços para diversão e para o comércio, como indicado abaixo.

A principal artéria da capital mineira, considerada a sua sala de visitas, é a avenida Affonso Penna, com três quilômetros de extensão, notável pela sua farta arborização. E' onde se encontram os principais estabelecimentos comerciais, lojas de moda, cafês e cinemas. Ponto preferido para o *footing* (Bello-Horizonte, 1939).

O *footing* era uma espécie de caminhada pelas ruas em que as pessoas tinham o intuito de flertar e se distrair; ele ocorria em parques e praças e se destacava como uma importante atividade social da época. A prática era bastante difundida na cidade e se enquadrava em uma lógica de visibilidade do urbanismo moderno e do viés de civilidade. Com isso, o modo de se comportar e de se vestir de homens e mulheres eram comentados nas páginas dos jornais. Além disso, a presença de jovens, principalmente, de moças e rapazes se destacavam, assim como a existência de uma certa divisão entre os gêneros e classes sociais, em relação à disposição das pessoas nos espaços (Mota, 2018).

Segundo Schetino (2014), o *footing*, realizado desde a década de 1920, ganhou novas características na década de 1940 e 1950. Essa prática se constituía como caminhadas que envolvia conversas, flertes e momentos em cafês. A cidade se modernizava, porém, seus habitantes ainda caminhavam, conversavam e flertavam nos espaços das ruas envolto pelo comércio. Ainda conforme o autor (2014, p. 78), “apesar

de seu caráter esportivo, o *footing* era uma atividade complexa. A caminhada envolvia algumas regras socialmente construídas a partir da relação dos seus praticantes com o espaço da cidade”. Por fim, conforme o autor apresenta o *footing* aparece, a partir dos anos de 1950, no Parque Municipal.

O uso de espaços públicos, como as avenidas, para se divertir demonstra aquilo que Mota (2018) aborda sobre o lugar que os divertimentos domésticos ocupavam e como eles vão dando lugar aos divertimentos nos espaços públicos. Como afirma:

Os divertimentos domésticos vão dando lugar para os espaços públicos, assim como para os locais privados de entretenimento, à medida que o consumo assume protagonismo na simbologia que singulariza a constituição das identidades e as formas de sociabilidade em Minas Gerais (Mota, 2018, p. 55).

Ademais, a avenida Afonso Pena possuía espaços destinados para o divertimento da população para além do Parque Municipal e do Bar do Ponto, como um...

Outro “lugar” do *football* que foi se fazendo na cidade foi o espaço que havia sido ocupado pelo Colégio Anglo-Mineiro em meados da década de 1910 e que foi apropriado pelo Gymnasio Mineiro, posteriormente. Localizado no alto da Avenida Afonso Pena, onde hoje funciona uma guarnição do Corpo de Bombeiros, era um “lugar” que possuía espaços físicos para diferentes práticas esportivas (Rodrigues, 2006, p. 177).

No governo de Juscelino Kubitschek, nos anos de 1941 a 1945, além do investimento em indústrias, ele também transformou avenidas, de modo que a Avenida Afonso Pena foi pavimentada e prolongada, em 800 metros, para atender a demanda de quem ia para Serra do Curral (Schetino, 2014). Nesse período, Juscelino estava idealizando o conjunto arquitetônico da Pampulha.

[...] projetado por Oscar Niemeyer, realizado entre os anos de 1941 e 1945, foi considerado o signo da modernidade da capital. O projeto, originalmente composto por um cassino, um iate clube, um hotel (que não foi executado), uma igreja, uma casa de baile e a residência do prefeito, tinha por objetivo dotar a cidade de uma área de turismo e lazer, associando o desenvolvimento ao plano político de construção de uma nova imagem da cidade (Barros, 2023, p. 23).

Conforme Barros (2023), o cassino e a casa do baile começaram a funcionar em 1942, antes da conclusão de todo o conjunto arquitetônico. As obras do complexo foram concluídas em 1943 e a inauguração da linha de bonde que ligava o centro da cidade à

Pampulha foi inaugurada em 1944, em que esse espaço era almejado para ser um local de diversão da cidade.

No governo de JK, em 1942, outras melhorias estavam ocorrendo na cidade, como o prolongamento da avenida Amazonas, realizado da avenida Barbacena até a Gameleira, cerca de 3000 metros. Ademais, outras avenidas foram pavimentadas, prolongadas e criadas com extensões variadas, como a avenida Francisco Sá (704 metros), a avenida Getúlio Vargas (atual Otacílio Negrão de Lima) (18.300 metros), a avenida Pampulha (atual Presidente Antônio Carlos) (8.500 metros), a avenida Dom Pedro II (4000 metros), a avenida Silviano Brandão (4000 metros) e a avenida Teresa Cristina (5000 metros). O total de extensão juntamente com a avenida Amazonas e a avenida Afonso Pena foram de 43 mil metros. Essas obras possibilitaram a ampliação de circulação das pessoas e mercadorias, interligou diversos locais da cidade e o surgimento de novos bairros. Além disso, as ruas também passaram por transformações (Schetino, 2014).

Além da avenida Afonso Pena, outras vias de circulação desempenhavam papel importante nos divertimentos da população, como a rua da Bahia. Essa rua, no final do século XIX era um espaço onde se praticava o *footing* e era considerado um dos locais mais frequentado para essa prática, ocorrendo predominantemente aos domingos, no período da noite (Mota, 2018).

Além disso, no início do século XX, essa rua era um espaço de diversão, com a presença de cinemas, de jogos do bicho e de um pavilhão – denominado como Pavilhão Variedade – onde se praticava *box*. Além disso, o prédio do Isabela Hendrix, escola destinada para meninas das famílias tradicionais mineiras, mudou-se para essa rua, no ano de 1938. Ademais, era nas ruas que os divertimentos de quem não fazia parte dos grupos da elite acontecia, pois era restrito o acesso aos espetáculos pagos na cidade, dificultando o acesso por parte dessas pessoas. Ademais, outra prática presente era o *box*, que no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi encontrado nos jornais em Belo Horizonte, entendido como um esporte (Rodrigues, 2006). “A terminologia em inglês usada nos esportes, como em seus nomes e expressões técnicas, indicam mais um aspecto da tentativa de reproduzir no estado o que se fazia nos grandes centros urbanos estrangeiros” (Mota, 2018, p. 54).

O início dos anos de 1940 foi um momento que a cidade de Belo Horizonte definiu os rumos do seu crescimento e entrou no rol das capitais mais importantes do ponto de vista econômico para o Brasil, juntamente com Rio de Janeiro e com São

Paulo. Ademais, demonstrava que a capital mineira tinha abandonado as sombras de Ouro Preto e se tornado protagonista no cenário de Minas Gerais e Brasil. As ações tomadas por Juscelino tinham um caráter embrionário, de modo que a cidade veio a experimentar as consequências desse processo de forma mais intensa nas administrações subsequentes, no caso de Otacílio Negrão de Lima (1947-1951) e de Americo Renee Gianetti (1951-1954) (Schetino, 2014), influenciando inclusive no Parque Municipal que, como já dito, em 1951 passa por uma grande reforma.

As mudanças na cidade, como calçamento, pavimentação e abertura de vias propiciaram modificações significativas na circulação das pessoas pela cidade impactando as formas como se colocavam nesses espaços e a disposição desses, bem como nas formas de se divertir, mesmo que em espaços anteriormente já existentes na cidade.

Construções de novas edificações fizeram parte também das modificações pelas quais a cidade passou. Das décadas de 1920, 1930 até os anos de 1950 e 1951 foram construídos edifícios na avenida Afonso Pena, na Praça Raul Soares, na Rua Espírito Santo, na Praça Sete de Setembro, na Rua Tamoios e na Praça Rui Barbosa. Essas edificações eram compostas por moradias, lojas, escritórios, bancos (Banco Financial, Banco do Brasil e Banco da Lavoura) e Hotel Normandy. Dentre os edifícios citados, apenas o Acaiaca, construído em 1943, possuía uma estrutura destinada para a diversão: um cinema (Schetino, 2014).

Todavia, como aborda Rodrigues (2006), no início da construção de Belo Horizonte as atenções não estavam voltadas apenas para o trabalho, mas também para os divertimentos que fizeram parte dos interesses da CCNC. Segundo Vilhena (2005), a cidade possuía espaços projetados especificamente para o lazer, como o Hipódromo, o Jardim Zoológico e praças, ademais a capital mineira já nasce com um espaço específico para essa finalidade: o Parque Municipal.

As cidades, conhecidas pelos espaços que as constitui como um patrimônio cultural, podem possuir uma obra que remeta a uma memória de um fato ou a uma pessoa ou a uma paisagem proporcionada a seus moradores e visitantes. No caso, da cidade de Belo Horizonte, no final do século XX, podemos citar espaços, como a Lagoa da Pampulha, o Parque das Mangabeiras, o Parque Municipal, a Praça da Liberdade e a Serra do Curral (Góis, 2003). Todavia, em diferentes temporalidades, espaços de diversão da capital mineira tiveram distintos significados, bem como vários locais

foram referências de memórias, de identidade para a cidade e sua população. Abaixo são destacados alguns desses espaços de divertimento da nova capital.

O Jardim Zoológico, planejado para ser onde hoje é o Minas Tênis Clube (MTC), próximo ao Palácio da Liberdade, foi construído no Parque Municipal. Era um local da cidade frequentado (Rodrigues, 2006) e possuía também atrativos da flora, além da fauna (Vilhena, 2005). Sua estrutura passou por reformas no ano de 1939, com inclusão e construção de gaiolas especiais, ampliação das áreas destinadas aos animais e aquisição, pela Prefeitura, de novas espécies de animais (Um jardim, 1939).

O MTC, por sua vez, foi construído no espaço que seria destinado para o Jardim Zoológico e foi projetado para ser “um espaço de fusão entre o lazer e o esporte, o clube tinha como objetivo tutelar a juventude, modelando seus corpos de acordo com os interesses políticos do Estado Novo” (Silva, 2023, p. 36). Nesse período do governo de Otacílio Negrão de Lima, ou seja, entre 1935 e 1938, a capital mineira buscava crescer, conciliar industrialização e modernização e tornar seus terrenos baldios em espaços funcionalistas. Nesse contexto, surge o MTC (Silva, 2023, p. 36).

O Hipódromo, por sua vez, teve dificuldades de ser construído. A previsão era no bairro Prado, fora da avenida do Contorno, cerca de 3 quilômetros do centro de Belo Horizonte, um local destinado para a prática do turfe. Contudo, devido à falta de infraestrutura dos subúrbios não se sabia sobre a possibilidade da população para acessá-lo (Silva, 2023).

Em 1902, os jornais de Minas Gerais anunciaram que a cidade de Belo Horizonte, carente de esportes desde o fim do Velo Club, estava se preparando para receber um espaço para a prática do turfe. A primeira tentativa de construção do espaço foi realizada pelo Coronel João Alfredo de Athayde, visando construir um hipódromo com capacidade para cinco mil pessoas, seguindo o modelo dos hipódromos existentes na capital federal, Rio de Janeiro (Silva, 2023, p. 55).

A consecução do Hipódromo ocorreu apenas em 1905, quando passou a ser denominado como Prado Mineiro, após investimentos em bondes e carroças que saíam do centro para o Prado (Silva, 2023). Conforme Rodrigues (2006), ele foi também construído com o objetivo de atender anseios de uma sociedade supostamente moderna.

O hipódromo de Belo Horizonte foi planejado pelo arquiteto Edgar Nascente Coelho e recebeu elogios constantes da imprensa local quando foi projetado, em 1902. Nesse mesmo ano, foi criada a Companhia Anonyma Derby Mineiro para construir e gerenciar o espaço. No entanto, o planejamento não foi completado com sucesso e, em 9 de dezembro de 1904, a Prefeitura de

Belo Horizonte declarou o contrato como caducado. A ideia de construir um hipódromo na cidade, no entanto, continuou a ganhar apoio e, em outubro de 1904, a Sociedade Anonyma Prado Mineiro foi criada com o objetivo de construir o espaço. Em janeiro de 1905, a prefeitura assinou um contrato com a Sociedade Anonyma Prado Mineiro com os mesmos termos que havia assinado com José Alfredo Athayde anteriormente (Silva, 2023, p. 56).

As praças, por sua vez, “trariam para a cidade diversões saudáveis, ao ar livre, de acordo com argumentos higiênicos ressaltados e valorizados naquele final de século” (Rodrigues, 2006, p. 290). No planejamento da cidade, feito por Aarão Reis, esperava-se que a cidade tivesse 17 áreas verdes, porém apenas 6 foram construídas. O fato de não terem sido construídas, ou terem sido construídas parcialmente, impactou a capital, de modo que os ideais de uma cidade moderna e desenvolvida entrava em conflito com a realidade que se instaurava, tendo, pois, terrenos baldios e poucas opções de divertimentos ao ar livre (Silva, 2023).

A Praça da Liberdade, por exemplo, foi um espaço onde, na década de 1910, se praticava patinação e *footing*; e aos domingos, ao som de bandas de músicas, homens e mulheres se encontravam para o flerte (Rodrigues, 2006). Assim como a Praça Sete, esse era um dos locais mais frequentados em Belo Horizonte para o *footing* nos anos finais da década de 1920, em que a movimentação acontecia de forma preferencial aos domingos à noite (Mota, 2018).

Outro importante espaço de diversão eram os clubes, cujo acesso era restrito aos associados. Já no final do século XIX, no início da construção da nova capital, foi criada a primeira sociedade recreativa, o *Club Recreativo*, que visava atender interesses sociais, artísticos, intelectuais e esportivos (Rodrigues, 2006).

Vale ressaltar que nas duas primeiras décadas do século XX, os clubes da cidade não se constituam apenas como diversão pública, mas também como privilégio para a elite, como locais de sociabilidade para determinados grupos sociais. Além disso, possuíam estatutos e regimentos internos que eram normatizados, aprovados em assembleia e, posteriormente, pelo delegado da polícia (Rosa *et al.*, 2011). Entre as diferentes atividades promovidas estavam as práticas esportivas, sendo um dos principais propulsores na sua realização.

Destaca-se que o esporte, nesse contexto, surge como um símbolo de modernidade e distinção (Souza Neto; Campos; Silva, 2013). A elite belo-horizontina estava presente nas práticas esportivas e em sua assistência, de modo que suas roupas (gravatas, bengalas, chapéus e saias longas) eram formas de expressar essas distinções

(Mota, 2018). O tênis, por exemplo, ganhou impulso na capital, sendo crescente o número de praticantes, no final da década de 1920, tendo como palco o Parque Municipal, segundo Mota (2018), corroborando com Rodrigues (2006).

As práticas de turfe e ciclismo foram planejadas para a capital, porém não alcançaram grande popularidade nos primeiros anos da cidade. O futebol, por sua vez, foi se instaurando e aglutinando grande número de participantes e tornou-se uma atividade integrante da cultura urbana da cidade (Schetino, 2014). Vale destacar que alguns clubes não tinham a intenção de desenvolver esse esporte, muitas vezes não recomendado conforme os princípios higiênicos, todavia acabam por montar equipe para disputar campeonatos, como ocorre o *Club de Sports Hygienicos* (CSH) que teve sua sede no Parque Municipal de Belo Horizonte (Rosa *et al.*, 2011).

O marco histórico do surgimento do futebol, na capital mineira, foi a partir da fundação do *Sport Club Football*, primeira equipe formalmente construída, em 1904 (Souza Neto; Campos; Silva, 2013). Apesar de existirem algumas contradições de quando o futebol chegou na capital, sabe-se que esse se desenvolveu em um período em que tudo estava por se construir na cidade, em que a própria cidade estava por se fazer (Dias *et al.*, 2014).

Há indícios da presença de público feminino no futebol desde as primeiras manifestações desse esporte na cidade, porém é no final da década de 1910 que elas aparecem participando mais ativamente nessas práticas. Em 1915, constata-se a participação delas em uma festa esportiva, no entorno do *ground* do Prado Mineiro, onde ocorreu partidas de futebol.

A maior esteve relacionada a uma crescente rivalidade dos times e a popularidade que o futebol ganhava, levando a uma modificação de seus comportamentos, não participando apenas enfeitando as partidas, mas também como torcedoras; ademais apresentavam uma postura mais ativa e participativa. Muitas vezes, suas participações estavam associadas às arquibancadas, entretanto, essas mulheres tentavam se inserir de outras formas no mundo futebolístico, principalmente aquelas que se interessavam mais ativamente (Souza Neto; Campos; Silva, 2013).

Na época do arraial e no início da construção da cidade, a Igreja também influenciou nos divertimentos, tinha esse papel (Rodrigues, 2006). Nos anos finais da década de 1920, por exemplo, a missa contava com a presença assídua de mulheres. Por sua vez, os homens se encontravam aguardando do lado de fora conversando e lendo jornais. A missa ocorria em espaços públicos, de forma preferencial no turno vespertino

e matutino, ao ar livre, as vestes eram elegantes e era um momento de informalidade (Mota, 2018).

Os cinemas também foram locais de divertimento que se destacaram, como ocorreu em outras cidades de Minas, no início do século XX, como em Barbacena (Silva, 2018) e Cataguases (Soares, 2021). Silva (2017) ressalta a presença de mulheres em sessões filmicas em Barbacena, no início do século XX. Em muitas dessas ocasiões as entradas eram gratuitas para elas, e em circunstâncias poderiam:

[...] ser entendido como um convite para que os cidadãos comprassem suas entradas e tivessem a oportunidade de encontrar suas futuras esposas e vice-versa, corroborando com a reflexão de que os divertimentos possibilitam além do entretenimento, o encontro entre as pessoas. Além de lugar do encontro, nos cinemas, as mulheres também puderam fazer apresentações artísticas nos intervalos dos filmes (Silva, 2017, p. 118).

Em Belo Horizonte, na transição do século XIX para o XX, o cinema estava passando por transformações. Inicialmente, essa diversão era marcada pela influência francesa, porém passou a ser influenciado pelas tendências estadunidenses. Com isso, os modos de vida da capital mineira eram impactados pelos filmes de *Hollywood*, fosse pelo jeito de se vestir, fosse pelos seus valores. “Os carros, os cigarros, a atitude, tudo era mostrado nas páginas da revista [Alterosa], direto dos estúdios de cinema de *Hollywood* para inspirar leitores e leitoras da cidade” (Schetino, 2014, p. 71).

Na década de 1910 foram construídas salas luxuosas, ambientes propícios para encontros, para sociabilidade e para visibilidade pública, constituindo-se como um importante elemento na construção de uma imagem moderna para a cidade e afirmando-se como uma das principais temáticas do lazer (Rodrigues, 2006; Vilhena, 2019).

Vilhena (2019) corrobora com Rodrigues (2006) ao afirmar que, na década de 1910, os cinemas iniciavam a tendência de salas luxuosas. O cinema não apenas se estabeleceu como um espaço de entretenimento, mas também como um símbolo de modernidade e progresso social na cidade. O Cine Pathé, por exemplo, surgiu com essas características, na década de 1920. Segundo Mota (2018), foi a partir dessa década que as sessões no cinema, com opções de filmes e peças, passaram a ser uma opção mais econômica e que ganhou mais espaço em Belo Horizonte.

A importância ao longo dos anos dos cinemas pode ser percebida por eles servirem, conforme mostra Schetino (2014), de referência de localização em Belo Horizonte. Em 1946, a cidade tinha 20 salas de cinema comportando 20 mil pessoas.

O teatro, presente na localidade desde o antigo Curral del-Rey, e cuja presença aos espetáculos era selecionada até mesmo pelo valor dos ingressos, também se destacava. A elite belo horizontina buscava cada vez mais oportunidades para se divertir em espaços criados especificamente para esse fim (Rodrigues, 2006). Todavia, conforme Vilhena (2019) observa, nas primeiras décadas do século XX, devido aos valores dos ingressos, surgiram instalações mais modestas e com ingressos mais acessíveis, permitindo que esses divertimentos se espalhassem por outras áreas da cidade, para além da urbana. Embora as camadas mais pobres desejassem participar dessas atividades, a distinção entre os espaços destinados à elite e ao povo permanecia evidente. Ademais, a cidade contava também com espaços, como bares, restaurantes e cafés para a diversão da população, conforme ressalta Mota (2018), ao escrever sobre os anos finais da década de 1920.

Como os espaços há também práticas de divertimentos que podem ser destacadas, como o circo que ocasionalmente também oferecia horas de lazer para a população belo-horizontina (Rodrigues, 2006), do mesmo modo que as festividades, como o Carnaval. Festividade essa de um caráter mais democrático, que contava com a presença de classes mais populares, tendo indícios que ocorria na cidade nos anos finais da década de 1920. Essa festa estava ligada a venda de produtos, como lança perfume para os foliões (Mota, 2018).

Outro divertimento que ocorria na cidade nessa época eram os piqueniques, em espaços públicos e ao ar livre. No período matutino e vespertino, jovens se reuniam com roupas consideradas elegantes para a época e os encontros possuíam um caráter mais informal (Mota, 2018).

Segundo Schetino (2014), nos anos antecedentes à década de 1950, o rádio era uma forma de divertimento que ocupava basicamente os espaços da casa, transcendendo a esfera da vida privada quando passa a ser de pilha, em 1956, ou seja, os habitantes passaram a utilizá-lo em outros locais para além de suas casas, como centro, comércio e estádios.

Ainda segundo o autor, o processo de crescimento da cidade de Belo Horizonte “reflete a história de uma cidade que foi planejada pensando-se apenas nas elites e camadas médias da população. Os trabalhadores que construíam Belo Horizonte tiveram de procurar seu espaço e se organizar a sua própria maneira” (Schetino, 2014, p. 66), o que implica também nos espaços e práticas de diversão. Pode-se entender, pois, que os divertimentos da capital eram pensados para a elite, incluindo neles o espaço do Parque

Municipal – espaço planejado para ser público, ser local para os divertimentos e ficar localizado na região central da capital.

2.2 Parque Municipal de Belo Horizonte e os divertimentos

Nesse tópico aborda-se sobre o Parque Municipal, como um parque urbano, e, as relações estabelecidas entre seus elementos constituintes com as diversões da população belo-horizontina. Ademais, aborda-se sobre os usos e apropriações pelas pessoas desse espaço. Esse capítulo e, especialmente, esse tópico, são a porta de entrada para a discussão dos divertimentos das mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte que serão mais bem aprofundados no próximo capítulo.

Em meados do século XIX, no Brasil, os parques surgem como espaços de refúgios na cidade para a população urbana. O homem urbano necessitava de ambientes naturais, mas não queria voltar a vida do campo, considerada por ele atrasada (Pacheco; Raimundo, 2014). E uma das utilidades “dos parques no urbanismo moderno é caracterizada pela sua função de pulmão da cidade [...] circulando através de ruas-arterias, as pessoas passariam pelos parques respirando seu ar fresco” (Rodrigues, 2006, p. 48).

Entre os melhoramentos das cidades de pequeno e grande porte, como alargamento e calçamento de ruas, melhoramento da iluminação pública, instauração de áreas verdes, instalação de equipamentos para a diversão, construção de edifícios e a construção, estava a construção ou melhoria de parques urbanos, considerados um item de embelezamento das cidades.

Na cidade de São Paulo, no final do século XIX, por exemplo, como mostram Rosa, Viana e Martins (2021), tiveram várias iniciativas em relação à construção ou melhoria de parques. Esses autores, a partir de propostas apresentadas à Câmara Municipal da cidade, identificaram proposição de construção de três parques: um na Avenida Paulista e um na Várzea do Campo, na década de 1890; e um na Vila Mariana, denominado Bosque da Saúde, na década de 1900. Além disso, indicam iniciativas em outras cidades do estado de São Paulo, como Ribeirão Preto, Santos, Sertãozinho, Cravinhos e Matão, nesse mesmo caminho. Ademais, podemos afirmar que, entre os objetivos para criação dos parques urbanos, nas diferentes cidades e estados do Brasil, estava a criação de espaços público de divertimentos ao ar livre.

Na passagem do século XIX para o século XX, no Brasil, segundo Lovisolo (2016), a população estava crescendo e as cidades se tornavam mais densas na mesma medida que as diferenças sociais se evidenciavam na lógica do mercado. Também ficava mais evidente a falta de espaço e excesso de ar e água contaminados e detritos amontoados. As vertentes tratadas pelos higienistas e naturistas influenciaram nas obras e planos nas cidades, em que enfatizavam os esforços para se criar espaços naturais nas cidades, como parques e praças. Nesse contexto, os modelos de divertimento e seus lugares predefinidos se expandiam. Dessa forma, segundo Pacheco e Raimundo (2014), os parques urbanos tiveram um papel importante nas formações das cidades e o lazer sempre esteve entre suas finalidades.

Conforme Soares (2016), o enfrentamento dos desafios da urbanização, no início até meados do século XX, ocorreria através dos espaços dos parques que contribuíram para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, oferecendo áreas de divertimento e contato com a natureza. Ademais, ajudariam a mitigar os impactos ambientais causados pelo crescimento desordenado das cidades. Com isso, emergia um novo conceito de vida ao ar livre em resposta à nova ordem urbana que se instaurava. Essa nova visão evocava o ar puro e a conexão com a natureza, como medidas terapêuticas, contra os efeitos adversos dos novos ritmos urbanos.

Os parques, no século XX, segundo Sakata (2018), possuíam a finalidade de serem locais para a interação entre homem e natureza e buscavam oferecer equipamentos para a diversão da população, em quantidade e em variedade. Não eram considerados espaços de trabalho e, sim, de tempo livre. Ademais, segundo essa autora, o parque urbano podia ser definido, como “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo de atividade recreativa, capaz de incorporar intenções de conservação” (2018, p. 26).

Nas primeiras décadas dos séculos XX, educadores, cientistas, artistas, urbanistas e médicos contribuíam para a configuração do ideário de vida ao ar livre, em que buscavam na natureza uma forma de recuperação e de regeneração da energia perdida. A importância dada ao ar livre e aos exercícios físicos feitos na natureza era recorrente nos congressos brasileiros de higiene e de educação realizados nas décadas de 1920 e 1930, em que em suas conclusões recomendavam a prática da ginástica natural, jogos ao ar livre, corridas, natação, saltos, patinação e remo, principalmente. Na cidade de São Paulo, por exemplo, os anos de 1930, o ritmo de trabalho e de crescimento era muito grande. Desse modo, almejava-se uma configuração de ideário de

vida ao ar livre, em que se buscavam na natureza uma forma de recuperação e de regeneração da energia perdida (Soares, 2016) Segundo Lovisolo (2016, p. 17), esse ideário de vida ao ar livre estaria presente na mistura entre “cura e divertimento, educação e saúde”.

O ritmo acelerado de vidas nas grandes cidades brasileiras, no início do século XX, segundo Sakata (2018, p. 44), contrapõe a concepção de parque urbano, já que esse “foi concebido como um espaço público urbano que pressupõe uma oposição ao que a cidade representa”. Ainda segundo essa autora, nas últimas duas décadas do século XX, a denominação de parque foi utilizada para novas ou antigas categorias, de modo que essa palavra passou a ser generalista por falta de alternativas. Dessa forma, novas categorias foram se formando, como: parque linear, parque ecológico, zoológico, dentre outros.

De acordo com Albuquerque (2020), os termos espaço públicos e parque urbano estiveram presentes por gerações, mas os conceitos e concepções desses espaços foram se modificando ao longo do tempo, de forma que seus usos, suas formas e suas compreensões foram sendo modificados à medida que as cidades foram se transformando.

Algumas mudanças, em relação aos parques públicos de São Paulo, são abordadas por Dalben e Danailof (2009) quando afirmam que nas décadas de 1930 a 1940 eles não seriam apenas considerados o pulmão da cidade, mas espaços que substituiriam a contemplação da paisagem verde, o contato com a natureza e ao ar livre, por atividades orientadas. Nessas décadas...

[...] os parques, na “cidade locomotiva”, são ressignificados e transformados em espaços que agregam dois elementos essenciais às transformações das formas de pensar e de agir da população. São eles: um refúgio na história brasileira e um abrigo de cuidados com o corpo adequados aos modernos preceitos de higiene e de educação (Dalben; Danailof, 2009, p. 64).

Segundo Serafim (1930), na década de 1930, os espaços públicos ao ar livre e os divertimentos realizados neles mostravam-se em pauta nas capitais do país, como no Rio de Janeiro, de forma a se encorajar o entendimento desses locais para a prática de exercício físico.

O crescimento exacerbado das cidades, como São Paulo, fez com que a cidade se voltasse para a natureza e seus benefícios, em que se buscava passeios de bicicleta, de canoa, piqueniques, jogos ao ar livre, momentos de simples contemplação nos parques e

jardins. Esses momentos proporcionavam desabituar o corpo dos ritmos da cidade (Soares, 2016). No caso de Belo Horizonte, a capital já nasce com seu Parque Municipal, o que demonstra uma necessidade de a cidade já emergir com essas concepções da natureza e os benefícios proporcionados por ela.

Vale ressaltar que os benefícios ocasionados pela natureza eram vistos, no início do século XX, como uma forma de adiantar-se ao mal desencadeado pela nova ordem urbana, sendo a natureza compreendida como um lugar que fabrica e educa novas sensibilidades. Além disso, estabelecia-se nessa época uma relação entre o ar livre e a preservação da saúde dos corpos, em que aos poucos a medicina naturista incorporava os exercícios físicos e jogos ao ar livre como terapêuticos (Soares; Santos Neto, 2018).

Ademais, o processo de urbanização acelerado, nas cidades brasileiras, trazia consigo argumentos higienistas de que se deveriam implementar parques, praças que trariam condições cotidianas mais saudáveis de lazer para as pessoas. Na cidade de Belo Horizonte, o espaço mais significativo para isso foi o Parque Municipal, que estava presente desde o planejamento da cidade e possibilitava divertimentos, como as práticas esportivas (Rodrigues, 2006).

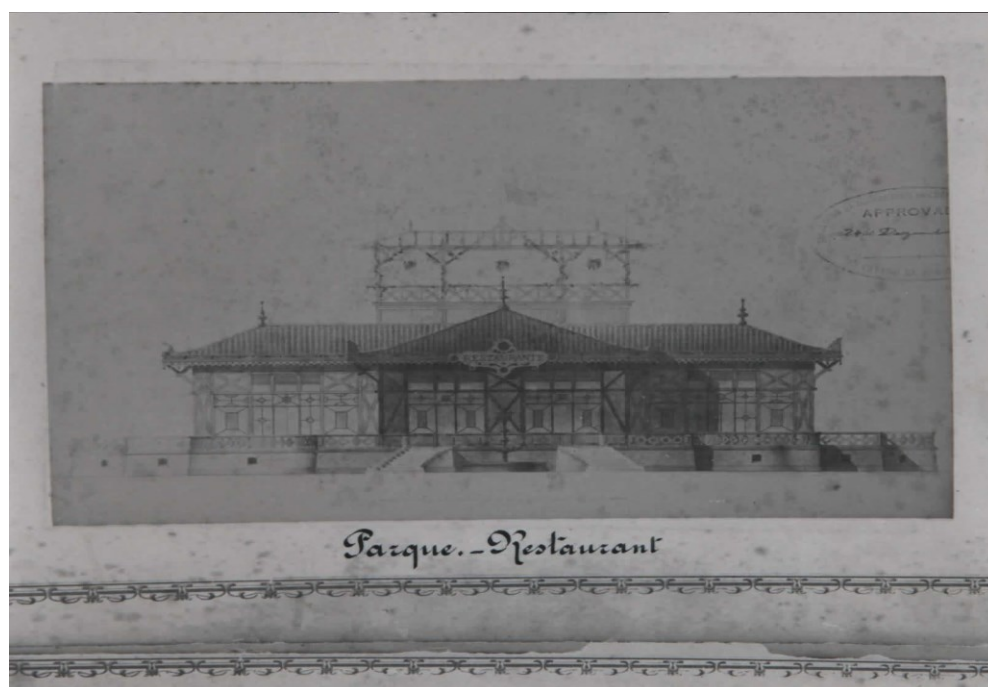
Segundo a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)³ (1992), a capital mineira como uma cidade que tinha como objetivo ser um local que proporcionasse práticas de divertimento para a população, já nasce com seu Parque Municipal com essa finalidade. No planejamento do parque, por Paul Villon, já se esperava que esse passaria por melhorias futuras, além de ter como objetivo a construção de espaços de divertimentos, como restaurante (FIGURA 2) e observatório meteorológico (FIGURA 3), dando-nos pistas sobre a utilização do parque como local de encontros sociais, realização de jogos, entre outras práticas.

Como mostra Silva,

O Parque também receberia um Cassino, que seria construído de forma a permitir que uma cascata de 6 metros pudesse cair sobre o seu terraço. Em outra área do Parque, estava prevista a construção de um observatório meteorológico em forma de torre, com 30 metros de altura, permitindo que os visitantes pudessem observar grande parte de Belo Horizonte. Um coreto também seria erguido para acomodar os amantes da música e de recitais. Por fim, haveria também um restaurante, permitindo que os visitantes pudessem passar mais tempo no passeio (Silva, 2023, p. 33).

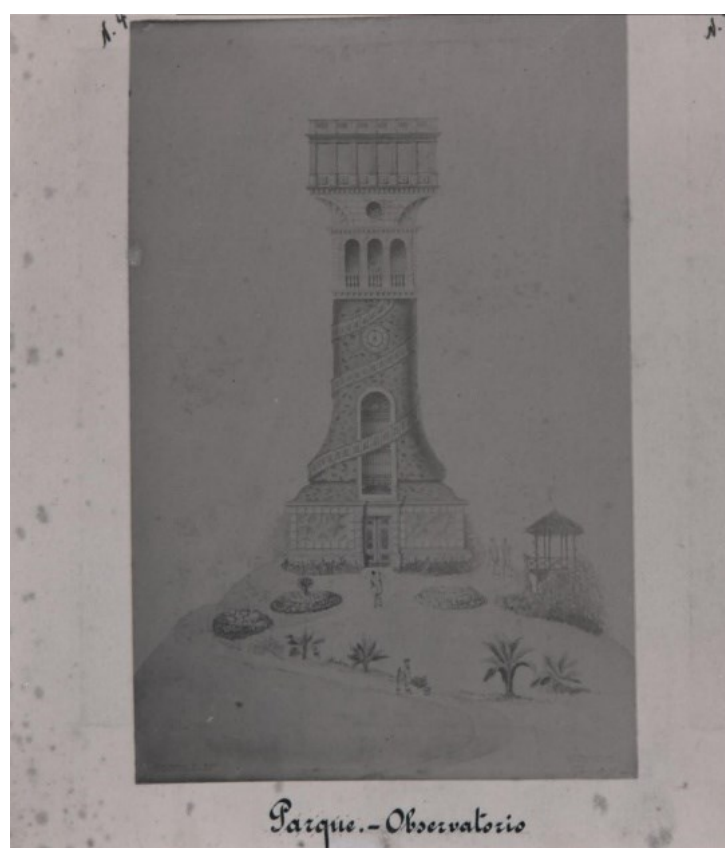
³ Nos anos 90, o Parque Municipal recebe uma homenagem, através do lançamento desse livro pela Companhia Vale do Rio Doce, objetivando a preservação da memória desse espaço (Góis, 2003).

Figura 2: Projeto de restaurante no Parque Municipal, em 1895



Fonte: Salles, 1895a.

Figura 3: Projeto do observatório do Parque Municipal, em 1895



Fonte: Salles, 1895d.

Vários fatores impediram que muitas das obras previstas no planejamento do Parque Municipal fossem construídas, como o observatório e o cassino, por questões como falta de verba pela prefeitura e o fato de o Parque, que deveria ocupar uma área de 555.060m², ter sido finalizado com apenas 182.820m² (Silva, 2023).

Segundo Vilhena (2005), o Parque Municipal foi inaugurado em 26 de setembro de 1897 e logo nos primeiros anos este espaço já demonstrava ser um local de grande importância para a cidade. Essa importância foi atribuída ao Parque por esse estar presente desde a planta e planejamento na cidade, por ser uma referência geográfica da capital mineira, com uma localização privilegiada no centro de Belo Horizonte e por ter sido projetado para ser um espaço de lazer moderno da capital.

O Parque era ainda cenário para eventos da melhor sociedade belo-horizontina, sendo um espaço de referência da vida sociocultural e da prática de divertimentos pela população, inclusive pelas mulheres que, como será visto no próximo capítulo, exercem diferentes papéis nos eventos que lá ocorrem. Ademais, o Parque Municipal pode ser entendido, como:

[...] um lugar concreto, situado numa espacialidade concreta – o centro da capital mineira. Todavia, não é apenas um lugar, mas um lugar construído, com finalidades e objetivos específicos, para todos aqueles que queiram dele usufruir. Estamos falando então, de espaço público, de um espaço público da cidade de Belo Horizonte (Góis, 2003, p. 45).

O espaço, segundo Góis (2003, p. 45), “em si mesmo é vazio, não produz efeito algum, a não ser pelas interações que nele ocorrem”, além disso pode ser entendido como lócus, como concreto, com uma localização geográfica, com limites territoriais, com interferências pelos lugares geográficos que o delimitam e com significado social. O urbano, por sua vez, pode ser entendido por um modo de vida próprio e característico das cidades modernas, caracterizado pela circulação livre de pessoas, encontros impessoais e anônimos de pedestres e a diversidade de grupos sociais ocupando os espaços públicos para diferentes usos e apropriações.

Dessa forma, podemos afirmar que compreender as mudanças e permanências nas estruturas do Parque Municipal, entendido como um espaço público e urbano, assim como seus usos e apropriações ao longo do tempo, possibilita agregar novos significados a esse espaço tanto em um contexto histórico quanto atual. Além disso, analisar como esses elementos, juntamente com seus usos e apropriações, moldaram formas de diversão da população de Belo Horizonte, nos dá pistas da importância do

Parque Municipal nos modos de divertimentos, enfocando nesta pesquisa a diversão das mulheres.

Na próxima seção, esse tema será aprofundado, destacando o espaço do Parque Municipal e seus elementos constituintes, com foco em suas relações com o lazer e a relevância desse ambiente para a população ao longo dos anos.

2.2.1 Estruturas e transformações no Parque Municipal

Os parques urbanos, nessa temporalidade, são considerados um melhoramento das cidades, todavia ao longo dos anos vários melhoramentos foram ocorrendo nos próprios parques, como também no Parque Municipal de Belo Horizonte, como a construção e a remodelagem de lago, lagoa, piscina, alameda, álea, coreto etc., com objetivos diversos, como facilitar e dar melhores condições para realização de determinados festejos. Além disso, o Parque Municipal passou pelo processo de arborização e outras estruturas foram implementadas em seu espaço, como um Teatro Municipal, acampamentos e o Instituto de Belas Artes. O Parque Infantil, por sua vez, apesar de ser mencionado a pretensão de ser instalado no Parque Municipal, não se têm indícios que ele tenha sido de fato instalado.

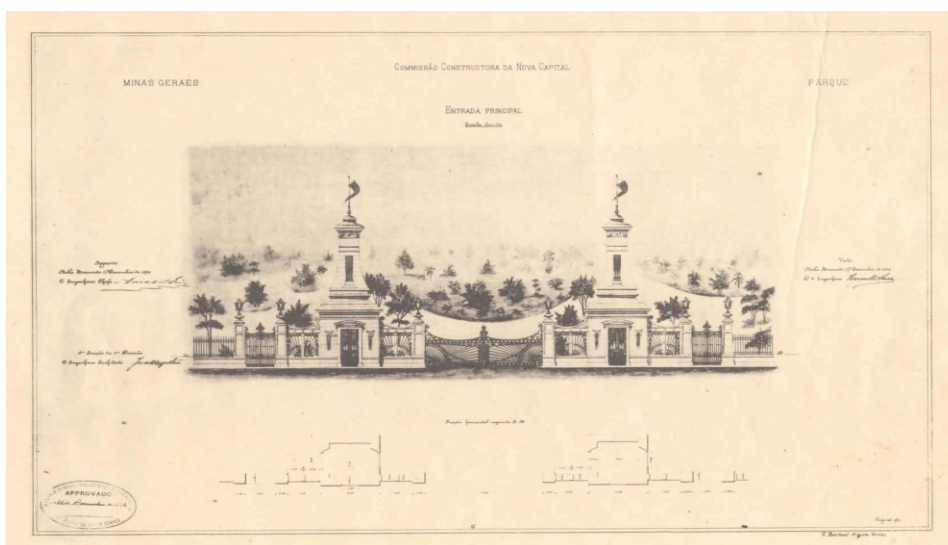
No recorte temporal desta pesquisa há elementos do Parque Municipal de Belo Horizonte que não tiveram tanto destaque nas fontes, embora mencionados, e com importância por serem destinados tanto para a diversão, como uma quadra de tênis e uma pista de patinação, quanto para a segurança e estética do espaço, como gradil, portões e as pontes. Outros foram ressaltados e serão destacados a seguir conforme três categorias: estética, de educação e de diversão.

Os elementos que se destacaram pelo sentido estético foram os portões, o gradil, as pontes e as árvores. Outros elementos, como lagos, lagoas, alamedas, áleas e coretos, além de exercerem a função de estética, também eram utilizados para os divertimentos e, por isso, serão mais bem tratados posteriormente nessa categoria.

Os portões eram pensados para composição da paisagem do Parque Municipal e entrada e saída de automóveis e pedestres. O projeto do Parque Municipal possuía uma entrada principal e uma lateral, como demonstrado nas FIGURAS 4 e 5. Em 1913, um portal fronteiro que dava saída para automóveis na avenida Álvares Cabral foi mencionado (Choque, 1913) e em 1922 já se discutia a implementação de dois portões monumentais (Melhoramentos, 1922). O recebimento desses portões ocorreu em 1926 e

1927, na administração de Flávio Fernandes dos Santos, quando o Parque Municipal recebeu “elegantes e sóbrios portões para adornar suas entradas” (Góis, 2003, p. 17). A colocação dos portões, dois grandes e quatro menores artísticos, possuía a intenção de proporcionar o trânsito de automóveis e de pedestres (Prefeitura, 1926). Além disso, o portão localizado na avenida do Andradas permitia a entrada de pedestres em 1934 (Até em Minas, 1934).

Figura 4: Projeto da Entrada Principal do Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Brand, 1894-1896.

Figura 5: Projeto das entradas laterais do Parque Municipal



Fonte: Salles, 1895.

O gradil, por sua vez, apesar de exercer um papel estético, também exercia a função de segurança do Parque Municipal, protegendo contra crimes que por hora ali ocorriam. A colocação do gradil de ferro no Parque Municipal, percorrendo toda a extensão da avenida Afonso Pena, ocorreu em uma obra realizada em 1926 (Prefeitura, 1926), ou seja, no limite do Parque Municipal com essa via de circulação (Góis, 2003). Em 1935, o Parque se destacava por estar “todo cercado por elegante gradil de ferro, que ainda, ali, ninguém se lembrou de exigir do chefe da cidade, a sua retirada do perímetro do mesmo” (Bello, 1935), ou seja, o gradil era admirado por sua estética, mas criticado por permanecer gradeando o Parque.

Em 1941, a justificativa que permeava a retirada do gradil era que esse era uma contradição paisagística, pois como o Parque era uma área pública, não deveria estar cercado. Dessa forma, o gradil foi retirado pelo prefeito Juscelino, porém a sua retirada teve efeitos contrários, sendo um desses efeitos o agravamento do processo de degradação do espaço (Góis, 2003). Ademais, nesse mesmo ano, ocorria a discussão sobre a construção do Teatro Municipal no Parque Municipal e, com isso, a retirada das grades com a justificativa que possibilitaria acesso irrestrito ao povo.

Dentro de um ano deverá estar construído o novo e majestoso Teatro Municipal de Belo Horizonte, o qual se erguerá defronte a Lagoa do Parque Municipal, cujas grades, tal como feito com as da Praça da República do Rio, serão retiradas, dando franco acesso ao povo. O teatro ficará situado abaixo do nível da Avenida Afonso Pena, à qual será ligado por uma ponte em arco (Um novo, 1941).

O gradil, todavia, possibilitava a segurança do local e a sua preservação, porém não de forma ilimitada. Em um episódio, em 1934, pode-se exemplificar tal impossibilidade, quando um homem pulou a grade do Parque Municipal em uma perseguição policial (Morto, 1934). E, quando um refugiado russo, em 1946, “teve que galgar o muro do Parque, como um ladrão, para poder dormir sem ser incomodado”, posteriormente, sendo preso (A miséria, 1946).

No projeto do Parque Municipal as pontes estavam presentes, como demonstrado na FIGURA 6. Alguns indícios são encontrados sobre elas na década de 1920 e 1930, quando em 1926, “a Ilha das Garças, que fica no Lago dos Barcos, antes Lago das Garças, foi contemplada com uma ponte romântica de madeira em forma de arco” (Góis, 2003, p. 18) e, em 1937, quando elas estavam passando por restaurações e pinturas (Bello, 1937).

Figura 6: Projeto de ponte rústica no Parque Municipal



Fonte: Salles, 1895b.

Na década de 1910 até os primeiros anos da década de 1950, as transformações do Parque Municipal de Belo Horizonte simbolizaram, a partir das árvores, tanto resistência quanto suscetibilidade às dinâmicas sociais e econômicas da cidade. As árvores estavam desde o início do Parque, em que segundo Góis (2003), árvores, como os figos, estavam presentes e foram plantadas quando esse espaço ainda era uma Chácara.

A economia da cidade de Belo Horizonte influenciava na configuração e na manutenção das árvores no Parque Municipal, porque ora favorecia, ora prejudicava o desenvolvimento desse espaço. Conforme Bruhns (2009), a economia foi regida por muito tempo pelo pensamento utilitarista, que priorizava benefícios imediatos e o crescimento econômico. Entretanto, para que isso ocorresse, foi necessário que recursos naturais sofressem deteriorações.

No Parque Municipal, as preocupações em relação as perdas desses recursos a partir das depredações eram comuns desde os anos iniciais da cidade. Em 1913, o prefeito da cidade, Olyntho Meirelles, deu atenção para as árvores do Parque implementando medidas para preservação da arborização no local, por meio de vigilância por guardas civis e pelos próprios empregados municipais. Essa preocupação se acentuava devido as deteriorações que ocorriam no Parque Municipal por crianças, consideradas ociosas (Bello, 1913).

Ademais, nesse mesmo ano, o prefeito Olyntho Meirelles recuperou a área ajardinada do Parque e começou, pela primeira vez, a tratar a parte não ajardinada, no sudoeste do Acaba-Mundo. Nessa parte do Parque, o mato rasteiro foi limpo e passou a ter eucaliptos e paineiras. Investimentos nos serviços de plantações de árvores também ocorreram com o objetivo de revitalizar o espaço e melhorar sua arborização (CVRD, 1992; Parque, 1913).

Segundo Bruttos (2021), o Parque Municipal de Belo Horizonte foi construído e planejado com a proposta de enfatizar a ideia de aeração, arborização e higienismo. Entretanto, podemos afirmar que ao longo das décadas parte desses princípios não foram prezados, como a arborização. Na década de 1910, por exemplo, o Parque Municipal perdeu parte de seu território, devido às construções realizadas em seu terreno. Segundo a CVRD (1992), essas perdas nunca mais seriam recuperadas e as justificativas para essas ações era um projeto apresentado ao Conselho Deliberativo da cidade, que exigiu a mutilação do local para a criação de “uma série de lotes para construção” (Projecto, 1913, p. 4).

Nessa década, há vários exemplos de perda de território do Parque Municipal, como para a Escola de Medicina, para a Diretoria de Higiene e suas dependências; além de parte do terreno oferecido pelo poder público ao América Futebol Clube, em 1919 (CVRD, 1992; Ribeiro, 1913). O Parque Municipal evidenciava, assim, as dinâmicas sociais e econômicas de Belo Horizonte, o que corrobora com Besse (2014) quando afirma que esses aspectos produzem olhares e valores dos homens na paisagem, por ser um território moldado por eles.

Em 1926, o Parque Municipal era amplamente reconhecido por sua arborização abundante (Oliveira, 1926) e suas árvores eram vistas como “gigantes de braços erguidos suplicando a natureza vida, flores, frutos e beleza, para abrigarem os viandantes e os ninhos de amores” (Bello, 1926, p. 10). A quantidade de árvores que o parque possuía, sua diversidade e a sua função de gerar sossego e repouso para os visitantes que ali estivessem eram destacados, como na passagem abaixo:

É o logradouro público onde melhor se desfruta a sombra, o sossego sob a copa de mil arvores de várias espécies. [...] Vi a casa campestre, numa das grandes alas, construída especialmente para descanso dos srs. presidentes do Estado. É uma linda habitação cercada de bambus e Eucalyptus: uma mansão de verdadeiro repouso, onde o espírito deve adormecer num sono tranquilo e bom (De Bello, 1926).

Em 1929, o Parque Municipal continuou a sofrer mutilações com a implementação da região hospitalar da cidade (CVRD, 1992). Todavia no final dessa década, resistências contra às mutilações ocorreram, por ser o Parque entendido como um espaço essencial para a vida na cidade, por desempenhar um papel importante no processo de urbanização que se acentuava.

A presença de fábricas na cidade era um exemplo notório da necessidade de espaços naturais em um centro urbano cada vez mais desenvolvido. Mesmo sendo as árvores e os jardins destaques na cidade arborizada, a imprensa, em vários momentos, reafirmava não ser essa argumentação para justificar as mutilações sofridas pelo Parque Municipal (De Bello, 1929), posicionando-se contra.

[...] embora, toda Belo Horizonte [seja] um parque único - cheio de árvores ramalhudas e jardins cheirosos -, não se justifica a mutilação sofrida pelo parque Municipal, que se não tem, no momento, uma alta função na vida da cidade-gergel, tê-la-á, sem dúvida, no futuro, quando o fumo das fábricas, diminuir o benefício geral produzido pelas grandes frondes silenciosas que verdejam em nossas ruas e avenidas (De Bello, 1929, p. 2).

Na década de 1930, surgiram perspectivas de construções em partes do Parque Municipal, que levantaram debates e críticas. Entre esses projetos estava a proposta de um Hotel de Turismo, planejado para ser construído em um dos ângulos do Parque, no encontro da Avenida Afonso Pena com a Rua Bahia (Conservemos, 1937). Além disso, havia planos para a construção da Cidade Universitária, sede da Universidade de Minas Gerais, no terreno do Parque Municipal (A cidade, 1937; Bello, 1937).

Ao mesmo tempo em que os debates das melhorias no Parque Municipal avançavam em relações às novas edificações, na década de 1930, a cidade também passava por um processo significativo de arborização, incluindo o Parque. Esse estava sendo enriquecido com milhares de mudas de diversas espécies. O espaço era especialmente admirado por sua flora diversificada (A metrópole, 1936) e vasta área florestada (Conservemos, 1937, p. 5), sendo comparado à praça da República no Rio de Janeiro (Camello, 1939).

Nessa época, a vegetação do Parque Municipal já incluía árvores como jaqueiras, jenipapeiros, eucaliptos (A metrópole, 1936), paineiras infestadas por Champion (Tingitideos, 1937, p. 35) e majestosas árvores antigas (O presidente, 1938c). O parque também participou de iniciativas como o plantio de Pau Brasil, destacando sua importância ecológica e ornamental (Semana, 1935).

Com uma boa parte da sua área, plana e a restante acidentada, deixa ver, por todos os seus lados, esplendidos espécimes da nossa flora, deles, sobressaindo, viçosos exemplares de altaneiros e decorativos eucaliptos, coqueiros de várias espécies, araucárias e paineiras. Vários, são os bem tratados gramados, enfeitados de roseiras, palmas de Sta. Rita, crótons etc (Silva, 1935, p. 12).

A valorização da natureza e os aspectos apresentados sobre o Parque Municipal, ao longo das décadas demonstram o que Lovisolo indica como uma ideia de natureza, que estaria mais ligada a “uma atitude dos seres humanos que, propriamente, a passividade de uma realidade” (2016, p. 11). Logo, a ideia de natureza que se demonstrava na década de 1930, no Parque Municipal, em Belo Horizonte, era através de um destaque dos elementos da arborização desse espaço e uma certa aversão a tentativa de mutilação dessa natureza, mesmo que seja uma natureza fabricada, como são os parques urbanos.

Na década de 1940, discussões continuavam sobre o espaço natural do Parque pela interrupção das obras do Teatro Municipal que levaram as pessoas a indagarem uma possível “conspiração da própria natureza magnífica que ali se concentra, para não permitir a intromissão do homem naqueles domínios tão puros e tranquilos” (Recado, 1948, p. 2). Segundo Bessa (2021), a imaginação possibilita a transformação da natureza pelas pessoas, fazendo com que a ideia de um mundo fantástico levasse a instrumentos de controle político e religioso.

Nessa mesma década, o Parque Municipal de Belo Horizonte enfrentava um período de intensas transformações e debates. A construção da Cidade Universitária continuava a progredir, conforme relatado em 1940, enquanto o Parque em si passava por remodelações significativas. Contudo, essas mudanças não estavam isentas de críticas e preocupações. Os loteamentos no Parque Municipal, discutidos em 1947 e formalmente considerados pela Câmara Municipal em 1948, representavam uma ameaça para as áreas naturais do Parque. A justificativa para essas mutilações incluía a necessidade da prefeitura por recursos financeiros e, com isso, uma redução dos custos de conservação (CVRD, 1992; Ergue-se, 1940; O parque, 1940; Paulo Filho, 1947; O loteamento, 1948; Alencar, 1948).

O Instituto de Arquitetos do Brasil posicionou-se veementemente contra o loteamento do Parque Municipal, argumentando que as cidades brasileiras,

especialmente as capitais, já eram deficientes em áreas verdes. Como destacado em um artigo de 1948:

[...] as cidades brasileiras. Inclusive as grandes capitais são acusadas de possuir poucos jardins, poucos parques, poucos locais amplos, arborizados, saudáveis, em que a população dos centros e dos bairros, principalmente as crianças possa encontrar refrigério, sombra, ar puro, ar livre [...] (Parque, 1948).

A ideia de progresso na época era frequentemente associada à ideia de degradação da natureza em prol do crescimento econômico, um tema discutido por Bruhns (2009), que destaca como a poluição era vista como um efeito inevitável do pensamento de progresso e do processo de modernização. Conforme a CVRD (1992), as mutilações no Parque Municipal tiveram impactos significativos nesse espaço. Pode-se perceber que a ideia de progresso discutida por Bruhns (2009) se alinha com os impactos que o Parque sofreu ao longo de décadas.

Na década de 1940, o Parque Municipal era destacado como um “jardim do centro da capital” (Estrangulado, 1945, p. 12) e como um belo recanto da capital mineira, com ambiente de selva e moitas (Acima, 1947). As suas “magníficas árvores” proporcionavam sombras (França, 1948, p. 15). O Parque Municipal, um local aprazível (Primeiro, 1941), embelezava o centro urbano da cidade (Mutilação, 1948). Além disso, esse espaço também era destacado como um dos parques mais belos do mundo:

O Parque Municipal de Belo Horizonte é considerado pelos entendidos pelos urbanistas, pelas pessoas viajadas, como um dos mais belos do mundo. Ainda há pouco, *The National Geographic Magazine*, revista norte-americana especializada de circulação mundial, sem dúvida a melhor no gênero, comparava-o ao Central Park, de Nova York (Parque, 1948, p. 5).

Ademais, as árvores esparsas, acompanhadas de gramados agradáveis (Belo-Horizonte, 1947), contrastavam com o ambiente urbanizado da cidade e que contribuía agregando valor para a região no entorno do Parque Municipal, contribuindo para a paisagem dos que podiam ver esse espaço de suas janelas, como demonstrado na citação abaixo:

A placidez dos seus lagos e os leques de suas palmeiras contrastam fortemente com o arrojo dos arranha-céus onde a vida febril dos belorizontinos se desenvolve. Jardim comum dos que moram no centro, enfeita a paisagem que se vê de milhares de janelas (Recado, 1948, p. 2).

O Parque Municipal continuava a sofrer tentativas de mutilações, em 1948, a partir de loteamentos de parte de sua área. A justificativa do prefeito da capital era “para conseguir recursos financeiros para os cofres da Prefeitura. Segundo aquele órgão, o trecho a aproveitar seria o que confina com a av. Afonso Pena, numa frente de considerável extensão” (Loteamento, 1948).

No ano de 1950, o Parque ainda era destacado pela sua iluminação feérica (Aspecto, 1950), entretanto, não são destacados outros aspectos. Em 1951, no recorte temporal final desta pesquisa, segundo a CVRD (1992), o prefeito Américo Renné Giannetti assumiu a Prefeitura e propôs reformas no Parque. Para essas reformas o paisagista Burle Marx foi convocado para estudar o caso e propôs a proibição de novas edificações e a completa remodelação do local.

O Roberto Burle Marx foi convidado pelo prefeito para cuidar dos jardins da cidade e, entre essas estava à remodelação do Parque Municipal. A noção de jardim de Burle Marx ia além do pensamento de que os jardins eram um lugar onde se plantava canteiros e flores. As reformas realizadas por ele foram consideradas obras de artes em que a feição dos jardins foi profundamente mudada no Parque Municipal, inclusive pelo cultivo de diferentes plantas silvestres (O jardim, 1951).

Esperava-se que, com essas reformas, o Parque Municipal voltasse a ser novamente um dos locais mais belos da cidade. Nesse mesmo ano, o Américo Renné Giannetti procurou “pôr em execução, um grande plano de arborização, compreendendo a restauração no Parque Municipal, arborização das vias e praças e reflorestamento dos terrenos da municipalidade que circundam a cidade” (Plano, 1951, p. 3), que parece estar intimamente ligado às reformas propostas por Burle Marx.

O Parque Municipal, nos seus anos iniciais até os anos iniciais da década de 1950, era entendido pela imprensa como um oásis da cidade, desempenhando um papel fundamental de diversão e refúgio da urbanização para a população belo-horizontina, contribuindo para o apelido de capital das árvores para Belo Horizonte.

Assim, a década de 1940 e os anos iniciais da década de 1950 marcaram um período crucial para o Parque Municipal de Belo Horizonte, em que houve um período de intensos debates e conflitos na cidade. De um lado, os interesses econômicos e urbanísticos buscavam expandir e desenvolver a infraestrutura urbana, muitas vezes às custas de áreas naturais, como o Parque Municipal. Por outro lado, havia uma crescente conscientização sobre a necessidade de preservar o patrimônio ambiental e cultural da cidade, promovendo um ambiente urbano mais saudável e equilibrado.

Para além dos elementos estéticos, podemos destacar também as estruturas do Parque Municipal que possuíam um carácter educativo, como o Instituto de Belas Artes.

Na década de 1940, o Instituto de Belas Artes oferecia aulas de desenho e pintura ao ar livre sob a direção de Albert Guignard. Essas aulas eram ministradas no Parque Municipal e se destacavam na imprensa, sendo os alunos incentivados a escolher o trecho do Parque que mais lhe agradavam, transformando o local em uma aula de pintura (Artista, 1945).

O Instituto, refletia a busca pelos códigos de civilidade abordados por Alvarenga e Chaves (2019), que segundo os autores resultou na promoção de expressões artísticas, na cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa, reafirma a ideia dos autores, a partir da expressividade que os jornais davam para o Instituto de Belas Artes, na década de 1940, que refletiam os incentivos ao desenvolvimento artístico na capital mineira, tendo como palco o Parque Municipal.

Em relação as estruturas do Parque Municipal que possuíam um carácter de diversão, podemos citar a quadra de ténis, o rínque de patinação, os coretos, as lagoas, os lagos, as áreas e as alamedas e os acampamentos. Alguns desses elementos também desempenham um papel estético, porém não só. Alguns serão abordados de forma conjunta com enfoque na diversão.

Os coretos, segundo Bruttos (2021), são elementos arquitetônicos presentes em espaços públicos, como em parques e jardins, e conhecidos por serem utilizados para atividades de divertimentos entre o século XVIII e XX. Ademais, podemos afirmar que eles continuam sendo utilizados, atualmente, para essas práticas, especialmente no contexto de Minas Gerais.

Com bases elevadas e vistas vazadas, os coretos foram, e são, utilizados para apresentação de bandas de músicas, atividades de contemplação e de ornamentação dos ambientes, fazendo parte de novas sociabilidades urbanas, como ocorreu em espaços públicos de Belo Horizonte, onde eles contribuíram para enfatizar a noção de beleza urbana, atraindo pessoas para espaços públicos onde se localizavam (Bruttos, 2021), inclusive as mulheres.

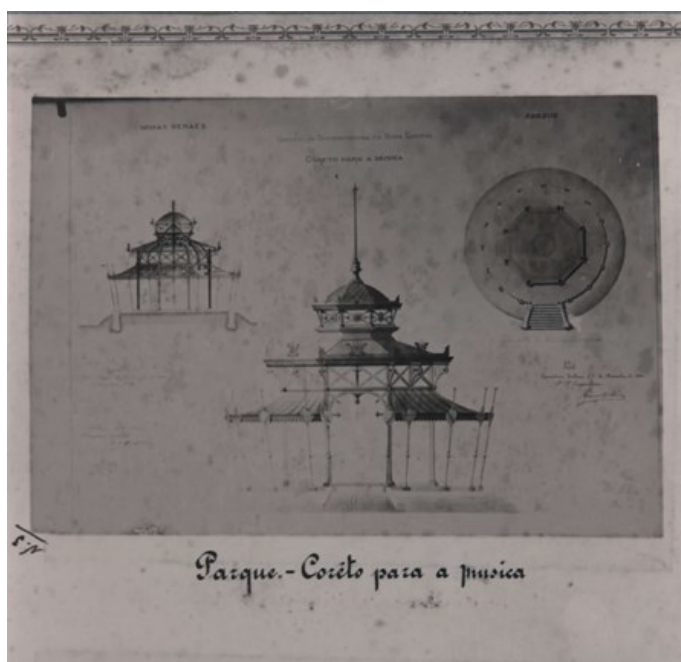
Nas festas realizadas em 1922, por exemplo, comemorava-se a independência do país em diferentes pontos da cidade com a presença do povo e de crianças de grupos escolares. Na Praça da Liberdade, os alunos se reuniram para uma festa escolar e cantaram hinos da pátria, assim como no Parque Municipal realizou-se a queima de

fogos de artifícios. Nas ruas da cidade aconteciam sessões de cinema ao ar livre e tinham coretos, onde bandas de músicas tocavam (Parque, 1922).

A incorporação de coretos fixos em espaços públicos das cidades, como ocorre no início do século XX, relacionava-se “a um conjunto de hábitos e posturas desempenhados pela sociedade, a qual compreendia esses ambientes como pontos de referência e espaços de lazer” (Bruttos, 2021, p. 801), como ocorre no Parque Municipal de Belo Horizonte.

Embora eles estivessem presentes no planejamento do Parque (CVRD, 1992; Bruttos, 2021) (FIGURA 7), e o projeto de execução não tenha sido efetivado por questões financeiras (CVRD, 1992), vários indícios sobre levantamento, instalação e usos de coretos móveis e fixos no Parque foram encontrados, sendo os primeiros na década de 1910.

Figura 7: Projeto do coreto para música no Parque Municipal, em 1895



Fonte: Salles, 1895c.

No ano de 1914, o então prefeito Olyntho Meirelles ordenou a construção de três coretos no Parque, com o intuito de facilitar a realização de festas beneficentes, como as quermesses, e proporcionar melhores condições para os cursos de automóveis durante o carnaval (Parque, 1914; Hontem, 1914; Telegrammas, 1914).

Em uma quermesse em benefício da Matriz da Boa Viagem, realizada no Parque Municipal neste mesmo ano, coretos levantados pela municipalidade por ocasião da

feita foram utilizados por bandas de música, que executaram hinos republicanos, e para venda de confetes carnavalescos (Uma quermesse, 1914). Vale ressaltar que as festas beneficentes eram momentos de socialização de mulheres da elite belo-horizontinas, como mais bem abordado no próximo capítulo, tendo elas centralidade na organização e realização desses eventos.

O coreto fixo, localizado na atual Praça Rio Branco, foi transferido para o Parque Municipal, no ano de 1922 (Bruttos, 2021). O coreto localizado nessa praça, antes denominada como Praça do Mercado, passou por uma preparação para ser instalado no Parque. O local onde ele foi assentado se tornou uma praça circular com canteiros de desenhos geométricos e regulares. Essa modernização espalhou-se para a área próxima à nova praça, atingindo as margens do Lago das Garças – atual Lago dos Barcos (CVRD, 1992).

A transferência do coreto para o Parque Municipal concretizou uma antiga concepção proposta pela comissão construtora de implementação de um coreto no Parque, que passou a ser utilizado para vários fins, como ponto de venda de produtos durante a realização de festas; como mirante para contemplação; e como ponto de reunião e sociabilização, como, por exemplo, de sócios do América, clube esportivo, em 1927, que o utilizaram para encontros no Parque (Football, 1927). Ademais, era considerado uma peça importante na história e nas formas de sociabilidade dos frequentadores desse local (Bruttos, 2021), entre eles mulheres. No coreto, vendia-se confetes carnavalescos e tocava-se hinos republicanos pelas bandas de músicas (Uma quermesse, 1914) e as mulheres se faziam presente participando e se divertindo nesses festejos na presença dos coretos.

Nas décadas de 1930 e 1940, os coretos do parque não aparecem com tanto destaque, exceto por menções pontuais, como em 1937, quando passaram por restaurações e nova pintura (Bello, 1937). E, em 1941, quando foram utilizados em eventos oficiais, como a cerimônia de abertura do 1º Ajuri Escoteiro Estadual da Federação Mineira de Escoteiros, realizada diante de um coreto (Ajuri-escoteiro, 1941). Por fim, nos anos de 1950 e 1951, os coretos deixaram de ser mencionados.

Segundo Bruttos (2021), o coreto era um objeto visto na cidade como um ícone visual que compunha a paisagem da cidade de Belo Horizonte. A presença deles contribuía para a valorização da estética urbana e atraía a população para os espaços públicos, reforçando a noção de beleza e harmonia na paisagem urbana.

No Parque Municipal, coretos, móvel e/ou fixo, exerceram essas funções, embelezando esse espaço, bem como exercendo um papel ativo de sociabilidade para a população belo-horizontina. Eles foram utilizados para apresentações de bandas, eventos oficiais e para encontros casuais de pessoas; como mirante para contemplação da paisagem, ornamentação do espaço, ponto de venda de mercadorias e alimentação em festas. Festas, como da Independência e beneficentes, realizadas por diferentes instituições e épocas do ano em que é possível compreender a importância dos coretos, especialmente nos espaços públicos, para sociabilidade das mulheres.

O contexto de crescimento urbano das cidades brasileiras e a busca das pessoas por melhor qualidade de vida estavam diretamente relacionadas ao processo de urbanização e a uma visão mais ampla de progresso, que prevalecia no Brasil nas décadas anteriores à crise ambiental, ou seja, antes das décadas de 1950 e 1960. Neste período, o crescimento econômico e a contaminação de rios e lagos faziam paralelo com a ideia de progresso, entendidas como sinônimos (Bruhns, 2009).

Em contrapartida, segundo Sakata (2018), os parques eram espaços onde os lagos, a sensação de ar mais limpo e as pessoas relaxadas eram valorizadas. O parque urbano era um espaço que contrapunha o que a cidade representava, ou seja, um espaço urbanizado e construído com sensação de ar poluído, preferencialmente seco e com pessoas tensas.

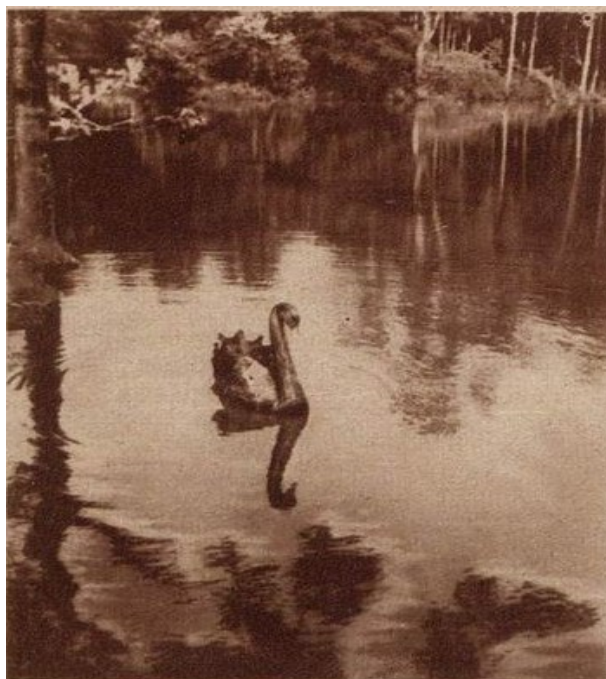
A natureza, segundo o Lovisolo, tinha um caráter de “cura e de regeneração do corpo, o energizava para resistir aos males da cidade” (2016, p. 4). Ainda segundo esse autor (2016), as vertentes tratadas pelos higienistas influenciaram nas obras e nos planos das cidades e, enfatizavam a criação de espaços naturais, como os parques e buscavam implementar, nesses espaços, lagos. Dessa forma, os lagos como elementos que constituíam os parques contribuíam para a percepção desse ambiente como mais equilibrado.

Segundo Góis (2003), o arquiteto Paul Villon, encarregado de dar continuidade ao projeto do Parque Municipal, dedicou atenção especial aos lagos, apesar das dificuldades financeiras enfrentadas. Seu objetivo era transformar esses lagos, que inicialmente eram lamacentos e infestados por insetos e outros animais, em jardins e paisagens que pudessem ser apreciados pelos recém-chegados moradores de Belo Horizonte.

Os lagos foram cuidadosamente planejados para exercer uma função estética no Parque Municipal. Também denominados como lagoas, esses elementos compunham a

paisagem do Parque de maneira significativa. Na década de 1910, a inserção de cisnes, a criação de novos lagos e os cuidados constantes por parte da prefeitura demonstravam a preocupação com a beleza e a qualidade estética do local, reforçando a intenção de transformar o Parque Municipal em um ambiente agradável e atrativo. Por exemplo, um casal de cisnes foi oferecido, em 1913, pelo prefeito do Distrito Federal e outros foram oferecidos pela cidade do Rio de Janeiro para viverem no lago do Parque, em 1914 (Parque, 1913, Telegrammas, 1913, Festas, 1914). Cisnes que permaneceram como componentes do Parque nos anos de 1930 (Nosso concurso, 1931), como demonstra a FIGURA 8, e se mantêm nos lagos até hoje.

Figura 8: Cisne no lago do Parque Municipal



Fonte: Tavares, 1931.

Vários movimentos foram feitos nessa época, como a implementação de dois novos belos lagos no ano de 1913 (Os melhoramentos, 1913) e a preocupação pela prefeitura da cidade dos lagos estarem cuidados (Do Rio, 1915), em 1915.

No ano de 1926, os lagos eram descritos como “azuis e ondulantes onde se refletem o céu, as nuvens e as silhuetas movediças da ramagem, onde passeiam canoas e brincam os patinhos apostando corridas numa alegria festiva” (Gôvea, 1926, p. 10) e, nesse mesmo ano, realizavam os ajardinamentos a margem do Lago das Garças (Edifícios, 1926, Prefeitura, 1926). Interessante observar a utilização das lagoas para

atividades de divertimentos aquáticos, inclusive as mulheres, como passeios pelas suas águas, como demonstrado na FIGURA 9.

Figura 9: Mulheres passeando de barco no lago do Parque Municipal, em 1927



Fonte: No lago, 1927.

Na década de 1930, o Parque Municipal era entendido como um espaço com muitos lagos (As grandes, 1938) e, esses eram designados como artificiais (Bello, 1931, Bello-Horizonte, 1939) e encantadores (Saudades, 1933). Em 1939, em um concurso fotográfico, uma foto foi compartilhada de um dos aspectos de um dos lagos do Parque. A FIGURA 10, demonstra o lago margeado por ruas, árvores e grama.

Figura 10: Aspecto de um dos lagos do Parque Municipal, ladeado por árvores e ruas, em 1939



Fonte: Araújo, 1939.

Na década de 1940, os lagos eram vistos como um elemento paisagístico que se destacava por seus contornos encantadores (Bello-Horizonte, 1941), suas ilhas (Belo-Horizonte, 1947) e sua calma (Recado, 1948). Além desse aspecto, eles também desempenhavam a função de diversão da população belo-horizontina através da promoção de práticas, como remo, regata, passeios de barcos e natação, que demonstram a diversidade de atividades aquáticas nesse espaço.

No final de 1913 e início de 1914, a prefeitura desejava adquirir barcos para a prática de regata nos lagos do Parque (Parque, 1913; Telegrammas, 1913; Festas, 1914). Em meados do ano de 1914, um grupo de homens da elite solicitou a concessão de um dos lagos para fundar o Club de Regatas Natação, com a finalidade de organizar competições de regata (Telegrammas, 1914a, 1914b).

As práticas aquáticas nos lagos do Parque Municipal aparecem de forma expressiva na década de 1930, em que houve um interesse crescente pela exploração de embarcações a remo nos lagos do Parque. Desse modo, a prefeitura, no ano de 1933, abriu uma concorrência pública para que essa prática de regatas pudesse ser explorada (Barcos, 1933). Nesse mesmo ano, alunos do ginásio foram encontrados praticando exercícios de natação ao entardecer. Inclusive, um deles, nomeado como José Pádua, afogou-se durante a prática (Pereceu, 1933).

No lago do Parque Municipal, entregavam-se a natação alguns rapazinhos, quando um deles, sentindo-se mal, pediu socorro aos companheiros. Estes perturbados e inexperientes, nada puderam fazer pelo colega que se afogava, o mesmo acontecendo com o guarda civil de serviço local, que não sabia nadar (Netto, 1933).

O afogamento ocorrido no lago do Parque Municipal trouxe um alerta para a necessidade de se aprender a natação, em que essa demanda deveria se estender, para além das crianças. A responsabilidade deveria recair também para os responsáveis pela segurança pública, como soldados e guarda civis e para as escolas do ensino primário que deveriam construir tanques, onde os alunos pudessem aprender a nadar. A justificativa para tal responsabilização é de que se o aluno afogado e seus colegas tivessem aprendido a nadar em seu grupo escolar, o fato ocorrido poderia ter sido evitado e seus colegas poderiam o ter socorrido. A iniciativa de aprendizado da natação era uma tentativa de evitar que novos incidentes de afogamento ocorressem considerando que o estado de Minas Gerais possuía diversos lagos e rios e a oportunidade de aprendizado se colocava apenas disponível para aqueles que já moravam nas margens de cursos d'água no interior do Estado (Netto, 1933).

Por conseguinte, espaços públicos nos centros urbanos de Belo Horizonte que possuíam lagos, como o Parque Municipal, eram encorajados para que iniciativas e incentivos ocorressem, através de escolas e de treinamento de seguranças públicos, para que se protegesse a população contra novos incidentes de afogamentos. Por fim, a prática da natação era incentivada a partir do entendimento dessa como uma atividade para a diversão, para a precaução contra afogamentos e por ser um exercício higiênico, que contribuiria para o corpo e mente das pessoas (Exercício, 1933).

Na década de 1930, as práticas aquáticas continuavam ocorrendo, como em 1935, quando jovens do colegial utilizaram botes (Bello, 1935) e, em 1936, há indícios da presença das crianças remando e passeando de lancha (A metrópole, 1936). Essa diversidade de atividades reflete o crescente interesse pelos esportes aquáticos no Parque, durante esse período.

Ademais, propostas de construção de piscinas no Parque Municipal surgem na década de 1930, quando a Prefeitura de Belo Horizonte e o governo mineiro tinha a intenção de proporcionar melhorias no espaço do Parque e dentre esses melhoramentos estava a construção de um Estádio Infantil. Nesse Estádio teria a presença de duas piscinas, uma com dimensão de 12 m x 25 m, e outra piscina para crianças menores de quatro anos (Um estádio, 1939).

Os lagos do Parque destacavam-se pelas estruturas de diversão que o circundavam, como o Teatro Municipal localizado de frente para um dos lagos (Um novo, 1941), e, um café restaurante que se destacava por estar em um local que se podia contemplar a paisagem e por estar...

[...] bem junto à região dos lagos [...] quase que ao ar livre, sob a copa frondosa do arvoredo, que o protege do rigor dos raios solares, sob a direção de um colono alemão; gozando da audição de um bom aparelho de rádio, que muito alegra a quem, para ali vae meditar na vida. Os momentos de divertimento nesses espaços proporcionariam a possibilidade também da contemplação dos lagos (Bello, 1935).

Os lagos eram muito utilizados para momentos de simples contemplação, fossem sentados no café-restaurante, fossem por autoridades governamentais, como no caso de Getúlio Vargas, em 1938. Nesse ano, o presidente se sentou em um banco à beira do lago, no Parque Municipal, e assistiu os pequenos barcos que havia para o divertimento das crianças. Conforme Vargas, ele estaria “encantado com os cenários e a graça das crianças, [...] confessou-se pesaroso de não poder permanecer, por mais alguns minutos, naquele lugar de tão rara serenidade e beleza” (O presidente, 1938, p. 3).

Os lagos exerciam papel fundamental na estética e na diversão da população belo-horizontina no Parque Municipal. Esses eram entendidos como elementos valorizados nos parques, no Brasil, no início do século XX, como afirmado por Sakata (2018) e corroborado por esta pesquisa. Além disso, eram visados por higienistas, desse período, que encorajavam a criação de parques que já possuíssem como implemento os lagos, como abordado por Lovisolo (2016) e reafirmado por esta pesquisa, quando se abordou que esses eram frequentemente implantados e cuidados, no início da consolidação do Parque Municipal em Belo Horizonte, na década de 1910.

Ademais, em seu sentido estético, os lagos contribuíam para a percepção de beleza do Parque Municipal por serem estonteantes, ajardinados, encantadores, calmos e margeados por ruas, árvores e grama. Além disso, a diversão neles ocorria pela prática de remo, de regata, de passeios de barcos, de natação e para a contemplação.

As áreas e alamedas são caminhos ladeados de árvores ou arbustos (Alameda, 2024). Ambas as palavras são encontradas como sinônimos em suas definições, sendo tratadas de tal forma nesta pesquisa. No Parque Municipal, essas estruturas eram elementos que se constituíam para a diversão da população e a estética do local.

Em relação aos divertimentos, em 1914, as áreas passaram por melhorias – através de seu alargamento – para proporcionar melhores condições para a realização dos cursos de carruagens, no carnaval (Telegrammas, 1914). Em 1925, as alamedas foram utilizadas para passeios, fossem pelos guardas civis que faziam a segurança do local, fossem pelas quatrocentas alunas do Conservatório de Música (Parque, 1925) que utilizavam esse espaço.

Em 1930, as alamedas foram utilizadas para passeios de automóveis (Serafim, 1930) e, em 1937, eram utilizadas como local de prova de uma corrida infantil. A prova foi organizada pelo Automóvel Club sob o patrocínio do Estado de Minas e tinha a presença de uma criança mineira, filho do engenheiro Gerson Salles Coelho (A prova, 1937). No ano subsequente, o presidente Getúlio Vargas, após uma missa, realizou uma visita no Parque e utilizou suas alamedas para passear a pé (Um passeio, 1938) e, no mesmo ano, crianças se divertiam com seus jogos esportivos e passatempos (Retorno, 1938).

Em 1941, escoteiros, famílias e convidados da elite ocupavam as alamedas para eventos, como o caso do 1º Ajuri-Escoteiro Estadual. Nessa situação, as multidões se aglomeravam nas alamedas para assistir as solenidades e, quando, o espaço não era suficiente nelas, as pessoas ocupavam os gramados do Parque (Primeiro, 1941a, 1941b). Por fim, no ano de 1950, as alamedas foram tomadas por multidões que as ocuparam para uma concentração política feita pelo Cristiano Machado que dirigiu a palavra para os conterrâneos, no Parque Municipal, encerrando sua excursão pela cidade (Aspecto, 1950; O encerramento, 1950). Em várias dessas situações podemos pensar na presença das mulheres no Parque se divertindo, seja junto aos seus familiares, ou na festa de carnaval, por exemplo.

Por sua vez, em seu sentido estético, no ano de 1915, um viajante, que saiu da central do Brasil no Rio de Janeiro passando por Juiz de Fora, Barbacena, Belo Horizonte e finalizando em Ouro Preto, relatou que o Parque Municipal necessitava de maiores cuidados de suas alamedas (Do Rio, 1915), cuidado esse que parece ter sido suprido nas décadas subsequentes, pois essas estruturas passam a receber caracterizações que não as designavam como descuidadas. Em 1925, por exemplo, as alamedas eram identificadas por possuírem “um ar elegante e distinto” devido a presença do Conservatório de Música, ao centro do bosque, onde era permeado por elas (Parque, 1925, p. 17).

Em 1926, em uma descrição de diferentes pontos da cidade de Belo Horizonte, como a Praça da Liberdade e o Parque Municipal, são destacadas as alamedas do Parque como “sombrias, de longos estirões, onde a luz é peneirada na folhagem espessa” (Gôvea, 1926, p. 10). Na década de 1930, essas eram vistas por serem “bem distribuídas, [por] relvados e maciços arborizados” (Serafim, 1930, p. 5), como estonteantes (Lá nas Alterosas, 1936) e sinuosas (Belo- Horizonte, 1947).

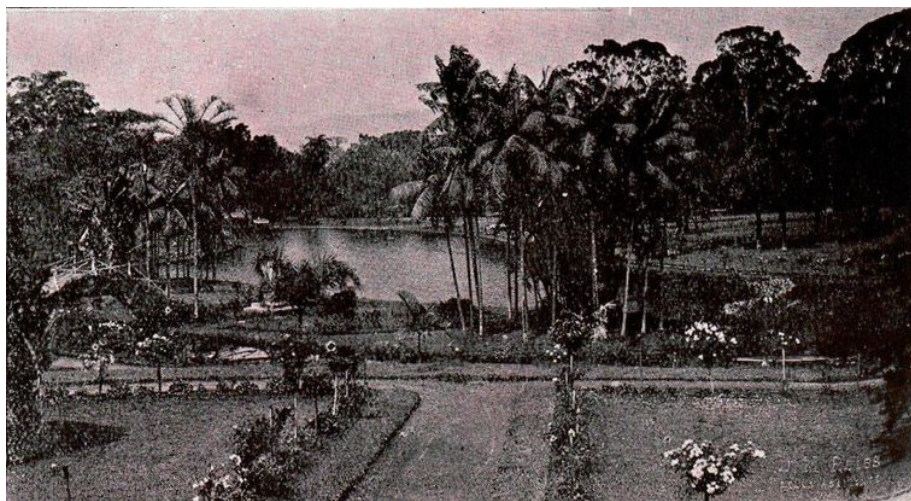
As alamedas do Parque Municipal possuíam ambas as características de retilíneas e sinuosas em seus diferentes pontos, sendo esse um parque que tem influências inglesas e francesas em sua formação. No ano de 1936, a FIGURA 11 demonstra a presença dessas como retilíneas e na FIGURA 12, como sinuosas.

Figura 11: Alamedas sinuosas em outros pontos do Parque Municipal



Fonte: Bello, 1933.

Figura 12: Alamedas retilíneas em uma das partes do Parque Municipal, em 1936



Fonte: Bello, 1936.

As alamedas do Parque, em seu sentido estético, eram ladeadas de árvores, sendo tanto sinuosas, quanto retilíneas e eram entendidas como singulares e elegantes, além de possuírem trechos longos, sombrios e estonteantes. Além disso, proporcionavam diversão para a população, como passeios a pé e de automóveis, jogos esportivos e curso de automóveis. A realização de eventos de caráter cívico também era realizada nesse elemento, como solenidades pelos escoteiros e concentrações políticas, onde as pessoas ocupavam seu espaço para se concentrarem. Ademais, a presença de meninas da Escola Normal era percebida.

O Parque Infantil era outra estrutura que possuía função de diversão e educação no Parque Municipal, mas que não havia indícios se ele havia sido construído na década de 1920, nesse espaço.

Quanto a criação de um parque infantil dentro daquele magnífico logradouro público, a coisa é outra: não faríamos mesmo senão imitar nações onde a cultura física foi elevada à altura de uma preocupação constante de governos e educadores. Na Argentina e no Uruguai, por exemplo, as praças desse gênero são nos parques públicos: tem seu regulamento, o seu horário e o seu corpo médico ao lado dos professores de educação física. Preze a Deus que em Belo Horizonte, a exemplo de São Paulo, pois somos presenciados em breve espetáculo igual (De Bello, 1929).

Os parques infantis, segundo Conceição e Filho (2021), funcionaram no Brasil após a década de 1930. Esses espaços eram extraescolares, atendiam crianças de 3 a 12 anos e eram baseados na valorização da Educação Física. Além disso, possuíam o enfoque na alimentação para que as crianças desenvolvessem melhor suas atividades de

recreação. Dessa forma, essas crianças poderiam ser consideradas nutridas e, não raquíticas. Na cidade de São Paulo, muitas vezes inspiração para Belo Horizonte, os parques infantis eram “espaços que deveria abrigar às crianças e, com isso, a cidade passou a ser mapeada pelas ações destinadas à infância” (Dalben; Danailof, 2009, p. 65).

Os acampamentos eram estruturas montadas no Parque Municipal, em que segundo Lovisolo (2016), no início do século XX, os escoteiros se aventuravam nos acampamentos na natureza e era uma tradição que valorizassem a vida nesse espaço. Ademais, a prática de acampar era considerada educativa e necessária para a formação dos escoteiros. Conforme Nery (2003), relatos sobre a realização dos primeiros acampamentos no Brasil são encontrados no ano de 1923, e demonstram a participação de escoteiros apenas do sexo masculino e que vestiam uniformes oficializados. No Parque Municipal de Belo Horizonte, práticas associadas aos acampamentos aparecem apenas nos anos finais da década de 1920 e ao longo das décadas de 1930 e 1940.

Em meados da década de 1920, entre os anos de 1926 e 1930, o governo de Minas Gerais estava sob a gestão de Antônio Carlos Andrada. O presidente contribuiu para a consolidação do movimento escoteiro no estado a partir de uma reforma educacional proposta por Francisco Campos. Nessa reforma, o ensino primário passou a aderir novas práticas pedagógicas, como a introdução de grupos escoteiros nos grupos escolares e no Estado. Os incentivos passaram desde a formação de chefes escoteiros até apoio financeiro e propagandas que buscavam disseminar valores positivos de sua prática (Nascimento, 2004).

No ano de 1929, ocorreu a Semana Escoteira, com ações realizadas por escoteiros no Parque Municipal. A programação festiva contou com atividades, como: hasteamento de bandeiras, desfile, acampamento, plantio de ipê, jogos esportivos, Fogo do Conselho e missa (Escotismo, 1929). Entre essas atividades, algumas, como o hasteamento da bandeira e o desfile, possuíam caráter cívico, enquanto a presença de árvores, como o plantio de ipês possuíam o objetivo de despertar o interesse pela natureza. Essas atividades podem se enquadrar em elementos presentes em festas, como as cívicas e as da natureza, que serão mais bem tratadas no capítulo seguinte.

Esse acampamento foi organizado pela Federação Mineira de Escoteiros, que possuía barracas para abrigar os escoteiros, foi caracterizado como movimentado, sendo destacados aspectos como a preocupação com limpeza e com a organização das barracas. Eles receberam visitas de alunos de grupos escolares, sendo um dos grupos de

escoteiros, designado como Guia Lopes, constituído alunos do *Gymnasio Mineiro*. Ademais, tinha-se a presença de mulheres e de autoridades governamentais, como o Presidente Antônio Carlos, sua esposa, alguns de seus secretários, como do Interior, da Finanças, da Agricultura e da Segurança e o prefeito da capital. Elogios das autoridades valorizavam os organizadores da Semana Escoteira, que se sentiam reconhecidos pelo trabalho realizado (Visita, 1929).

Nesses acampamentos também eram realizados jogos esportivos, em que os escoteiros participavam de jogos e atividades recreativas, além de palestras sobre questões morais (Escotismo, 1929). Este momento é chamado no Brasil, conforme Nascimento (2004), de “Fogo do Conselho” e a participação de autoridades governamentais, como ocorreu na Semana Escoteira no Parque Municipal, demonstrava o caráter cívico e nacionalista presentes nessas palestras, sendo as mesmas oportunidade e possibilidade de educação voltados para interesses nacionalistas.

O grupo Guia Lopes que participou dessas atividades, em 1929, no Parque Municipal (Visita, 1929), encerrou suas atividades, segundo Nascimento (2004) no início de 1932 e reapareceu no final do mesmo ano. De fato, em 1933, em um acampamento realizado no Parque Municipal, a organização foi realizada por este grupo em homenagem ao Gustavo Capanema, interventor; as autoridades governamentais e a imprensa (Associação, 1933).

O Guia Lopes, que era o antigo grupo do *Gymnasio mineiro*, fundado ainda no governo de Mello Viana, chefiado por Pereira da Silva, reaparece no final de 1932 graças a mobilização de antigos escoteiros que mesmo sem a presença do antigo chefe retomam as atividades do grupo. Sem dúvida, a doença de chefe Pereira, no início de 1932, foi um novo fator que levou à desmobilização ainda maior do escotismo mineiro (Nascimento, 2004, p. 68).

Ademais, ainda conforme esse autor (2004), o Guia Lopes e Escola Barão de Macahubas eram os únicos grupos de escoteiros remanescentes da década de 1920 que ainda atuavam na década de 1930 e que foram encerrados. Entretanto, como supracitado, o Guia Lopes retornou suas atividades no final de 1932.

Os acampamentos no Parque Municipal, foram estruturas que serviram, por exemplo, como abrigos e espaços para que os escoteiros exercessem suas atividades. Dessa forma, as características, citadas por Lovisoló (2006), de valorização da natureza e práticas educativas na formação dos escoteiros permaneceram nos acampamentos, no Parque Municipal de Belo Horizonte, até meados do século XX.

Vale destacar que esses elementos constituintes do Parque Municipal para além das funções predominantes, como estética, diversão e educação, também exerceram outras, como de segurança e de sociabilidade, isso na realização de ações que tinham a intenção de atender demandas e necessidades da população belo-horizontina, bem como dos governantes.

Nesse contexto, as mulheres utilizaram dessas estruturas do Parque Municipal de diferentes formas e em diferentes atividades, como os coretos nas festas beneficentes e as alamedas e áreas para realizarem passeios matinais.

2.2.2 Usos e apropriações do Parque Municipal

Em trabalhos anteriores, como o realizado por Vilhena (2005), indícios são colocados sobre a utilização do Parque Municipal para a realização de algumas diversões, como práticas esportivas. A autora (2005) cita esportes, como ciclismo, futebol, natação e tênis, no início do século XX. Este trabalho, inclusive, busca aprofundar nos divertimentos nesse espaço, especialmente pelas mulheres, que serão mais bem abordados no próximo capítulo.

Vale destacar que a concepção dos espaços dos parques, no Brasil como um espaço de diversão contrapõe a ideia abordada por autores, como Macedo e Sakata (2010), que afirmaram que durante o século XIX e XX, os espaços dos parques eram locais desnecessários para a diversão. Os autores afirmam que isso ocorria devido a outras possibilidades de espaços para essas práticas nas cidades. Ainda segundo eles, os parques teriam ganhado expressividade como espaços para o divertimento da população, tornando-se uma necessidade social, apenas a partir da segunda metade do século XX.

As cidades brasileiras, durante todo o século XIX e mesmo no século XX, em especial na sua primeira metade, expandiram-se de um modo não contínuo, sempre dotadas de vazios urbanos, sendo o parque considerado equipamento desnecessário para o lazer imediato e cotidiano da população. O país, rico em recursos naturais de porte (água, matas, praias), ofereceu por todos esses anos incontáveis possibilidades de espaços de lazer (Macedo; Sakata, 2010).

De fato, os parques não possuíam expressividade no lazer antes da segunda metade do século XX?

Esta pesquisa contrapõe a afirmação realizada por esses autores demonstrando as diferentes formas como o Parque Municipal de Belo Horizonte era utilizado para proporcionar divertimentos e a sua influência na capital mineira; inclusive corrobora com Pacheco e Raimundo (2014) quando afirmam que os parques urbanos tiveram um papel importante na formação das cidades e os divertimentos sempre estiveram entre suas finalidades, como ocorre em Belo Horizonte, cujo Parque Municipal, segundo Vilhena (2005) foi planejado e criado com a intenção de proporcionar diversão para a população belo-horizontina.

Ao longo do recorte temporal desta pesquisa, foram vários os usos e apropriações⁴ pela população belo-horizontina do Parque Municipal de Belo Horizonte. Aqui serão destacados aqueles que tiveram maiores expressividades, como as visitas, as queimas de fogos de artifício, os corsos de automóveis e as orquestras e bandas de músicas. No próximo capítulo serão tratados divertimentos, com centralidade na participação das mulheres, como festas, exposições e excursões.

A imprensa desempenhou um papel crucial na cobertura das atividades de autoridades governamentais, predominantemente homens, na cidade, como as visitas realizadas ao Parque Municipal, que se tornou ao longo dos anos um espaço central na vida social e política da cidade. Foram várias visitas realizadas a esse local, por vezes juntamente com outros espaços de destaque da cidade, sejam eles de expressão científica, educacional e/ou estética, associados ao progresso que se tentava instaurar na cidade, inclusive a partir de divertimentos modernos.

Nas décadas iniciais do século XX, visitas ao Parque Municipal foram realizadas por autoridades governamentais e/ou suas esposas e professoras de grupos escolares. Em uma visita realizada em 1913, por exemplo, o presidente do Estado, Bueno Brandão e com o prefeito da capital, Olyntho Meirelles, visitou o Parque com objetivo de acompanhar o andamento das obras que ocorriam no local (A situação, 1913, Telegrammas, 1913). Em 1914, as mesmas autoridades governamentais presentes na visita do ano anterior estiveram presentes em uma nova visita para acompanhamento dos melhoramentos do Parque, porém nessa visita a presença da esposa do Bueno Brandão também foi destacada (Telegrammas, 1914). Essas visitas nos dão pistas da associação dessas atividades com reformas realizadas em Belo Horizonte, em ações de progresso.

Na década de 1920, visitas similares persistiram, de modo que a visita do Marechal Hermes da Fonseca a Belo Horizonte em 1921 foi destacada pela imprensa e marcada por uma série de eventos. Durante a sua estada, o marechal, acompanhado de sua comitiva e do prefeito Affonso Vaz de Mello, percorreu diversos pontos importantes da cidade, incluindo o Instituto Oswaldo Cruz e o Parque Municipal. Além disso, a programação das visitas, na cidade, contou com um almoço no Grande Hotel, uma

⁴ Visitas de autoridades governamentais, homenagens, crimes, instauração de clubes esportivos e realização de partidas esportivas, expressões artísticas, festas, corsos de automóveis, orquestras, bandas de músicas, batalhas de confetes, banquetes, piqueniques, *lunch*, almoços, churrasco, queima de fogos de artifício, carnaval, lança perfume, exposições, excursões, entre outros.

sessão especial no Cinema Pathé e visitas ao quartel da polícia, ao corpo de bombeiros e ao esquadrão de cavalaria. A esposa do marechal esteve presente no almoço no Grande Hotel e a presença das senhoras da alta sociedade de Belo Horizonte foram destacadas durante as visitas (Minas, 1921).

Vale destacar que na década de 1910 e início da década de 1920, percebe-se aquilo que D’Incao (2000, p. 228) ressalta que “a mulher da elite passou a marcar presença em cafês, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social” o que levou a ideia de intimidade a se expandir, e a família, especialmente a mulher, estar sujeita à avaliação e opinião do público. Era esperado que essas mulheres, ao participar de eventos sociais, se comportassem de acordo com as expectativas das autoridades e da sociedade. Elas eram cuidadosamente observadas e deviam demonstrar uma postura educada e elegante em público, conforme a própria autora destaca.

Nesse período, as mulheres começaram a ganhar destaque na cobertura da imprensa durante os eventos na cidade, como em almoços e recepções, e os jornais entravam com seu papel de reforçar os padrões de comportamento esperados. Entretanto, mesmo quando as atividades sociais das mulheres eram amplamente noticiadas, não se destacava que essas possuíam iniciativas ou poderes próprios. Conforme Figueiredo (2000), esse era um cenário das mulheres mineiras, desde a época colonial, em que foram excluídas de funções políticas. Essa exclusão continuava a se manifestar nas décadas iniciais de Belo Horizonte?

A imprensa noticiava aquilo que se esperava das mulheres da elite. A expectativa é que essas mantivessem uma postura adequada em público para que pudessem contribuir significativamente para o prestígio social de seus maridos. Os homens, muitas vezes, dependiam da imagem que suas esposas projetavam para o grupo social ao seu redor. Embora os maridos fossem vistos como autônomos e envolvidos em questões políticas e econômicas, na realidade, estavam cercados por um conjunto de mulheres que desempenhavam um papel crucial na manutenção e promoção de sua posição social. Assim, as mulheres da elite eram fundamentais para a construção e manutenção da imagem pública de seus maridos, influenciando diretamente a percepção social e o status político da família (D’Incao, 2000).

No decorrer da década de 1920 outras visitas ocorreram na cidade, como em 1926, quando o senador Washington Luís, então eleito para a Presidência, almoçou no palácio do governo com o presidente Mello Vianna, sua família e os auxiliares do governo. Durante sua visita à cidade, Washington Luís, acompanhado por diversas

autoridades governamentais, foi ao grupo escolar Rio Branco (Bello, 1926). Esse grupo foi o primeiro a ser inaugurado em Belo Horizonte, em 1914, no palacete do secretário do Interior da época (Vago, 2000).

Nesse evento foram prestadas homenagens e realizadas apresentações musicais pelos alunos, sob a coordenação da professora Honorina Prates. As autoridades percorreram as dependências do grupo, atraindo a presença de membros da elite local, como a família da esposa do presidente e profissionais, incluindo advogados e professores. A banda do 1º batalhão da força pública tocou o hino nacional na entrada e saída dos visitantes. O Parque Municipal também estava na programação da visita (Bello, 1926).

A visita de Washington Luís, em 1926, foi calorosamente recebida em diversos locais da cidade belo-horizontina e demonstrou grande apreço pelas instituições da capital mineira. Ele também visitou a Escola Maternal, a Fazenda Gameleira e o Instituto João Pinheiro, onde participou de um almoço após a visita aos pavilhões. Em seguida, Washington Luís e sua comitiva também visitaram o Instituto Radium, o Instituto Raul Soares, o Horto Florestal e o Parque Municipal, antes de percorrer ruas e avenidas da cidade, finalizando no palácio do governo. Ademais, a passagem pelos edifícios em construção da Alfândega e do Banco Comércio e Indústria também fizeram parte dessa visitação. Esses eventos destacam o interesse e a importância de Washington Luís pelas instituições educacionais e científicas, refletindo o intenso compromisso com a modernização e o desenvolvimento da cidade (Bello, 1926).

[...] passaram pelo Parque Municipal, tendo o senador Washington Luís e o Dr. Mello Vianna descido do automóvel, bem como quantos os acompanhavam, e percorreram a pé algumas vielas. Dali, saíram em percurso também a pé por várias ruas e avenidas, tendo o Dr. Washington Luís se manifestado encantado com as maravilhas de Belo Horizonte (Minas, 1926).

A presença das mulheres não foi mais mencionada. Entretanto, o destaque para as ruas e avenidas da cidade ocorreu pelo novo *status* que essas começavam a apresentar pelo processo de urbanização dos centros urbanos brasileiros. Conforme observado por D’Incao, “o espaço urbano, antigamente usado por todos em encontros coletivos, festas, mercados, convívio social etc., começa a ser governado por um novo interesse, qual seja, ‘o interesse público’” (2000, p. 224).

Dessa forma, o controle desses espaços e das pessoas era parte de um processo de urbanização mais amplo da cidade belo-horizontina, conforme observado por

Moreno e Vago (2011), que destacam que urbanizar a capital mineira envolvia proibir e coibir práticas consideradas indesejáveis, com o objetivo de evitar determinados comportamentos.

Conforme Moreno e Vago (2011), as práticas realizadas pelas pessoas eram formas de reforçar o cultivo dos corpos para atender às novas demandas que surgiam na capital.

Cultivar os corpos dos habitantes era fazê-los incorporar os tempos marcados dos relógios a dizer a hora do trabalho para o progresso, a hora do descanso para mais labuta, a hora da reza para Deus, a hora do silêncio, a hora da diversão autorizada. Cultivar os corpos era prescrever e informar normas de conduta e exigir obediência (Moreno; Vago, 2011, p. 69).

Em relação as mulheres, como abordado por D’Incao (2000), essas seguiam normas e condutas nos espaços públicos e privados sob normas impostas socialmente.

Nas casas, domínios privados e públicos estavam presentes [as mulheres]. Nos públicos, como as salas de jantar e os salões, lugar das máscaras sociais, impunham-se regras para bem-receber e bem-representar diante das visitas. As salas abriam-se frequentemente para reuniões mais fechadas ou saraus [...]. A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentos consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências entre amigas (D’Incao, 2000, p. 228-229).

Em 1927, as visitas continuaram acontecendo em Belo Horizonte, dessa vez por Getúlio Vargas, então ministro da Fazenda que visitou a cidade e foi recebido pelo presidente Antônio Carlos no Palácio da Liberdade. Após a recepção, Vargas e sua comitiva exploraram o edifício da Alfândega e percorreram vários pontos da cidade, incluindo o Prado Mineiro, o Parque Municipal, o Alto da Floresta e o reservatório d'água na Lagoinha, oferecendo vistas panorâmicas. A visita também incluiu uma passagem pelo Grande Hotel, onde Vargas deveria visitar a mina do Morro Velho à tarde. À noite, ele jantou com a família do presidente e passou a noite no Grande Hotel, recebendo diversas visitas (A visita, 1927).

Vale destacar que nas décadas de 1910 e 1920 similaridades ocorreram nas visitas realizadas à capital mineira, dentre elas podemos citar o papel tradicional que as mulheres desempenhavam como esposas das autoridades governamentais. As reportagens possuíam um padrão sendo destacados os nomes das autoridades, os locais que percorriam e a forma como as visitas aconteciam. A partir da década de 1920,

entretanto, há mudanças, com o realce para a participação das mulheres, como de professoras de grupos escolares e esposas dos governantes.

No ano de 1930, delegados estrangeiros do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetura chegaram em Belo Horizonte e foram recepcionados por representantes do governo, da imprensa e pelo prefeito Alcides Lins, hospedando-se no Grande Hotel. Os delegados visitaram autoridades locais, edifícios, como o Grupo Escolar Pedro II, a Escola de Aperfeiçoamento e o Teatro Municipal. Nesse último, eles assistiram a uma ópera, denominada como "O Guarany". Ademais, participaram de um banquete no Automóvel Clube e fizeram passeios pela cidade, como no Parque Municipal, além de hospitais e sanatórios (Quarto, 1930).

A VII Exposição de Belo Horizonte ocorreu na cidade no ano de 1938, de forma concomitante com uma programação de Getúlio Vargas na cidade. O presidente participou, na ocasião, de uma missa solene na Catedral Metropolitana, com sua esposa Darcy Vargas, com o governador Benedito Valladares, com o general José Pinto e com outras autoridades. Após a cerimônia, o presidente foi acompanhado à porta principal da igreja pela execução do Hino Nacional em sua homenagem (O presidente, 1938a).

O presidente também visitou o Parque Municipal com o governador (As grandes, 1938), com o general e com o ministro João Carlos Vital (O presidente, 1938b). Eles foram recepcionados, no Parque, por dezenas de crianças que realizavam exercício de ginástica e de luta livre (O presidente, 1938b), de modo que durante a visita eles assistiram a demonstrações esportivas proporcionadas por elas (As grandes, 1938).

Após assistir às apresentações, Getúlio Vargas, ao se despedir, abraçou as crianças e disse ao menino líder do grupo: "Hoje como é domingo vou pedir ao governador Valladares que mande distribuir a vocês balas e bombons...". Após a visita ao Parque, o presidente visitou a Rádio Inconfidência (O presidente, 1938b, p. 2).

A presença da esposa de Getúlio Vargas foi destacada na missa, entretanto no evento no Parque Municipal, apesar de alguns nomes ainda serem mencionados, como o do próprio presidente, do governador, do general e ser adicionado o do ministro, o nome de sua esposa não é mais destacado. Questiona-se, então: por que da ausência dela no Parque Municipal? E, se não estivesse de fato ausente, o que determinaria sua ausência nas páginas dos jornais?

As mulheres, tanto no contexto do espaço público quanto do privado, participavam das visitas pela cidade e pelo Parque Municipal, desempenhando papéis na

afirmação das condutas sociais que permeavam a cidade, a sociedade e os governantes que a constituía. Dessa forma, as expectativas em relação aos comportamentos dessas mulheres moldavam suas atividades e interações, auxiliando na sustentação e promoção da imagem de Belo Horizonte como uma cidade em progresso.

Em 1942, o embaixador norte-americano Jefferson Caffery visitou Belo Horizonte, onde participou de uma série de eventos. A visita incluiu uma missa solene na igreja de São José, celebrada pelo arcebispo Dom Antônio dos Santos Cabral. Caffery também visitou o Minas Tênis Clube, onde acompanhou uma demonstração esportiva e participou de um almoço. Após o almoço, o embaixador visitou as obras da Cidade Industrial, percorreu a avenida Amazonas observando as construções dos primeiros estabelecimentos fabris, conheceu a Feira Permanente de Animais e o Instituto Químico e Biológico. Para encerrar o dia, Caffery realizou um passeio pela capital, incluindo uma visita ao Parque Municipal. A visita foi marcada por uma intensa interação com as autoridades, como o governador Benedito Valladares e sua família, os secretários, as altas autoridades e a massa popular (Entre vibrantes, 1942).

Em 1943, o prefeito de Belo Horizonte, acompanhado por um arquiteto, engenheiros e funcionários, visitou as obras do Teatro Municipal de Belo Horizonte, situado no Parque Municipal, que estava na fase de concretagem (Correio, 1943). Ademais, em 1947, o Ministro da Educação foi a Minas Gerais e participou no Parque Municipal do lançamento da pedra fundamental de um dispensário antituberculosa (Notas, 1947). As mulheres não foram destacadas de forma explícita na década de 1940 nas visitas realizadas na cidade de Belo Horizonte e, especificamente, no Parque Municipal.

As visitas ocorreram em diferentes partes da cidade de Belo Horizonte, como na Escola Maternal, na Fazenda Gameleira, no Instituto João Pinheiro, no Instituto Oswaldo Cruz, no Instituto Radium, no Instituto Raul Soares, no Horto Florestal, nos edifícios em construção da Alfândega e do Banco Comércio e Indústria, no Cine Pathé, no quartel da polícia, no corpo de bombeiros, no esquadrão de cavalaria, no grupo escolar Rio Branco e no Parque Municipal. Esse último, palco de muitas visitas, demonstrava a importância desse espaço como central na vida da cidade.

Para além das visitas, que em alguns de seus momentos incluía atividades no Parque Municipal, este espaço público de lazer também foi apropriado para realização de vários tipos de divertimentos, como queima de fogos de artifício; curso de

automóveis; apresentações de orquestras e bandas de músicas; realização de práticas esportivas, comemorações festivas e concertos. Abaixo, seguem alguns destaques.

Práticas esportivas foram realizadas, promovidas em diferentes locais do Parque, como alamedas, pavilhões e lagos. Entre outras estruturas, segundo Silva (2023), o Parque tinha um velódromo para a prática de ciclismo. A expectativa é que possuísse 500 metros de circunferência, tendo ao centro fontes luminosas (Rodrigues, 2006).

O velódromo foi utilizado para realização de corridas, como as realizadas pelo Velo Club.

Em Belo Horizonte, a bicicleta esteve presente desde a sua fundação. [...] O Velo Club foi fundado em 19 de junho de 1898, sob a direção de Fernando Esquerdo, em Belo Horizonte. As corridas eram realizadas aos domingos e quintas-feiras, tendo como local de realização a pista do Parque. Devido à pouca iluminação do parque, as corridas sempre acabavam antes do anoitecer (Silva, 2023, p. 53).

Contudo, segundo Silva (2023), a presença do ciclismo no Parque foi curta devido a ocorrência de acidentes, com isso as atividades do Velo Club foram interrompidas em 1899 e as corridas de bicicleta no Parque proibidas.

Segundo Rodrigues (2006), o espaço público deveria ser uma expressão de ordem, com isso as pessoas deveriam seguir padrões de comportamentos que fossem regidos pelos valores de um mundo civilizado. Dessa forma, a presença de acidentes era de fato um propulsor para que essa atividade fosse proibida, por não estar de acordo com padrões estabelecidos de civilidade da época. Todavia, sendo os esportes uma forma de divertimento moderno, outras iniciativas foram realizadas.

À medida que a cidade e o próprio Parque Municipal avançavam, como em seus anos iniciais, foram encontradas outras práticas de divertimentos para além das práticas esportivas (Schetino, 2014), como festas beneficentes, *Garden Party*, concertos e comemorações (Rodrigues, 2006), algumas desenvolvidas no próximo capítulo, devido à presença e atuação das mulheres nessas ações.

O espaço do Parque desde sua inauguração, como já destacados, também foi planejado com locais que buscavam a diversão da população, como o cassino, o observatório (Silva, 2023), o restaurante e a ponte artística. Embora desde os seus anos iniciais seja destacada nas fontes “somente uma frequência elegante” nesse espaço (Rodrigues, 2006, p. 68), ou seja, da elite belo-horizontina, há indícios de ocasiões em que havia no Parque uma diversidade de público e de diversões, como na década de 1920, na realização de uma festa popular.

Neste momento realiza-se a festa popular no Parque Municipal, sendo queimados fogos de artifício, e havendo ainda outras diversões. As ruas da cidade estão repletas de povo, havendo vários cinemas ao ar livre e coretos em que bandas de música executam escolhidos programas (Em Minas, 1922).

Em relação as orquestras e bandas de músicas, desde o início do século XX, a cidade de Belo Horizonte foi construindo uma tradição musical baseada nos moldes europeus. O primeiro teatro da cidade foi nomeado como Teatrinho Provisório, porém foi demolido em 1897 e deixou a cidade sem nenhum local para abrigar uma casa de espetáculos, nem mesmo de forma paliativa. Por isso, recitais e demais apresentações eram realizados em locais improvisados. Alguns desses locais que abrigavam apresentações musicais era o Clube Bello Horizontino e o Club Sportivo 17 de dezembro (Villalba, 2016).

No Parque Municipal ocorreram apresentações de bandas de música em vários momentos, como em exposições de avicultura, de apicultura, de floricultura, de horticultura e de pomicultura (Parque, 1913); em ocasiões comemorativas, como na inauguração de algum melhoramento do próprio Parque; na realização de alguma festa, como em festas educativas realizadas pelas escolas e que contavam com a presença de alunos, professores e professoras (Rosa *et al.*, 2024).

O Parque Municipal foi, por exemplo, palco para apresentação de orquestras na década de 1910, como em uma festa beneficente em que um grupo de homens da elite se apresentaram (Matriz, 1914) e em um almoço para autoridades governamentais com apresentação de professores (Pelo Telegrapho, 1917).

Aliás, várias atividades festivas ocorriam no Parque e nelas havia várias atrações, como os cursos de automóveis, que surgiram na cidade de São Paulo, no início do século XX, quando foram criados em substituição aos desfiles de carruagens, nos carnavais. Vale destacar que Belo Horizonte já possuía clubes, nessa época, que realizavam cursos, como o Clube Matakins, que possibilitou os primeiros desfiles na capital mineira, denominados como O Corso (Braga; Vieira, 2014).

Ademais, os blocos de carnavais surgiram na cidade desde sua fundação, mas foram perdendo forças na década de 1930 juntamente com outras manifestações carnavalescas, como os cursos, uma...

[...] brincadeira carnavalesca elegante era conhecida como curso e consistia em um luxuoso desfile de automóveis enfeitados com flores, serpentinas e papéis coloridos pelas ruas da cidade. Esses automóveis eram ocupados por

representantes das tradicionais famílias belo-horizontinas que interagiam com os foliões, que assistiam ao cortejo, com o lançamento de finos apetrechos como confetes brilhantes, papéis com poesia, pétalas de rosa e lança-perfumes. Os locais destinados ao desfile desses automóveis correspondiam a respeitáveis e simbólicas ruas da capital, o que conferia um sentimento de deslumbramento ainda maior aos foliões que assistiam ao Corso, como a Avenida Afonso Pena, a principal avenida da cidade, e a Avenida Liberdade – atual Avenida João Pinheiro, principal logradouro de acesso à Praça da Liberdade, sede do Governo de Minas Gerais (Dias, 2015).

No Parque Municipal, os cursos também se manifestavam. Na década de 1910, eles ocorreram na festa da primavera, que contava com exposições (Belo, 1912) e no carnaval (Telegrammas, 1914). Ademais, em algumas situações, os carros mais belamente ornamentados ganhavam prêmios (Exposição, 1913). Os automóveis eram chamados por carruagens, assim como carros. Nas décadas subsequentes, não há mais indícios de realização de cursos no Parque Municipal.

Aos longos dos anos, são diversos os usos e formas de apropriações do Parque, por meio dos divertimentos. No próximo capítulo serão ressaltados aqueles em que a presença das mulheres se destacou.

3 DIVERTIMENTOS PRATICADOS PELAS MULHERES NO PARQUE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Apesar das diferentes diversões apresentadas no Parque Municipal ao longo do tempo, este capítulo ressalta aquelas que tiveram a presença de mulheres, como as festas, as práticas corporais, as exposições e as excursões. A expressividade de recorrências nas fontes analisadas no banco de dados sobre essas diversões foi significativa quando investigada a presença das mulheres. Com isso, a escolha desses grupos foi realizada em detrimento de outros.

3.1 Festas no Parque: cenários de sociabilidade

Os divertimentos em Belo Horizonte, segundo Rodrigues (2006), eram raros nos destaques de notícias dos jornais. Nas duas primeiras décadas do século XX, eles foram se constituindo, por meio de práticas, como “circos e companhias equestres, passeios no parque, touradas, teatro, bares, clubes, footings e, posteriormente, o cinema, mas não como direito de todos” (2006, p. 82). Em relação ao Parque Municipal, todavia, as festas tiveram grande expressividade nas fontes pesquisadas, inclusive quanto à participação das mulheres da elite nessas atividades.

Vale destacar que na transição do século XIX para o XX, em Belo Horizonte, as festas ocorriam em comemoração de aniversários, de casamentos, de batizados, de bailes, de carnaval, de saraus, de festivais artísticos, de quermesses, de festas beneficentes e de *Garden Party*, e eram os principais espaços onde a elite belo-horizontina estava presente (Souza Neto; Silva, 2009), o que também acontecia no Parque Municipal.

As festas que ocorriam no Parque Municipal eram diversas. Inclusive esse espaço era considerado um local educativo em que festas escolares aconteciam, para além dos espaços e tempos escolares (Rosa *et al*, 2024), ampliando o público do espaço, bem como os usos desse espaço ao ar livre destinado a diversão da população.

Cândido (2012), ao estudar as festas escolares na transição do século XIX e XX, afirma que tinham o propósito de marcar um novo tempo e uma nova organização social e política. Segundo ela, no âmbito da história da educação no Brasil e em países europeus, a partir do final do século XIX, “caberiam as comemorações, assim como a todas as atividades realizadas no contexto escolar, uma função de ensino e

aprendizagem, além de uma divulgação de um saber característico da escola moderna, considerada, naquele momento, o modelo ideal” (2012, p. 13).

[...] as festas escolares [...] são aquelas que acontecem nas instituições de ensino dos diferentes níveis e para os alunos, por um ritual distinto associado a propósitos pedagógicos levado a efeito pelos alunos e professores. Aos propósitos educativos poderiam ser associados outros com funções políticas, religiosas e morais, indicativos das variadas utilidades e vantagens das festas para o desenvolvimento integral da criança, bem como para a divulgação de saberes para a sociedade (Cândido, 2012, p. 28).

No recorte final da pesquisa realizada por essa autora, no ano de 1930, ocorreu um declínio nas menções às comemorações escolares nas fontes e sua “hipótese foi a de que as comemorações tinham cumprido parcialmente a sua função de disseminação de um modelo de ensino e adquiriram novos significados com a mudança de regimes políticos nos países em questão” (Cândido, 2012, p. 39). Essas datas coincidem com a implementação de governos autoritários, no caso do Brasil, de Getúlio Vargas.

As festas realizadas no parque, com presença de mulheres, e analisadas neste trabalho, foram classificadas em quatro tipos, com base em classificações feitas por outros autores, como Cândido (2012) e Rosa *et al.* (2024), sendo elas festas beneficentes, festas da natureza, festas cívicas e festas esportivas.

As festas beneficentes eram nomeadas como quermesses, outras não recebiam nenhuma denominação, apenas em benefício de alguma instituição; as festas cívicas poderiam ser de caráter educativo e político; as festas esportivas tinham o esporte como centralidade e as festas da natureza eram categorizadas por festas da primavera, da árvore e *Garden Party*. Essas festividades contavam com a participação de mulheres da elite local, autoridades governamentais, militares, crianças e famílias. No entanto, quando as classes populares participavam eram frequentemente descritas como multidões.

Essas multidões surgem em festas em benefício de instituições, como as quermesses e as *Garden Parties*. Essas últimas, apesar de serem categorizadas como festas da natureza, também possuíam em certos momentos caráter caritativo. As festas que ocorriam em benefício de instituições buscavam arrecadar fundos para que se realizassem obras em igrejas e orfanatos, por exemplo. Dessa forma, a presença de multidões, ou seja, um maior volume de pessoas pressupõe uma necessidade de atingir mais pessoas para alcançar os fundos para o financiamento das obras.

A permanência de distinções sociais era evidente na formação inicial de Belo Horizonte, onde a maioria dos habitantes, segundo Vago (2000), não era considerada bonita e elegante, mas debilitada. A elite local, por sua vez, era constituída daqueles que encaravam a Proclamação da República como uma ruptura do passado e o início da modernização, ocupavam a área central da cidade e queriam colocar às margens as classes mais populares (Passos, 2009).

Conforme Souza Neto e Silva (2009), em Belo Horizonte, na transição do século XIX para o XX, as festas eram os principais espaços onde a elite belo-horizontina estava presente. Elas corriam em comemoração de aniversários, de casamentos, de batizados, de bailes, de carnaval, de saraus, de festivais artísticos, de quermesses, de festas beneficentes e de *Garden Party*. No Parque Municipal não era diferente.

3.1.1 Festa beneficente: a “luta” contra a pobreza

As festas de caridade – entendidas neste trabalho como beneficentes – não obedeciam apenas a fins filantrópicos, mas também momentos de diversão e convívio social (Vaquinhas, 1996). Cândido (2012) define essas festas pela presença de ações, como doações e sentimentos considerados caritativos e filantrópicos, em um projeto republicano que tinha como objetivo a civilização.

Apesar dos autores citados caracterizarem essas festas a partir de fins filantrópicas, entendida a palavra filantropia como amor à humanidade e a generosidade com os outros (Filantropia, 2024). Questiona-se: de fato, essas festas tinham o caráter de filantropia? Ou, não seria uma tentativa do Estado de desviar a atenção de suas responsabilidades?

A preocupação com questões sociais na arrecadação de fundos, segundo Vaquinhas (1999), advém dos finais do século XIX dos países europeus. A discussão perpassava pelo “o aumento da pobreza, os avanços da industrialização e as insuficiências das iniciativas filantrópicas particulares preocupavam alguns espíritos mais sensíveis, exigindo-se do Estado soluções econômicas e jurídicas” (Vaquinhas, 1999, p. 275). Essa tomada de consciência emergiu da contradição entre o crescimento econômico e as desigualdades sociais, que permeavam a maior parte das nações europeias. Ainda conforme este autor (1999, p. 275), “o único auxílio que os operários dispunham em caso de desemprego, doença, invalidez ou morte era proveniente de

coletas organizadas por colegas de profissão ou por uma qualquer associação de classe ou filantrópica”.

Segundo Vago, “Belo Horizonte não escapou da instabilidade econômica e política do regime republicano, que se materializava em suas ruas” (2000, p. 123). Eventos de criminalidade evidenciam como a cidade enfrentava os desafios em relação a pobreza que se instaurava em suas ruas. Episódios de vandalismos noticiados demonstravam, por exemplo, o abandono de crianças na cidade e como elas se manifestavam em locais do Parque.

Para Venâncio (2000), esse descaso com as crianças era o sofrimento de muitas mulheres, que necessitavam abandonar seus filhos devido a obstáculos que surgiam – a dificuldade de assumir e de sustentá-las – em consequência da pobreza, que se evidenciava com o ritmo de crescimento desordenado das cidades. Podemos afirmar que os contextos de pobreza e tentativas de mitigação delas em países europeus e no Brasil se aproximavam.

E esse abandono, aparentemente, levava a situações de criminalidade, no Parque Municipal, através de depredações. O ambiente natural era palco de atrocidades, como Bruhns (2009) aborda, ao relevar a associação entre natureza e agressividade.

A caça de pássaros pelas crianças era uma característica de meninos ociosos que vandalizavam o Parque. Com isso medidas foram tomadas pelo prefeito Olyntho Meirelles para preservação da natureza desse espaço. Essas medidas ocorriam através da vigilância das crianças que pudessem ocasionar qualquer depredação (Bello, 1913a). Além disso, outros casos ocorreram no Parque, como mortes por abandono (Encontro, 1913) e por tiros acidentais (Morte, 1913; Ferido, 1917).

As situações de marginalidade dessas crianças e suas consequências geravam preocupações significativas na sociedade (Venâncio, 2000) e festas beneficentes, como as quermesses, surgiam como uma possibilidade para essas inquietações, atenuando os abandonos, através de instituições em prol da infância. Dessa forma, as quermesses constituíam-se como forma de diversão que buscava mitigar as desigualdades que a população belo-horizontina, especialmente as crianças, apresentavam.

A realização de uma quermesse em benefício ao Centro de Proteção à Infância, realizada no Parque Municipal, demonstrava essa busca. Embora não existam estudos encontrados sobre essa instituição, as fontes apontam que era uma associação, organizada por homens, cujo objetivo era oferecer assistência a crianças necessitadas de forma humanitária e altruísta (Telegrammas, 1913d).

Apesar de não haver indícios conclusivos sobre a efetiva realização dessa festa, e sobre essa instituição, foram encontradas cinco ocorrências sobre essa festa, sem que nenhuma tenha destacado a presença das mulheres. A realização dessa festividade foi discutida nos dias iniciais do mês de janeiro de 1913 e afirmado que seria em benefício do Centro de Proteção à Infância (Telegrammas, 1913a). Embora o cunho caritativo seja destacado, não há relação direta com a Igreja, nem com a participação de mulheres em sua organização, o que era comum.

Segundo Vaquinhas (1996), a presença de instituições voltadas para a infância remete as situações semelhantes que ocorriam em grandes centros urbanos europeus, na transição do século XIX para o XX. O trabalho de crianças e mulheres grávidas e puérperas, que foi regulamentado nessa época, denotava a necessidade de iniciativas assistenciais destinadas a amparar os desprotegidos. Além disso, as mães operárias devido ao trabalho, deixavam as crianças por longos períodos sozinhas em casa, ocasionando maior mortalidade delas. Nesse contexto, a concepção de pobreza se altera, de modo que...

Esta deixa de ser considerada causa ou consequência da decadência moral do indivíduo para passar a ser vista como um fenômeno inerente à nova civilização industrial. Deixa, assim, de ser um castigo, ao qual o indivíduo tinha de se resignar, para se converter na resultante de determinadas conjunturas econômicas e sociais (Vaquinhas, 1996, p. 276).

Ademais, ainda segundo esse autor (1996), a quermesse, no contexto mencionado, denota que essa festividade em relação aos...

[...] discursos políticos e religiosos [que] convergem, pois, na necessidade de serem criadas formas de assistência como meio de esconjurar o espectro da pobreza ou, pelo menos, de o atenuar. A legislação social e as medidas de assistência constituem o fulcro da ação governamental relativamente à pobreza. Já não se trata de promover a caridade, mas sim a justiça social, convertendo-se em direito jurídico o que era um dever moral, podendo-se exigir, a título de direito individual, o que só se poderia pedir como expressão de amor ao próximo (Vaquinhas, 1996, p. 276).

Ademais, as tentativas de combate à pobreza da população belo-horizontina ocorriam por meio de realização de diferentes tipos de festas beneficentes, como uma *Garden Party* realizada no Parque em 1915, a qual demonstra a importância de instituições de caridade na cidade. Essa festa foi organizada pela Associação das Damas de Caridade como finalidade de investirem na construção de casas, no fornecimento de

alimentação e vestimentas e na manutenção de uma escola denominada como Santa Isabel, onde crianças teriam acesso ao ensino primário (Damas, 1915).

Instituições como essa também visavam o atendimento a crianças em situação de pobreza na cidade:

A pobreza desta capital extraordinários benefícios têm recebido da Associação das Damas de Caridade, que trabalha esforçadamente, há muito tempo, em prol dos deserdados da fortuna, fazendo chegar aos lares onde habita a miséria o óbolo da alimentação e dos vestidos, e promovendo a construção de pequenas casas para abrigo de famílias indigentes. Composta de 50 sócias efetivas, em atividade, a humanitária associação mantém atualmente 53 famílias. Ainda há poucos meses, tivemos ocasião de noticiar a inauguração de 10 casas construídas pela associação, na Serra, para habitação de famílias pobres. As damas de caridade concorrem para a manutenção da escola de Santa Isabel, onde todas as crianças pertencentes a essas famílias socorridas pela associação, recebem o ensino primário, carinhosamente ministrado por uma distinta professora (Damas, 1915, p. 7).

As festas beneficentes também estão presentes em outras cidades de Minas Gerais, como em Barbacena, e contavam com a participação delas, como ocorre na década de 1910, em que mulheres de todas as idades participavam na organização e programação dessas festas. No ano de 1915, por exemplo, elas participaram de uma festa em benefício da Caixa Escolar (Silva, 2017).

Neste trabalho, as festas beneficentes realizadas no Parque Municipal abrangem as quermesses, como denominadas nas fontes, e festas em benefício de instituições, quando assim são designadas. Aquelas estão presentes no Parque na década de 1910; as em benefício de outras instituições também nas décadas subsequentes, como nas décadas de 1930 e 1940, quando são encontrados indícios dessas festas, contudo nos anos de 1950 e 1951, não são mais encontrados indícios delas.

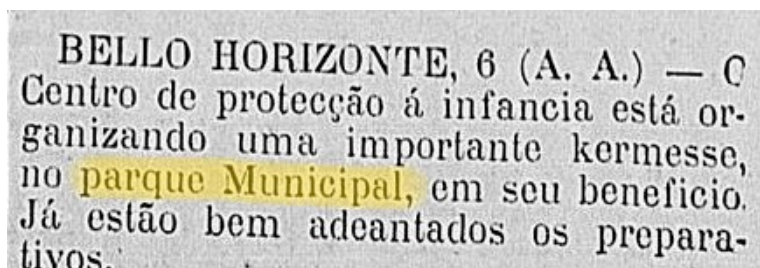
3.1.1.1 Quermesse

A quermesse, de origem flamenga, é designada como “festa da igreja” (Vaquinhas, 1996, p. 274) e a etimologia da palavra foi influenciada pela palavra holandesa “*Kermis*” que deriva de: “*kerk*” (igreja) e “*mis*” (missa), evidenciando a relação entre quermesse e celebrações religiosas (Wynants, 2019). Refere-se a uma festa anual celebrada na Holanda com a presença de barracas com sorteios, leilão de prendas e brincadeiras. Essa festa possui objetivos beneficentes e é considerada animada e barulhenta (Quermesse, 2024). Já em francês, o termo aparece como “*Kermesse*” e, em

inglês, como “*kermis*”, ambos diretamente relacionados às palavras holandesas mencionadas anteriormente e às germânicas “*Kirmes*” e “*Messe*”, reforçando a associação com a Igreja (Wynants, 2019). O termo, presente em diferentes idiomas, aponta para um cunho religioso.

Interessante observar que nas fontes consultadas a palavra foi registrada em outro idioma, nesse caso o francês, como pode ser observado na FIGURA 13, o que denota influências que a cidade de Belo Horizonte possuía de países europeus, adotando deles divertimentos e outros códigos sociais.

Figura 13: Palavra “*Kermesse*” em uma das fontes que destaca a realização dessa festa no Parque Municipal de Belo Horizonte, no ano de 1913



BELLO HORIZONTE, 6 (A. A.) — O Centro de protecção á infancia está organizando uma importante kermesse, no **parque Municipal**, em seu beneficio. Já estão bem adeantados os preparativos.

Fonte: Telegrammas, 1913b.

As quermesses, nos anos finais do século XIX, já davam indícios de sua ocorrência nos países europeus. Essas festividades, caracterizadas como as mais brilhantes festas de caridade, buscavam arrecadar fundos e contavam com a presença de artistas, como pintores, escritores e cenógrafos. Ademais, na sua organização ocorria “a conciliação de interesses entre os objetivos humanitários e as finalidades recreativas” (Vaquinhas, 1999, p. 283). No início do século XX, no Brasil, por sua vez, as quermesses aparecem em cidades, como Belo Horizonte (Rodrigues, 2006) e Barbacena (Silva, 2017).

O Parque Municipal da capital mineira foi utilizado para realização de quermesses na década de 1910, como pode ser observado no QUADRO 2.

Quadro 2: Quermesses no Parque Municipal de Belo Horizonte

Beneficiário/a	Data da Festa	Papel das mulheres
Centro de Proteção à Infância	Não se aplica	Não se aplica (nsa)
Capela de Lourdes	08 de setembro de 1913	Promotoras e integrantes de comissões

Matriz da Boa Viagem	1, 5 e 6 de janeiro de 1913	Promotoras e presentes nas barracas
Matriz da Boa Viagem	9 agosto de 1914	Participantes

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

As quermesses realizadas no Parque Municipal possuíam caráter caritativo e filantrópico e eram organizadas em benefício de instituições, como da Capela de Lourdes, da Matriz da Boa Viagem e do Centro de Proteção à Infância. De modo geral, tinham como objetivo arrecadar fundos para ações de assistência social e financiamento de obras para instituições, religiosas ou não, localizadas na cidade. A organização dessas festas ficava, geralmente, a cargo de mulheres da elite belo-horizontina. Contudo, as festas em benefício de instituições destinadas as crianças foram organizadas por homens.

Essas festas ocorreram nos meses de janeiro, agosto e setembro e duas delas remetiam a ocasiões, como as festas de Natal e do dia da Independência e, além disso, contaram com a presença da elite belo horizontina, como autoridades governamentais, mulheres, crianças e famílias, as quais eram companhias para a diversão das mulheres. Contudo, também foi mencionada a presença de multidões.

As mulheres também trabalhavam nessas festividades, como na comissão organizadora, na direção de barracas e nas seções de alimentos, de bebidas, de divertimentos etc., como demonstrado abaixo, na organização das quermesses. em 1913, em benefício da Capela de Lourdes, que contou com mulheres da elite, nomeadas por DD., D. e senhoritas, conforme estado civil e posição social:

Comissão organizadora - DD. Esther Silviano Brandão e Mariana Ribeiro da Luz e senhoritas Chiquita Monteiro, Regina Affonso Penna, Clelia Continentino e Ordalia Magalhães.

Directoras das barracas - DD. Esther Brandão, Mariana R. da Luz, Alzira Ferraz Noemi Porto, Coralia Magalhães Brandão, Maria Carneiro Rezende, Cocota Franco, Aurora Rodrigues Barros e Maria Isabel Brandão Drummond.

Secção de frutas e vinhos - DD. Alzira Ferraz e Aurora R. Barros e senhoritas Virgínia Ribeiro, Iracema Ribeiro, Aurora Gutierrez, Maria Franco, Suzana Verdussen, Luiza Verdussen, Ruth Pimentel, Cecy Dolabella, Guiomar Meirelles, Carlinda Amaral e Marieta Valle.

Secção de 'bonbons' e flores - D. Cocota Barcellos, senhoritas Materna Germano, Elvira Brito, Etelvina Germano, Lilinha Germano, Helena Pinheiro, Affonsina Brandão, Noemi Lessa, Stella Renault e Sinhá Fusrt.

Secção de frios e doces - DD. Esther Brandão, Maria Carneiro de Rezende e Coralia M. Brandão e senhoritas Ordalia Magalhães. Chiquita Monteiro,

Maria Bueno Brandão, Dagmar Franco, Aracy Sperling, Almerinda C. de Rezende e Santinha Magalhães.

Secção de chá (barraca japoneza) - D. Maria R. da Luz e senhoritas Nininha Luz, Alzira Castro, Noemi Neves, Judith Renault, Estherzinha Lins, Edith Baeta Neves, Carmen Rousoulières, Ernestina Sardinha, Zúzu R. da Luz, Adelina R. da Luz, Helena Magalhães, Lucia Pinheiro, Marocas Castro e Olga Gonçalves.

Secção de sorvetes e licores - DD. Noemi Porto e Cocota Franco e senhoritas Cecy P. Monteiro, Eugenia Salles, Glorinha P. Monteiro, Carolina P. Monteiro, Beatriz P. Monteiro, Maria Frota P. Monteiro, Lucilia Magalhães, Regina Penna e Maria Candida Halfeld.

Secção de pinturas - D. Maria Isabel Drummond e senhoritas Celia Miranda Ribeiro, Adilia Amador, Esther Drummond, Regina Horta, Annita Machado, Bellinha Ribeiro Cruz, Gabriella Varella e Julinha Rache.

Secção de tombola - Senhoritas Judith Ferreira, Bêbé Porto, Esmeria Prates, Virgina Cerqueira, Nair Meirelles, Herminia Andrade, Julieta Cerqueira, Carmen Silva, Antonieta Silva, Elisinha e Dodoca Penna, Alayde Coelho, Bellinha Amador, Nair Ferreira, Laima Ferrieira e Honorina Prates.

Secção de venda de prendas - D. Zezé Roussoulières e senhoritas Annita H. Barbosa, Stella Corroti, Marinha Moss, Elza Moss, Carmelita Coelho, Emilia Brochedo, Maria Villela, Carola Ferreira, Zezé Ferreira e Guiomar Alvez (Festas, 1913).

Como noticiado, essa festa havia “nascido do coração piedoso” de “senhoras e senhoritas”, da “mais alta sociedade” (Capela, 1913, p. 6), e que eram consideradas como mulheres “distintas” (Festas, 1913, p. 5) de Belo Horizonte. Dito em outras palavras, eram promovidas por mulheres da elite local, que se envolviam tanto nos preparativos quanto na realização desses eventos. Ademais, essas festas eram destinadas principalmente para a elite belo-horizontina, contavam com a presença de famílias, homens, mulheres e autoridades governamentais, o que denota a sua importância no contexto social da cidade de Belo Horizonte.

Nessa festividade em específico, a presença do presidente do Estado, Júlio Bueno Brandão e sua esposa, Esther Silviano Brandão, eram destacadas, sendo ela responsável pela comissão organizadora, pela comissão das barracas da festa. Além disso, a ordem de apresentação das comissões, bem como dos nomes das participantes em cada categoria, como comissão organizadora, diretoras das barracas, seção de frutas e vinhos, demonstra uma hierarquia quanto à relevância de cada comissão e quanto à ordem de aparecimento dos nomes. Com isso, a presença de Esther Brandão – esposa do presidente do Estado – em diferentes comissões e diretorias, indicam a relevância da festa, bem como o valor das pessoas responsáveis por sua organização, nesse caso

apenas mulheres. Além disso, nota-se a repetição de determinados nomes em diferentes comissões.

As seções de frutas e vinhos, de bombons e flores, de frios e doces, de chá, de sorvetes e de licores, de pintura, de tómbola e de venda de prendas também são destacadas. A presença de alimentos, bebidas e diversões são percebidas, ganhando destaque a atividade das tómbolas que, segundo Junior, surgia “durante alguns eventos [...] com o intuito de arrecadar recursos para alguma obra ou evento” (2017, p. 51) e era caracterizada pela...

[...] existência de cartões durante a realização da mesma. Nesse sentido, pode-se descrever a mesma com um significado similar de uma loteria, onde se sorteavam brindes de acordo com o número anunciado, sendo o ganhador o dono da cartela com o número citado. O que parece é que esses cartões eram comprados pelos participantes que tinham interesse e condições de adquiri-los, o que nos leva a supor que a participação nesse tipo de divertimento exigia dispêndio de certa quantia de dinheiro, sugerindo que havia uma participação restrita da população, ou seja, aquela que possuísse condições financeiras de usufruir desse divertimento (Junior, 2017, p. 53).

Além das tómbolas, a venda de prendas também ocorria no Parque Municipal, como mencionado, e essas vendas também eram uma característica de outras quermesses, como as que ocorriam em países europeus na transição do século XIX para o XX (Vaquinhas, 1996).

Essa quermesse realizada em benefício da Capela de Lourdes, inaugurada em 8 de setembro de 1913 (Festa, 1913) e finalizada no dia 11 de setembro do mesmo ano (Telegrammas, 1913h), percorreu os jornais até a data do dia 19 de setembro (Manifestação, 1913). A data de realização dessa festa demonstrava relações com as comemorações da Independência do Brasil (Os dez, 1913). Essa proximidade com a data cívica de 7 de setembro ressalta o aspecto do civismo das quermesses e por ter sido realizada em benefício da Capela de Lourdes, reforçava também seu caráter religioso.

Nas reportagens foram encontradas onze ocorrências sobre essa festa, sendo mulheres da elite belo-horizontina mencionada em cinco delas. A participação dessas mulheres fora evidenciada na promoção e organização do evento, além da importância das iniciativas para o sucesso da festividade. As consequências dessa festa, organizada e promovida por mulheres, foram descritas como positivas através da arrecadação de uma renda de 12:000\$000 (Capella, 1913), que como consta abaixo, ultrapassaram as perspectivas, impactando a economia local.

Previa-se o magnífico sucesso da nobre iniciativa das distintas senhoras e senhoritas que constituíam a comissão promotora. O que é facto, porém, é que a realidade ultrapassou as previsões mais optimistas, alcançando proporções de um êxito nunca aqui realizadas, para o mesmo fim (Festejos, 1913).

Em relação ao Parque Municipal onde essa festa foi realizada, foi destacado a beleza, a iluminação feérica (Festas, 1913) e deslumbrante. A ornamentação era bela, assim como suas barraquinhas e pavilhões (Capela, 1913). Tal êxito da decoração foi atribuído às mulheres da comissão organizadora (Festejos, 1913).

Quermesses realizadas nessa mesma temporalidade em países europeus demonstram proximidades e distanciamentos com as que ocorriam no Parque Municipal. Em relação as similaridades, segundo Vaquinhas, “o aspecto elitista desta festa de caridade [europeia] está também patente na origem social das individualidades que compunham a sua comissão de honra, bem como na forma de organização da quermesse e nos divertimentos disponíveis” (1996, p. 284).

Nota-se que a expressão “comissão de honra” utilizada pelo autor (1996, p. 284) remete a algo que se constitui da elite local da época e que a comissão se referiria àquelas pessoas que eram responsáveis pela sua organização. Em outras palavras, a comissão promotora dessas festas era constituída de mulheres que se destacavam na elite.

Em relação aos distanciamentos das quermesses que ocorriam no Parque Municipal e daquelas que ocorriam nos países europeus, podemos citar: presença de uma rainha nessa festividade; mulheres promovendo essas festas para instituições destinadas para crianças e a quermesse em benefício de pessoas vítimas de desastres naturais, como terremotos.

As quermesses no Parque Municipal continuaram em 1914, porém em benefício de outras instituições religiosas, como a Matriz da Boa Viagem. Essa quermesse em benefício dessa igreja, originalmente marcada para 25 de dezembro de 1913, foi transferida para os dias 1, 5 e 6 de janeiro do ano de 1914 (Matriz, 1914) e percorreu os jornais até a data de 24 de janeiro do mesmo ano (Uma quermesse, 1914). Essa festa foi realizada em benefício da Matriz da Boa Viagem e foram encontradas 12 ocorrências, sendo destacado seu espírito natalino, a presença de barraquinhas, o mau tempo e a participação de mulheres na organização.

A festa, que começou à tarde e se estendeu até a noite, contou com a presença de famílias da elite, crianças e multidões (Matriz, 1914). Ocorreram atividades diversas,

como fogos de artifício (Várias, 1914) e banda de música pelo 1º Batalhão da Força Pública, em um pavilhão no Parque Municipal (Festejos, 1914). Nas quermesses realizadas nas cidades europeias, as músicas também faziam parte, porém eram realizadas nos coretos juntamente com bailes infantis (Vaquinhas, 1996).

Além da estrutura do pavilhão, a festa contava também com barracas decoradas com flores e folhas. Uma árvore de Natal foi montada para sorteios de presentes, que eram entregues por três crianças vestidas de Papai Noel para os ganhadores. Na outra barraca eram vendidos doces e bebidas (chá, café e outras), que eram servidas por mulheres (Matriz, 1914).

Na segunda [barraca], fazia-se a venda de confetti e na terceira havia um bar para a venda de chá, café e outras bebidas, servidas pelas gentis senhoritas: Carmen e Carminha Leal, Helena, Carolina e Lucia Pinheiro, Carmen Fonseca, Maria Martins, Marietta Macedo, Esther e Mocinha Lins, Noemia Neves, Alzira de Castro, Biella e Alzira Varella, Nair e Nadir Meirelles, Celina Brant, Maria Auxiliadora de Lima, Honorina e Esmeria Prates, Gerogina de Carvalho, Ruth Martins, Conceição Malard, Maria Olinda e Dora Sardinha (Matriz, 1914).

Nessa festa, na terceira barraca com a venda de chá, café e outras bebidas o nome de Lucia Pinheiro, Esther Lins, Noemi Neves e Alzira Castro se repetem quando olhamos para a festa realizada em benefício da Capela de Lourdes, em 1913. Nessa festividade, Lucia, Esther (chamada nessa festa por Estherzinha), Noemi e Alzira estavam presentes na seção de chá, na barraca japonesa. No caso de Nair Meirelles, Honorina Prates e Esmeria Prates, elas estavam presentes na festa em benefício da Capela de Lourdes na seção de tómbolas e na festa em benefício da Matriz da Boa Viagem na venda das bebidas. Desse modo, pode-se refletir que parte dessas mulheres eram designadas para a função de servir bebidas em ambas as festas e outras eram destinadas aos divertimentos, como para a atividade de tómbola, e em outra festa para a venda de bebidas.

O nome de Honorina Prates se fez presente em outras festividades em Belo Horizonte, como em uma visita realizada pelo senador Washington Luís à cidade, em 1926, em que estava presente o grupo escolar Rio Branco (Bello, 1926). Esse grupo foi o primeiro a ser inaugurado na cidade, em 1914 (Vago, 2000) e a presença de Honorina foi notória como professora – aparentemente do próprio grupo escolar – e coordenadora das homenagens e das apresentações musicais prestadas pelos alunos na festa, em que ocorreram apresentações de piano. “No Pateo, os alunos, acompanhados ao piano pela

professora Honorina Prates e dirigidos por Guiomar Meirelles, executaram várias evoluções” (Bello, 1926, p. 4).

Honorina era conhecida por ser professora de canto, na capital mineira (Sabeti, 2020). Guiomar Meireles, nasceu no ano de 1900 e seus primeiros registros como professora de ginástica do 1º Grupo Escolar da Capital, são do ano de 1914 (Gotschalg, s. d.), quando já participava, como visto, de comissões de festas. Conforme essa autora, ela já exercia atividades laborais com 14 anos e ao longo de sua vida atuou no ensino da ginástica no âmbito escolar e na formação de professores (Gotschalg, s. d.). A participação de Guiomar nas comissões dessas festas reforça que ela já exercia atividades sociais e laborais com essa idade.

O caráter elitista dessas festividades, tanto em Belo Horizonte quanto em cidades europeias, segundo Vaquinhas (1996, p. 284), “reflete-se igualmente na ambiência festiva da quermesse e na decoração arquitetônica e artística das barracas”, em que as flores e folhas eram destacadas, assim como nas quermesses no Parque Municipal.

Todas, ou quase todas, estavam profusamente ornamentadas numa superabundância de tecidos, colchas, veludos, tapetes. Em algumas figuravam-se fantasias: um pavilhão chinês, um palácio antigo, uma choupana. A outras deu-se um estilo rústico, cobrindo-as com colmo e decorando-as com peles de coelho, pedaços de cortiça, folhas, flores e colchas alentejanas. A outras, ainda se deu a forma de um *chalet* suíço ornamentado com prumos de pinheiro e atapetado com colchas (Vaquinhas, 1996, p. 285).

A presença da decoração natalina, das crianças vestidas de Papai Noel e da data comemorativa próximo a datas festivas, como o Natal e o dia do Reis Magos ou a Festa da Epifania, possuíam também outros significados. Essas características reforçavam o caráter religioso da festividade, já que remetiam ao encerramento dos presépios e às férias do Natal (Os dez, 1913).

A última quermesse realizada nessa década também foi em benefício da Matriz da Boa Viagem. Essa festa estava prevista para ocorrer em 9 de agosto de 1914 e foi noticiada nos dias 21 e 22 de julho do mesmo ano (Uma kermesse, 1914). As reportagens mencionam que estavam “tomando parte diversas senhoras e senhorinhas” nessa festividade (Telegrammas, 1914h, p. 2), ou seja, não se consegue afirmar qual era o papel que tinham além de sua presença, ademais não há registros posteriores que confirmem a realização da festa.

As quermesses realizadas no Parque Municipal foram influenciadas pela Igreja, que conforme Rodrigues (2006), possuía um papel importante na época do arraial e no início da construção da cidade de Belo Horizonte, e por outras instituições, não religiosas, e tiveram a participação ativa de mulheres, em diferentes funções das festas.

Desde o período colonial, no Brasil, quando a igreja, junto a outras instituições, já construídas possuíam discursos morais sobre o entendimento dos divertimentos, classificando-os como lícitos e ilícitos (Rosa, 2019), ela exercia “forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina” (Araújo, 2000, p. 46). Ainda no século XX, continua a influenciar à medida que exercia interferências na diversão das mulheres nessas festividades, como ocorre nas quermesses realizadas no Parque Municipal. As festas beneficentes, destacando-se nesse tópico as quermesses, são as que mais contavam com a presença das mulheres se divertindo e promovendo a festa, quando comparada a outros divertimentos que ocorriam no Parque nessa temporalidade. Neste contexto, o Parque Municipal juntamente com as quermesses, e outras festas ali realizadas, proporcionaram visibilidade para as mulheres na capital mineira

Essas festividades demonstram o protagonismo das mulheres, destacando a importância delas na vida social e econômica da cidade, diferentemente do contexto colonial, em que algumas mulheres pareciam “aceitar passivamente a subordinação aos valores misóginos e sobretudo às determinações da Igreja” (Araújo, 2000, p. 53). Todavia, segundo Figueiredo (2000), as mulheres, mesmo sob um contexto de controle, buscavam participar social e economicamente nas sociedades que se formavam no Brasil.

No início do século XX, no Parque Municipal de Belo Horizonte, questiona-se: as mulheres ainda aceitavam passivamente papéis a elas apresentados ou reivindicavam formas de participação, para além de dar assistência, por exemplo?

As quermesses noticiadas e/ou realizadas no Parque Municipal de Belo Horizonte durante a década de 1910 demonstram a relevância social e econômica dessas festas, promovidas por mulheres, demonstrando que o seu protagonismo não se alinharia a um papel subordinado. Ademais, a arrecadação de fundos financeiros para instituições, com fins beneficentes, e a socialização nessas festividades demonstram o papel ativo e a participação social e econômica dessas mulheres da elite em causas filantrópicas da cidade.

As mulheres, em contextos de pobreza e injustiças sociais, como os que ocorria no processo de modernização de Belo Horizonte se posicionaram no combate às

desigualdades sociais. E as quermesses, neste contexto, refletiram em parte o intuito da organização dessas festas, tanto em cidades europeias quanto em Belo Horizonte, especialmente no Parque Municipal, quando assumem...

[...] características muito específicas: de iniciativa particular, têm sempre objetivos filantrópicos. Seja a favor dos mais idosos, seja das crianças ou dos bebês [...] seja ainda em benefício das vítimas de inundações ou naufrágios, as quermesses destinavam-se sempre a angariar fundos para os elementos das classes “desvalidas”, cuja pobreza no final do século XIX chocava os espíritos mais sensíveis. Porém, neste aspecto, as quermesses pouco inovaram, não passando de uma resposta tradicional, clássica, a uma realidade recente, sendo fruto de um espírito solidário muito próprio que se manterá ao longo da 1 República (Vaquinhas, 1996, p. 288).

A escolha do Parque Municipal como cenário recorrente para essas celebrações, com destaque para sua paisagem e ornamentação, sublinha sua importância na vida social da capital mineira. Nesse espaço, além de se evidenciar a cultura popular, emergiam aspectos da vida que transcendiam os interesses da elite local. Ademais, embora as quermesses tenham ocorrido apenas durante a década de 1910, elas evidenciam sua importância nas dinâmicas sociais do Parque Municipal nessa temporalidade.

Além disso, a efemeridade dessa festa reafirma aquilo que Rodrigues (2006) coloca sobre Belo Horizonte nas décadas iniciais do século XX. A capital mineira possuía “uma característica encontrada nos belo-horizontinos, principalmente em relação a divertimentos, era o grande envolvimento com novas promoções, enquanto novidade, mas esse envolvimento era efêmero, não se enraizava” (2006, p. 86). Contudo, apesar desse caráter, as quermesses, como outras formas e espaços de diversão (Rosa *et al*, 2024) proporcionaram visibilidade para as mulheres e eram parte de um conjunto maior de festividades caritativas, que serão também abordadas na seção seguinte, e que persistiram ao longo das décadas subsequentes no Parque Municipal.

Ademais, Wynants (2019) aponta a relação das quermesses com a Igreja, que corrobora os achados desta pesquisa quando se percebe a relação das quermesses organizadas no Parque Municipal com a Matriz da Boa Viagem e a Capela de Lourdes, evidenciando relações dessas festividades com a religião católica.

Contudo, esta pesquisa demonstra que, embora, as quermesses visassem beneficiar instituições religiosas, essas não eram as únicas a serem contempladas corroborando com Vaquinhas (1996), para quem as quermesses, em cidades europeias na virada do século XIX para o XX, ocorriam em benefício de instituições e de crianças,

como para creches. No Parque Municipal, nota-se essa relação com as festas voltadas para a arrecadação de fundos para instituições destinadas às crianças que também faziam parte dessa dinâmica, como o Centro de Proteção à Infância.

Por fim, além da visibilidade que essas festas proporcionaram para as mulheres não só nas páginas dos jornais, mas especialmente no Parque Municipal, um dos espaços públicos mais importantes da cidade, as quermesses também foram um meio de atuação feminina, em que exerceram funções cruciais na promoção dessas diversões e na arrecadação de fundos.

3.1.1.2 Em benefício de instituições

A maioria das festas mencionadas na década de 1910 que possuíam fins filantrópicos eram denominadas como quermesses e duas delas eram em benefício da Matriz da Boa Viagem. Contudo, nessa temporalidade outras festas, inclusive em benefício dessa instituição surgem, porém sem receberem a denominação nas fontes de quermesses. Dessa forma, nesse tópico, as festas beneficentes não serão designadas como tais, apesar de possuírem características similares às quermesses.

As instituições beneficiadas por essas festas ao longo das décadas, religiosas ou não, foram a Matriz da Boa Viagem, a Santa Casa de Misericórdia, a Cruz Vermelha Brasileira, o Orfanato de Santo Antônio e Associação das Damas de Caridade. Também foram contemplados a Sopa dos Pobres e a família dos reservistas italianos. O QUADRO 3 demonstra algumas das características de cada uma dessas festas realizadas no Parque Municipal da capital mineira, nas décadas de 1910, 1930 e 1940.

Quadro 3: Festas em Benefício de Instituições que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte

Beneficiária	Data da Festa	Papel das mulheres
Matriz da Boa Viagem	11 e 12 de abril de 1914	Comissão organizadora, servindo chá e presença nos bares
Matriz da Boa Viagem	11 de agosto de 1914	Coro Infantil
Associação das Damas de Caridade	13 de maio de 1915	nsa
Orfanato de Santo Antônio	23 de junho de 1915	Comissão organizadora e nos bares
Orfanato de Santo Antônio	13 de setembro de 1915	nsa

Sopa dos Pobres	5, 6 e 7 de novembro de 1915	Promoção
Família dos reservistas italianos	14 e 15 de novembro de 1915	nsa
Santa Casa de Misericórdia	25 julho de 1936	Promoção
Cruz Vermelha Brasileira	25 de abril de 1942	Participantes

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Não foram encontrados indícios de festas com caráter caritativo na década de 1920. Uma festa em benefício da Matriz da Boa Viagem ocorreu em 11 e 12 de abril de 1914 (Matriz, 1914) e sua comissão organizadora, composta por “senhoras e senhoritas da elite desta capital” (Telegrammas, 1914d, p. 4) se reuniu no dia 8 de abril do mesmo ano para definir os preparativos da festa (Telegrammas, 1914b). Essa festividade foi noticiada nos jornais até o dia 12 de abril (Batalha, 1914).

Dentre as atividades realizadas estavam: chá oferecido, e servido por mulheres, ao presidente do Estado, à imprensa e à elite da capital mineira, denominada essa última, como sociedade belo horizontina; orquestra, composta por homens da elite; curso de automóveis; batalha de confetes e matinê dançante dedicadas às famílias da elite belo-horizontina; tómbolas e venda de prendas. A presença de bares, onde as mulheres da elite serviam também se faziam presentes (Matriz, 1914).

A comissão organizadora da festa era formada por homens e mulheres.

[...] senhoras José Gonçalves, Narciso Coelho, Bernardo Monteiro, Antonio Augusto Millard, Alberto Cintra, José Olyntho Ferraz, Casimiro Martins, Raul Franco, João Bento Soares, Benjamin de Miranda Lima, Benjamin de Lima, Laurindo de Assis, Antonio Sardinha, Herculano Cesar e Altino Ottoni, e senhoritas Salomé Penna, Stella Corrotti, Elvira Brandão, Gabriella Varela, Gig Penna, Affonsina Brandão, Helena Pinheiro, Odilla Amador, Carmosina Guimarães, Amalia Guimarães, Annita Franefort, Nenen Horta, Marieta Andrade, Nair Santos, Guiomar e Sylvia Meirelles, Zezé Dantas, Lucilia, Maria e Nair Magalhães, Ruth Pimentel, Cecy Dolabella, Flora Torres, Marieta Macedo, Alpha Martins, Carmen e Carmelita Leal, Conceição Mallard, Olga e Isaura Gonçalves, Cotinha Monteiro, Esther Coutinho, Ruth Martins, Glaphira Coutinho, Marieta e Julia Carneiro, Carmen Roussoulières, Cecy Coutinho, Lucia e Amanda Pinheiro, Nair e Nadir Meirelles, Georgina Ottoni, Giorinha de Moura, Noemia Neves, Chiquita, Glorinha e Carolina Monteiro, Maria Amorim, Maria Figueiredo, Anna Penna, Brites de Sá e Silva, Maria Candida Halfeld, Quita Almeida, Maria Ribeiro Villela, Ogarita de Sá e Silva, Helena Magalhães, Sinhá e Silva, Helena Magalhães, Sinhá e Cecilia Furst, Cocota Leal, Maria e Aramalia Martins, Norma Guimarães, Maria Martins, Maria Clara Monteiro, Celina Brant, Zezé Coelho, Edith Almeida e Alice Almeida (Matriz, 1914).

A comissão de ornamentação, por sua vez, era composta apenas por homens e seus nomes eram citados em menor expressividade comparado ao das mulheres. Em relação a elas, algumas estavam presentes na comissão organizadora dessa festa em benefício da Matriz da Boa Viagem e em comissão da festa de 1913, realizada em benefício da Capela de Lourdes, sendo elas: Affonsina Brandão, Helena Pinheiro e Sinhá Furst na seção de bombons e flores; Gabriella Varella na seção de pinturas; Nair Meirelles na seção de tómbola; Helena Magalhães, Olga Gonçalves, Carmen Roussoulières e Lucia Pinheiro na seção de chá na barraca japonesa; Guiomar Meirelles, Ruth Pimentel e Cecy Dolabella na seção de frutas e vinhos; Glorinha Monteiro, Carolina Monteiro e Maria Cândida Halfeld na seção de sorvetes e licores; Maria Villela na seção de vendas de prendas e Chiquita Monteiro na seção de frio e doces e na comissão organizadora.

Ambas as festas em benefício da Matriz da Boa Viagem, em 1914, tiveram a presença de Nair Meirelles, Nadir Meirelles, Ruth Martins, Helena Pinheiro, Maria Martins, Marieta Macedo, Carmen Leal, Conceição Malard, Lucia Pinheiro, Noemia Neves, Celina Brant e Maria Martins na seção de chá, café e outras bebidas.

Todas as três festas, ou seja, as quermesses em benefício da Capela de Lourdes, em 1913 e a festa em benefício da Matriz da Boa Viagem, em 1914, assim como a festa em benefício da Matriz da Boa Viagem, também realizada em 1914, a qual não foi designada como quermesse, contaram com a presença de Helena Pinheiro, Nair Meirelles e Lucia Pinheiro.

Observa-se que a festa em benefício da Matriz da Boa Viagem, realizada em abril de 1914, apesar de não ter sido denominada como quermesse, apresentou características similares aquelas que foram assim denominadas, como também contou com a participação de mulheres que já haviam marcado presença em festas anteriores, nos anos de 1913 e 1914, em benefício da Capela de Lourdes e da própria Matriz da Boa Viagem, respectivamente.

Essa recorrência de nomes das mesmas mulheres nessas festividades evidencia a atuação contínua dessas na organização desses eventos caritativos. Ademais, outras características das festas em benefícios de instituições assemelhavam-se com as quermesses, como a atividade de tómbolas, as estruturas das barracas e a venda de prendas.

Em outra festa que ocorreu em benefício da Matriz da Boa Viagem, em agosto de 1914, essa semelhança também pode ser observada no sorteio de prendas ao final da

tarde; nas barraquinhas com bombons, doces e licores; além de uma festa infantil com coro que ocorreu de forma concomitante.

Festa infantil: Às 6 horas - 1º. "Os mosquitinhos", coro infantil. Maria das Dores Victor. Lourdes Helbuth, Maria Luiza Souza Figueiredo, Mercedes Freitas Garcia, Helena Paladini, Violeta Branca de Abreu. 2º. "Saudades da infância". Maria das Dores Victor. 3º. Vareta: recitativo, Maria das Dores Victor. 4º. "Conselhos": cançoneta, Marina Brandli Pereira. 5º. "O cavallinho": cançoneta, Maria das Dores Victor. 6º. "As lavadeiras": cançoneta, côro infantil. 7º. "A oliveira": cançoneta, Maria das Dores Victor. 8º. "As baianinhas": Marina, Sylvia Brandi Pereira e Dulce Brandi Pereira. 9º. Bailado. Julia Campos Christo, Dulce Gama Cerqueira, Dulce Leal, Rosa de Oliveira, Maria Medeiros Cruz, Clandira Peixoto, Amazile Germano, Vicentina Coutinho, Helena Silveira, Maria José de Sá, Alayde Parreira, Manoelita Oliveira e Glafira Coutinho (Matriz, 1914).

Na festa em benefício da Associação da Damas de Caridade, por sua vez, ocorreu na data de 13 de maio de 1915 e foi em benefício da Associação de Damas da Caridade. Ademais, não foi mencionado a presença das mulheres, porém ressalta-se a presença de pessoas da elite belo-horizontina em sua promoção (Telegrammas, 1915a).

Pessoas da elite belo horizontina estavam presentes em festas beneficentes, em que participavam na promoção e na execução, além de tomar parte na comissão organizadora e nos serviços de bares. E as mulheres, muitas vezes, eram responsáveis pela arrecadação de fundos para obras de instituições beneficentes, ou seja, por festas de caráter caritativo.

Na festa em benefício do Orfanato de Santo Antônio, a programação organizada por mulheres e homens da elite belo-horizontina, em benefício do Orfanato de Santo Antônio, se estendeu por todo final de semana. Dentre as atividades realizadas e que recebeu maior destaque foi a batalha de confete. Ademais, teve-se pesca, rambolk, loteria, tómbola e leilão de prendas. A festa contou com bares e barraquinhas que possuíam bebidas, como chá, e sanduíches, e foi organizada por homens e mulheres (Festival, 1915).

À comissão organizadora era composta das Exmas. Sras DD. Clotilde Martins, Abigail Lopes, Quita Ferraz, Lydia Dantas, Margarida Magalhães, Lilita G. da Silva, e Srs. Drs. Olavo de Andrade, Argemiro Germano, Cicero Lopes, Octavio Martins, majores J. Olyntha Ferraz e Alfeno Lopes. As diversas barraquinhas eram servidas pelas senhorinhas, cujos nomes adiante republicanos, as quaes bondosamente acederam ao convite da comissão organizadora: Elvira, de Brito, Chiquita Monteiro, Cocota Leal, Cota Ferraz, Nair e Zezé Dantas, Lucilia Magalhães, Carmen Leal, Afra Martins, Izabel Ferraz, Marieta Andrade, Lucia Pinheiro, Carmelita Leal, Alzira de Castro, Annita, Aracy e Aurea Silva, Candocha e Marocas Peireira, Calu e Glorinha Monteiro, Dagmar e Marinha Franco, Aramalia Martins, Maria de Brito,

Sinhá e Cecilia Furst, Maria Clotilde e Aracy Pereira, Etelvina, Materna e Lilinha Germano e Olyntha Ferraz (Festival, 1915).

Ademais, no dia 13 de setembro de 1915, houve notícias sobre outra festa em benefício da mesma instituição, também denominada como festival (Telegrammas, 1915g). A sua execução ocorreu no dia 20 do mesmo mês e ano, não sendo destacadas informações sobre sua realização, organização, promoção, atividades e estruturas (Telegrammas, 1915i).

A festa em benefício da Sopa dos Pobres, no dia 25 de julho de 1915, foi organizada por um grupo de mulheres da elite e contou com a participação de “inúmeros pobres”. Não se tem informações do que poderia ser essa instituição, mas há pistas de ser uma instituição filantrópica. Entre as atividades dessa festa ocorreram uma conferência sobre caridade e um recital de poesia sobre essa temática, feito por uma menina chamada Maria Ignez (Sopa, 1915).

No dia 5, 6 e 7 de setembro do mesmo ano, ocorreu outra festa em benefício da mesma instituição, promovida pelo Club dos Progressistas, uma sociedade carnavalesca. Essa festa era popular e metade do valor arrecadado foi destinado para a instituição beneficiada (Hontem, 1915). Dentre as atividades realizadas no evento havia uma exposição de horticultura (Telegrammas, 1915).

Na festa em benefício da família dos reservistas italianos, em novembro de 1915, ocorreu um “concurso para preenchimento dos lugares de fiscaes do Imposto de consumo, no Estado” (Telegrammas, 1915, p. 2), porém não foram destacadas informações adicionais sobre sua execução. Na festa em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, em abril de 1942, ocorreu a Feira Maravilhosa, uma iniciativa que contou com uma série de festejos no Parque Municipal, em benefício dessa instituição. A festa contou com a presença de mulheres como Odette Valladares, esposa do governador Benedicto Valladares (A noite, 1942). Na FIGURA 15 nota-se a presença de outras mulheres no dia da inauguração da Feira Maravilhosa, realizada no Parque.

Figura 14: Dia da inauguração da Feira Maravilhosa



Fonte: A noite, 1942.

Em 1936, uma festa em benefício da Santa Casa de Misericórdia foi promovida por “um grupo de senhoras da sociedade belo-horizontina, à cuja frente se encontra a senhora Raul Sá”. Essas mulheres da elite promoveram uma noite veneziana no Parque Municipal e um baile no anfiteatro da Feira de Amostras em benefício dessa instituição e em comemoração da entrada da Primavera (Uma festa, 1936, p. 2).

Há permanência de alguns divertimentos ao longo dessas festas, como a tómbola, as prendas e a batalha de confete; contudo novos divertimentos surgem, como a loteria, o rombolc e a pesca. Além disso, há permanência das mulheres nas comissões organizadoras e nas barracas, estando presentes em diferentes ações caritativas para várias instituições. Nota-se que a presença de homens nas comissões organizadoras, principalmente nas instituições em benefício das crianças, como o Centro de Proteção à Infância e o Orfanato de Santo Antônio.

3.1.2 Festa da natureza: celebrações ao ar livre

A Festa da Natureza, por sua vez, tinha como foco principal a celebração da natureza em espaços ao ar livre, como os parques. Cândido (2012) descreve a festa da natureza a partir de um contexto escolar no Brasil e em Portugal, de 1890 até 1930, como “representadas nas árvores e nas aves, que almejavam despertar nos alunos o interesse pela natureza como representante máxima da pátria brasileira” (2012, p. 43). A

categorização da Festa da Natureza, nesta pesquisa, fez-se pela: Festa da Primavera, Festa da *Árvore* e *Garden Party*.

A Festa da *Árvore*, segundo Montenegro, Soares e Paulilo (2022), era marcada pelo plantio de árvores pelos alunos; pelas concepções de educação e sensibilidade em que o apreço pela natureza e a vida ao ar livre possuíam centralidade; pelo seu aspecto pedagógico, socializador e cívico. A *Garden Party*, por outro lado, era caracterizada por acontecer em espaços abertos, próximos da natureza – geralmente em parques – e almejar a incitação do amor pela natureza. Essa festa se diferenciava da Festa da *Árvore* por não ter a presença do plantio de mudas (Cândido, 2012). Já a Festa da Primavera celebrava a chegada dessa estação, destacando a fartura e abundância da vegetação (Jourdain-Annequin, 2011).

Assim como outros parques urbanos da época, o Parque Municipal da cidade belo-horizontina foi concebido como um espaço não só de proteção aos impactos advindos da urbanização da cidade, mas também para atender a novos padrões de comportamento e civilidade demandados para a nova capital mineira. Dessa forma, o Parque era um local almejado para a realização de Festas da Natureza.

As *Garden Parties* foram encontradas nas décadas de 1910, 1930 e 1940 e tinham mulheres como promotoras dessas festividades, no ano de 1915. Sobre a Festa da *Árvore* apenas uma reportagem noticiou a realização dessa festividade no Parque Municipal, na década de 1910, onde não se localizou a presença das mulheres. Apesar disso, acredita-se que as mulheres poderiam estar presentes nessas festas em decorrência de seu caráter educativo e a presença das mulheres como professoras nos grupos escolares na capital mineira. Por fim, sobre a Festa da Primavera foram encontradas reportagens apenas na década de 1910 de uma única festa que ocorreu no ano de 1912. Nessa festividade, uma única mulher foi noticiada e nomeada participando de uma exposição de aves em que a predominância dos nomes era de homens.

Pessoas da elite marcavam presença nas festas da natureza, como da primavera. Nessas festividades, por vezes, aconteciam exposições, onde a predominância da presença de homens da elite era notória, possivelmente devido aos animais expostos, que costumavam ser de espécies raras, sendo, possivelmente, necessário maior poder aquisitivo para a sua aquisição desses animais ou mesmo para possuí-los e expô-los. Nas *Garden Parties*, por sua vez, a elite estava presente na promoção de festas em benefício de instituições e, em uma festividade, que ocorreu em decorrência de um Congresso de

Geografia. Além disso, a elite também estava se divertindo em partidas de tênis nas festas esportivas.

3.1.2.1 *Garden Party*

A palavra *Garden Party* designa uma festa em um parque ou jardim ou, ainda, uma festa ao ar livre (*Garden Party*, 2024). Conforme Cândido, essas “festividades aconteciam em locais abertos e próximos à natureza, geralmente em parques, e que almejavam [...] incitar o amor à natureza” (2012, p. 245).

A *Garden Party* está presente em diferentes regiões do país e épocas. Na cidade do Rio de Janeiro já havia indícios dessa festa no início do século XX, em uma crônica de João do Rio, em 1906, em que o autor relata que a festa era de uma associação de caridade (Dantas, 2011). Em Curitiba, no ano de 1913, essa festa surge com a presença de mulheres do Clube Curitibano, responsáveis por sua promoção e realização no Passeio Público, primeiro zoológico da cidade (Molina, 2020), e, por fim, há indícios dessa festa em Porto Alegre, no ano de 1937 (Garcia, 2022).

Em Belo Horizontes, na virada do século XX, as *Garden Parties* se tornaram rotineiras devido ao fato das ruas se tornarem espaços atrativos para o convívio social e possibilitar que a sociabilidade não se restringisse à esfera doméstica na capital mineira. Dessa forma, essas festividades passaram a acontecer em espaços públicos da cidade. Além da sociabilidade, as experiências vivenciadas pela modernidade, fossem elas sociais, culturais ou políticas, também ocorriam nesses locais públicos da cidade (Villalba, 2016). No QUADRO 4, as *Garden Parties* que ocorreram no Parque Municipal.

Quadro 4: *Garden Parties* que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte

Beneficiária	Data da Festa	Papel das mulheres
Associação das Damas de Caridade	12 de maio de 1915	Promoção
Congresso de Geografia	16 de setembro 1919	nsa
Exército Nacional	13 de outubro 1938	nsa

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

Na *Garden Party* em benefício da Associação das Damas de Caridade ocorreu no dia 12 de maio de 1915 e despertou interesse da elite local (Gardens, 1915). A festa foi executada por mulheres desse extrato social e contou com a presença de multidões, entendidas nessa ocasião como pessoas de todas as classes sociais (Damas, 1915). Dentre as atividades realizadas estavam jogos, os quais não foram especificados, para mulheres e crianças e barracões com a venda de sorvetes, flores e doces (Telegrammas, 1915). As contribuições financeiras da festa demonstraram serem significativas, além de terem contribuído no dia 19, do mesmo mês, para que fosse realizado na igreja de São José a distribuição de roupas e de cobertores pela associação (Damas, 1915). A FIGURA 15 mostra a presença de um grupo de mulheres nessa festividade em uma barracão, onde vendiam alimentos e bebidas.

Figura 15: Presença de mulheres na *Garden Party* em benefício da Associação das Damas de Caridade realizada no Parque Municipal de Belo Horizonte, no ano de 1915



Fonte: Fon-Fon!, 1915.

A Associação das Damas de Caridade era entendida como uma instituição que tinha como objetivo trabalhar em prol “dos deserdados da fortuna, fazendo chegar aos lares onde habita óbolo da alimentação e dos vestidos, e promovendo a construção de pequenas casas para abrigo de famílias indigentes” (Damas, 1915). Dessa forma, a Associação das Damas de Caridade possuía um caráter filantrópico e beneficiava, na ocasião, cerca de 53 famílias. Ademais, a associação mantinha a manutenção de uma escola, denominada como Santa Isabel, onde as crianças recebiam o ensino primário, que era ministrado por uma professora (Damas, 1915, p. 7).

A *Garden Party* em benefício dos Congressistas do Congresso de Geografia, teve a presença de famílias da elite belo-horizontina e foi realizada no Parque Municipal no dia anterior a um congresso realizado no Teatro Municipal. A festa, realizada no dia 16 de setembro de 1919, foi promovida pela “intelectualidade mineira” e nela não foi noticiada a presença das mulheres (Congresso, 1919, p. 1).

Por fim, a última *Garden Party*, realizada no Parque Municipal, realizada em benefício do Exército Nacional, ocorreu no dia 13 de outubro de 1938. Essa festa objetivava homenagear os cadetes da Escola Militar pelo governo do Estado e contou com atividades, como danças e apresentações musicais, e com a presença de autoridades governamentais do Estado e o ministro da Guerra, bem como pessoas da elite mineira (A phase, 1938). Não há destaque para a participação das mulheres.

3.1.2.2 Festa da árvore: a valorização do verde na capital das árvores

A Festa da Árvore possui seus primeiros indícios na cidade de Araras, na capital do estado de São Paulo, no ano de 1902. Essas festividades ocorriam no mês de setembro, início da primavera no Brasil e ocorriam em diferentes regiões do Brasil, como Minas Gerais e São Paulo. Na cidade de Belo Horizonte, as primeiras notícias dessa festividade são da década de 1910. Durante os primeiros anos que essa festa ocorreu, suas datas sofreram alterações no dia escolhido. Entretanto, no ano de 1925, oficializou-se a partir de um decreto federal no dia 21 de setembro (Duarte, Ostos, 2005). Dentre as práticas realizadas nessas festividades estavam...

[...] o elogio da beleza e a utilidade das árvores, o insistente discurso da necessidade de preservá-las, o plantio e a distribuição de mudas de espécies nativas, a organização de desfiles estudantis, discursos e palestras por autoridades diversas, nas festas nas escolas e, especialmente, uma renitente associação entre árvores e Nação (Duarte, Ostos, 2005).

A primeira festa da árvore no Parque Municipal identificada ocorreu na data do dia 7 de setembro de 1916, em que as escolas de Belo Horizonte estavam comemorando a festa das árvores e os professores explicavam aos alunos sobre a utilidade das florestas. Em homenagem a essa data, outras festividades estavam acontecendo na cidade, como uma recepção no palácio pelas autoridades governamentais, passeatas e sessão cívica. Ademais, no Parque Municipal da cidade, fez-se uma série de diversões ao ar livre – não mencionadas nas fontes quais eram essas – com extensão das

comemorações por 3 dias. A festa foi organizada pelo Club Carnavalesco Mata e o espaço do Parque estava com uma iluminação profusa (Sete, 1916).

Em comemoração ao dia 7 de setembro, Belo Horizonte teve inúmeros festejos pela cidade com a presença de escolares, em que esses realizaram plantio de ipês. No Parque Municipal, realizou-se uma festa popular com queima de fogos de artifício (Em Minas, 1922).

Conforme Duarte e Ostos (2005), a Festa da Árvore ocorreu de modo tímido no início das três primeiras décadas do século XX, na cidade de Belo Horizonte. Ademais, mencionam que essa festividade era organizada por adultos, geralmente professoras e normalistas e era destinada ao público infantil, o que também corrobora com as festas realizadas, em 1916 e 1922 no Parque Municipal de Belo Horizonte, pela mobilização de escolas e grupos escolares na comemorando, demonstrando, assim, uma possível participação de mulheres como docentes nessas festividades.

Apesar da escassez de fontes sobre essa festa, no Parque Municipal, a capital mineira possuía seu status de capital das árvores e realizava mobilizações as preservarem, em que se nota a Festa da Árvore, onde ocorria plantio de árvores, como um dos propulsores dessas mobilizações, pensando nas funções educativas exercidas tanto pelas festas, quanto pelo Parque, conforme demonstram Rosa *et al.* (2024).

Ademais, a imprensa da capital mineira reconhecia a importância do Parque Municipal para a saúde pública e para o bem-estar da população da cidade, bem como exaltava a necessidade de preservação da natureza da capital mineira. A seguinte citação ilustra bem essa valorização:

A Belo Horizonte bem cabe o nome de 'capital das árvores', amigas benfazejas, sempre silenciosas, contra as quais tantas vezes investimos para derrubá-las, depois que nos deram higiene, sombra, encanto e refrigério (Gôvea, 1926).

Nesse contexto, a cidade consolidou sua imagem como capital das árvores, promovendo mobilizações pela preservação das áreas verdes, reconhecidas como essenciais para a população. A Festa da Árvore, portanto, desempenhava um papel importante na reafirmação desses valores para as pessoas na capital mineira.

3.1.2.3 Festa da Primavera

A Festa da Primavera era a festividade mais comemorada “no início da Idade Média e foi apropriada pelos cristãos para a celebração da ressurreição de Cristo, no primeiro domingo depois da Lua Cheia do equinócio da primavera” (Schueler, Delgado, Müller, 2007, p. 133) dando origem à Páscoa. A celebração da Páscoa foi incorporada, todavia, no calendário brasileiro para ser comemorada no outono e não na primavera, como inicialmente proposto (Schueler, Delgado, Müller, 2007).

Essa festa era comemorada em outras localidades do mundo, como em Atenas, em que o próprio nome denotava a uma celebração do retorno da vegetação depois de tempos melancólicos provenientes do inverno. A presença das flores e da vegetação, na estação da primavera, era um fator para que se festejasse e era denominada, nessa localidade, como Anesterias ou, também, Florália (Jourdain-Annequin, 2011).

Na cidade de Belo Horizonte, no recorte desta pesquisa identificou-se apenas uma festa da primavera realizada no Parque, em 1912, destinada a celebrar a entrada dessa estação, e sob a organização de homens (Festas, 1912). A data de sua realização, 6 a 10 de setembro (Festa; Belo, 1912), em datas próximas às comemorações do dia da Independência, ou seja, 7 de setembro, demonstram também seu caráter cívico, para além do início da estação da primavera.

Além disso, essa festa foi também denominada como festa do povo e teve caráter caritativo, sendo em benefício da obra da Maternidade, que estava a cargo de Narciso Araújo (Telegrammas, 1912). Essas obras referidas fazem alusão a atual instituição denominada como Maternidade Hilda Brandão, a qual foi inaugurada, na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1916 (Marques, 2010).

A festividade, que ocorreu a partir das 18 horas, contou em sua estrutura com barracas e pavilhões. Sua programação incluiu exposição de aves que foram premiadas durante o evento, batalhas de confetes, queima de fogos de artifício e cursos de automóveis (Telegrammas, 1912).

A festa contou de forma expressiva com a presença de autoridades governamentais e homens da elite belo horizontina. Nas exposições, por exemplo, que faziam parte das atividades da festa, é notório pela expressividade de nomes de homens, que surgem de forma antagônica ao nome citado de apenas uma mulher, nomeada como Dona Ignez Targino da Silva (Telegrammas, 1912). As mulheres surgem como expositoras, contudo questiona-se: nessa ocasião de ausência de mulheres, em outros papéis, estariam elas ocupando outros papéis e funções, especialmente de participantes da festa, como esposas de autoridades, promotoras, organizadoras, vendedoras?

3.1.3 Festa Cívica

As Festas Cívicas realizadas no Parque Municipal de Belo Horizonte contavam com a presença de escolares e professores e eram permeadas pelo civismo, entendido conforme Cândido (2012), como um conteúdo essencial da educação escolar de 1890 até 1930, no Brasil. Essas festas tinham como objetivo a formação de cidadãos comprometidos com a pátria segundo os educadores da época.

No âmbito social e político, as celebrações escolares possuíam como objetivo, deixar bem patente para a população como um todo, não só a escolar, os progressos e o empenho do governo republicano no âmbito educacional. As escolas representavam, para os dirigentes republicanos, a possibilidade do progresso econômico e social do país, e somente através delas a população poderia e deveria instruir-se. [...] as festas cívicas evidenciavam a relação com o sistema político então vigente, seja na celebração dos ideais e valores republicanos, seja por meio da escolha das datas e temas que deveriam ser comemorados, além dos rituais praticados (Cândido, 2012, p. 44).

As festas cívicas escolares, ainda segundo essa autora (2012, p. 43) eram momentos que se destacavam para a consolidação do ideal de pátria, tendo sido “comemoradas na sociedade republicana, mas organizadas de acordo com um ritual específico da escola, constituíam-se objetos de disputa pelo poder dos dirigentes da República”.

As festas cívicas, conforme Vaz (2006, p. 43), possuem “forte presença das dimensões patriótica e política, nas quais os lemas como civilização e progresso e os mitos da nacionalidade se legitimam no culto à ordem”. Essa autora (2006) ainda distingue as festas cívicas escolares das festas cívicas políticas, e como essas dialogam.

As festas cívicas políticas e as festas cívicas escolares diferenciam-se uma da outra, uma vez que as primeiras visam atingir a sociedade em geral, e as segundas destinam-se ao público propriamente escolar. Além disso, a festa escolar organiza-se e se realiza segundo princípios ligados ao ensino propriamente dito (por exemplo, da Língua Portuguesa, da História, da Educação Moral e Cívica), embora também a festa política tenha caráter pedagógico. Muitas vezes as festas escolares são influenciadas pelos mesmos rituais e objetivos da festa política. Desta forma, festa política e festa escolar se encontram e são adaptadas a partir de seus contextos e públicos, estabelecendo entre si profícuas parcerias, tendo a escola influência sobre a política, e a política, sobre a escola (Vaz, 2006, p. 47).

Dessa forma, outras festas poderiam se enquadrar na categoria Festa Cívica, devido ao caráter pedagógico, como a Festa da Árvore, já que visavam educar as pessoas, especialmente as crianças, sobre a utilidade da árvore, todavia essa é uma das características das festas escolares, sejam elas cívicas, da natureza, esportivas etc. Ademais, as festas das árvores de 1916 e 1922 realizadas no Parque Municipal, e já trabalhados no item anterior, ocorreram juntamente com a Festa da Independência, tendo nesse caso essas duas centralidades.

As festas cívicas, nesta pesquisa, não foram divididas segundo a classificação de Vaz (2006), como políticas e escolares, porém se nota a ênfase nessas festas pela imprensa em seus aspectos mais voltados ora para a política, ora para os escolares, muitas vezes se misturando.

Em 1912, ocorreu também no Parque Municipal uma festa escolar, também designada como festa infantil, no dia 7 de setembro de 1912, no período da manhã, em comemoração à data da Independência (Festa, 1912) e do aniversário do segundo governo do Bueno Brandão (Telegrammas, 1912), demonstrando seu caráter cívico.

Essa festividade foi marcada por uma grande festa organizada por professoras, nomeadas como “Maria Rezende Costa, Zelia Correia Rabello, Maria Emilia da Fonseca Pontes, Maria da Conceição Andrade e Judith Gosllng” (Festa, 1912, p. 4), e pelo inspetor Antônio Gomes Horta. Além da organização, as professoras possuíam a função de distribuição de doces nas barraquinhas (Festa, 1912).

Essa festa contou com a presença de cerca de três a quatro mil crianças que participaram de atividades, como recitais de poesias pelas meninas; guarda da bandeira pelos meninos; entoação do hino escolar, da letra e da música do poeta Augusto de Lima; discurso de saudação; desfile das crianças (Festas, 1912); e hasteamento da bandeira em um pavilhão em frente ao Parque Municipal com a presença de autoridades governamentais (Últimos, 1912).

Bueno Brandão foi homenageado pela cidade de Belo Horizonte, tendo todos os edificios públicos, casas comerciais e bancos a bandeira nacional hasteada e na madrugada, em frente ao palácio do Governo, ocorreram apresentações de bandas militares e civis (Telegrammas, 1912). Entretanto, o destaque para os alunos ocorreu nas atividades da festa realizadas no Parque Municipal por esse ser entendido como um espaço educativo.

Ademais, a festa cívica também se constitui, conforme Vaz “em um lugar de memória, cujo principal objetivo é a comemoração de um episódio ou de um

personagem visto como significativo no contexto da história da nação” (2006, p. 44). Em muitos casos, como no Parque Municipal de Belo Horizonte, esse personagem era a bandeira, como ocorreu na festa escolar realizada no mesmo ano, na data de 9 de novembro, sendo denominada como Festa da Bandeira. A data remonta a data do decreto que estabeleceu a Bandeira Nacional.

Conforme Gerken (2009), a Bandeira Nacional foi instituída em 19 de novembro de 1889 e juntamente com ela a Festa da Bandeira. A demarcação dessa data – 4 dias após o dia 15 de novembro, destinada a Proclamação da República – demonstra a necessidade de celebração da Bandeira Nacional, entretanto sem interromper as atividades escolares.

Nessa festa, o Parque Municipal foi palco de diversas festividades para alunos de escolas isoladas e de grupos escolares. As crianças cantaram os hinos de Francisco Braga e de Augusto de Lima e içaram a bandeira (Festa; Telegrammas, 1912). A festa contou, além dos alunos, ao certo com professores e professoras, e com a participação de autoridades governamentais, como o Presidente do Estado e ministros (Em Minas, 1912).

Na década de 1910, as festas cívicas no Parque Municipal apresentavam “rituais das comemorações escolares”, como designado por Cândido (2012, p. 43), como canção de hinos, hasteamento da bandeira, banda militar e civil, homenagem a autoridade governamental, distribuição de doces em barraquinhas, comemoração no dia da Independência, recital de poesias, guarda da bandeira, entoação de letra e de música de poetas, discurso de saudação e desfile. Parte desses rituais estavam presentes naqueles descritos por Cândido (2012).

Os rituais das comemorações escolares eram compostos, na sua maior parte, de homenagens de pessoas ilustres que compareciam nestas ocasiões, como diretores de ensino, inspetores escolares, secretários do interior, os prefeitos das localidades, vice-presidentes do Estado e professores; declamação de poesias pelos alunos, hinos, marchas, apresentações de peças teatrais, passeatas pela cidade; preparação de banquetes, *lunchs* e *soirées* pelos professores e alunos; sessões literárias, exercícios orais sobre as disciplinas estudadas, distribuição dos boletins de promoção e de prêmios oferecidos pelos professores aos seus melhores alunos, torneio ginástico, plantio de mudas, nas festas das árvores, apresentação dos escoteiros, nas festas cívicas e hasteamento do pavilhão nacional, que depois se tornou uma prática cotidiana das escolas públicas (Cândido, 2012, p. 43).

As competições esportivas pareciam fazer parte, muitas vezes, dos pós-cerimônia cívica, denotando um clima de descontração para as crianças. Além de

relações com a Educação Física e o esporte, destacam-se relações com o desenvolvimento do corpo (Vaz, 2006). Apesar de fazerem de festividades cívicas, não eram sua centralidade. Dessa forma, entende-se a categoria da Festa Esportiva imprescindível, já que o esporte era parte central de determinadas festas.

3.1.4 Festa Esportiva

A festa esportiva se caracteriza pelo foco em práticas esportivas, geralmente ocorria em lugares públicos, e ao longo tempo promovendo atividade ao ar livre (Bonfim, 2019). Sendo os parques municipais espaços de propagação de hábitos modernos no meio urbano e apropriados para realização de exercícios físicos, esportes, ginásticas, entre outras atividades, muitas vezes festivas, foram apropriados também, no início do século XX, para realização dessas festas (Rosa *et al.*, 2024),

No Parque Municipal de Belo Horizonte, no início do século XX, as práticas esportivas associadas às festas esportivas foram páreos de bicicleta, corrida a pé, natação e partidas de tênis (QUADRO 5). Apenas nesta última atividade mulheres foram destacadas nas fontes, porém no tópico sobre “práticas esportivas e ginásticas” a presença de mulheres nas práticas esportivas e nos clubes esportivos que as promoviam será mais bem discutido, em diálogo com outros autores.

Quadro 5: Festas Esportivas que ocorreram no Parque Municipal de Belo Horizonte

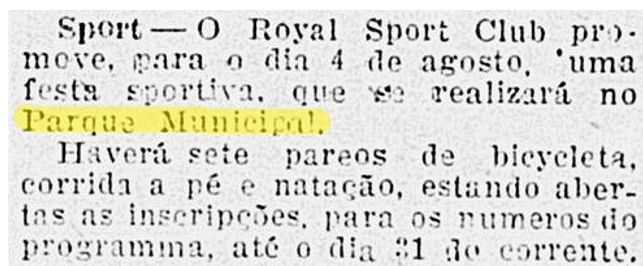
Práticas	Data da Festa	Papel das mulheres
Páreos de bicicleta, corrida a pé e natação	23 de julho de 1912	nsa
Partidas de tênis	8 e 9 novembro de 1915	Participantes
nsa	14 e 18 de novembro de 1915	nsa
nsa	7 e 8 de janeiro de 1930	nsa

Fonte: Elaboração da autora, 2024.

As festas esportivas realizadas no Parque Municipal foram noticiadas de 1912 a 1930 e eram denominadas de modo mais específico como “festa sportiva”, como demonstrado na FIGURA 16. Em outros momentos, essa festa apesar de não ser denominada de forma explícita, ainda sim, foi considerada por ser descrita como uma festa que possuía o esporte como sua centralidade, considerando dessa forma a

definição por Bonfim (2019). A FIGURA 17, evidencia uma das ocorrências onde isso se manifestou.

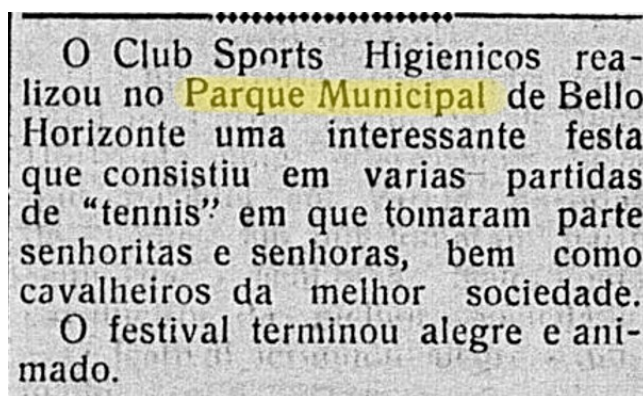
Figura 16: Festa Esportiva promovida para ocorrer no dia 4 de agosto de 1912. A festa era denominada explicitamente como “festa sportiva”



Sport — O Royal Sport Club promove, para o dia 4 de agosto, uma festa sportiva, que se realizará no Parque Municipal. Haverá sete pareos de bicycleta, corrida a pé e natação, estando abertas as inscripções, para os numeros do programma, até o dia 31 do corrente.

Fonte: Sport, 1912.

Figura 17: O festival, que ocorreu em 1915, possuía como centralidade as partidas de ténis, porém não era denominada explicitamente como Festa Esportiva



O Club Sports Higienicos realizou no Parque Municipal de Bello Horizonte uma interessante festa que consistiu em varias partidas de "tennis" em que tomaram parte senhoritas e senhoras, bem como cavalheiros da melhor sociedade. O festival terminou alegre e animado.

Fonte: Notas, 1915.

A festa esportiva divulgada na data de 23 de julho de 1912, a ser promovida pelo *Royal Sport Club*, no Parque, seria realizada na data de 4 de agosto, entretanto não se tem indícios que essa festa de fato tenha se concretizado (Sport, 1912). Em uma outra festa esportiva divulgada nas datas de 8 e 9 de novembro de 1915, promovida pelo *Club Sports Higienicos*, partidas de ténis tiveram centralidade e a festa contou com a participação como jogadoras e jogadores, mulheres e homens da elite belo-horizontina. A festa, destacada como alegre, animada e linda (Hontem; Notas, 1915). Teriam essas características pela participação em quadra das mulheres?

Vale ressaltar que o caráter cívico dessa festividade se evidencia pela sua proximidade com a data oficial brasileira do dia 15 que consagra à comemoração da Pátria Brasileira, pela República, em 1889 (Os dez, 1913).

Outra festa esportiva, realizada na data de 11 de novembro de 1915, no Parque, fez parte de um festejo maior, que ocorreu por conta do regulamento da instrução pública em Minas Gerais que destacou que todos os municípios com escola pública deveriam promover eventos no dia da República. Em Belo Horizonte houve um compilado de eventos, como a passeata do 1º Batalhão, a inauguração do retrato do senador Francisco Salles no grupo escolar batizado com seu nome, a festa esportiva promovida pela Colônia Italiana no Parque Municipal e a sessão solene no Teatro Municipal promovida pelo Club Floriano Peixoto (O dia, 1915).

Essa festa esportiva possuía além do caráter cívico, pela data em que ocorreu, também caráter caritativo, uma vez que a festividade promovida pela Colônia Italiana tinha como objetivo para além de ser parte de um festejo maior, em comemoração à passagem do aniversário do advento da República no Brasil, também possuía a beneficência direcionada para os filhos dos reservistas residentes da capital mineira (Festas; O dia, 1915). Segundo Mota (2018), os membros e um grupo da Colônia Italiana foram os responsáveis pela fundação da Sociedade Sportiva Palestra Itália e se desenvolveu com rapidez e se tornou uma forte associação local.

Já em 1930, outra festa esportiva ocorreu no Parque Municipal, no dia 7 de janeiro, e fazia parte de um conjunto de eventos que estavam acontecendo na cidade no mesmo dia. Dentre essas festividades, estavam a entrega de diplomas da primeira turma de aluno da Escola de Sargentos e a festa esportiva no Parque Municipal (Entrega, 1930).

Em relação a organização dessas festas, os clubes esportivos surgem com certa predominância na organização, como o *Club Sports Higiênicos*, o *Royal Sport Club*, o Club Floriano Peixoto e a Colônia Italiana. Ademais, instituições com caráter cívico também estavam associadas em sua organização, como a Escola de Sargentos e os reservistas residentes da capital mineira. Não foi encontrada programação dessas festas no Parque Municipal, embora seja citado que teriam duração de mais de um dia e que fariam parte de festejos maiores.

Ademais, as festas esportivas que ocorreram no Parque Municipal possuem similaridades com as que ocorreram no Rio de Janeiro. Na capital carioca, as programações contavam com atividades lúdicas e uma competição esportiva central, tendo também intuito de promoção social e convívio público mediante os encontros competitivos. Ademais, essas festas possuíam programações extensas que começavam pela manhã e se estendiam até a noite (Bonfim, 2019).

Na tese de doutorado de Rodrigues (2006), a autora aborda alguns divertimentos presentes na cidade de Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século XX, porém ela não cita a presença das festas que foram abordadas nesse tópico e nem os esportes.

[...] os divertimentos na cidade [Belo Horizonte], sempre raros como destacam as notícias dos jornais, foram se constituindo, nas suas duas primeiras décadas, por meio de circos e companhias equestres, passeios no parque, touradas, teatro, bares, clubes, footings e, posteriormente, o cinema, mas não como direito de todos (Rodrigues, 2006, p. 82).

Essa pesquisa contrapõe a ideia de que nas primeiras décadas do século XX, a cidade de Belo Horizonte, especialmente o Parque Municipal, não se tenha constituído de outros divertimentos além dos mencionados pela autora (2006), como as festas e as práticas esportivas. Ademais, essas práticas são importantes de serem destacadas pela notoriedade que dão as mulheres na época e por serem relevantes quando pensamos no principal equipamento de lazer da cidade na época: o Parque Municipal de Belo Horizonte.

3.2 Práticas corporais

Conforme Junior *et al.*, as práticas corporais podem ser entendidas como “um conjunto de manifestações corporais, práticas físicas, realizadas com fins diversos, institucionalizadas ou não, que podem ser resumidas em ginásticas, esportes, danças, jogos e lutas” (2011, p. 15). No contexto do Parque, local que abrigou, e abriga, a realização dessas práticas e que teve seus espaços remodelados em sua função delas, elas são consideradas como formas de divertimento e discutidas quando pensamos na diversão das mulheres.

São diversos os indícios de práticas corporais realizadas no Parque Municipal ao longo dos anos, especialmente referente aos esportes. Na década de 1910, esportes como páreos de bicicletas, corrida a pé, natação (Sport, 1912), regata (Telegrammas, 1913c), futebol (Telegrammas, 1914c) e partidas de tênis estavam presentes em festas esportivas promovidas em sua maioria por clubes esportivos.

Na década de 1920, há pistas da presença de um *sport-man* no Parque que alcançou um recorde mundial de velocidade e resistência; iniciativas para a prática de esportes, como o remo (Minas, 1926) e de construção de espaços para atividades

esportivas, como um campo de tênis e um rink de patinação (Melhoramentos, 1926), além de um centro de exercícios físicos para as crianças (De Bello, 1929).

Na década de 1930 foram diversas as iniciativas, como propostas de construção de espaços apropriados aos esportes, exemplo de um campo de esporte infantil (Bello, 1937b) e realização de competições, como uma corrida infantil nas alamedas do Parque (A prova, 1937). Há também registros de práticas de natação (Netto, 1933), de remo, de corrida, de pingue-pongue (A metrópole, 1936), de luta livre e de exercícios ginásticos no Parque, bem como realização de jogos (O presidente, 1938), de demonstrações esportivas (As grandes, 1938), de apresentação de dança por bailarinas (Uma Versalhes, 1927) e de festas esportivas em que houve corridas de bicicletas (O programa, 1937). Embarcações a remo eram exploradas pela Prefeitura (Barcos, 1933), dando-nos pistas das atividades em voga no Parque Municipal.

Na década de 1940, por fim, foram pontuadas iniciativas voltadas especialmente para o esporte no Parque Municipal, como a realização de provas ciclísticas (Prova, 1944), indicação de readaptação de um prédio do Parque para construção de um ginásio destinado para filhos de operários (Ginásio, 1948) e apontamentos sobre a falta de pistas de atletismo na cidade, inclusive no Parque (Creando, 1941).

Entre tantas atividades e ações, a única situação que anunciava a presença de mulheres foi nas partidas de tênis, atividades centrais de uma festa esportiva promovida pelo *Club de Sports Higiênicos* e que contava também com a participação de homens, ambos da elite belo horizontina (Notas, 1915).

Vale destacar que os clubes esportivos, segundo Lovisoló, surgem no Brasil, na transição do século XIX para o século XX, e “multiplicavam-se com suas práticas de exercícios, esportes e atividades sociais” (2016, p. 2). Rodrigues (2006) destaca, por sua vez, a efemeridade desses clubes em Belo Horizonte. Segundo a autora, os clubes do início do século XX, como *Club Schumann*, *Elite Club* e *Ideal* teriam sido efêmeros em contrapartida com o *Club Bello Horizonte*, criado em 1904, que está até os dias de hoje em andamento.

Ademais, ainda segundo essa autora (2006), aproximadamente 30 clubes foram encontrados por ela até a década de 1920, sendo que algum deles eram ligados a associações recreativas. Os clubes, de modo geral, “representavam a possibilidade [de] aproximação das pessoas, e o contato com hábitos de civilidade. Mas eram também espaços restritos e seletivos” (2006, p. 87). E como seria nesses espaços dos clubes

esportivos, permanentes e efêmeros, a presença e ausência de mulheres ao longo do recorte temporal dessa pesquisa?

No Parque Municipal os clubes esportivos exerciam o papel na realização de festas, como as festas esportivas; de competições etc., e entre eles podemos destacar o *Club de Sports Higiênicos*, especialmente por ter sido o único que evidenciava, como já dito, a participação de mulheres em atividades esportivas no Parque.

Este clube, que funcionou de 1913 a 1916/17, tinha a sua sede no Parque Municipal e se propunha, conforme o seu estatuto, a desenvolver atividades em quatro modalidades esportivas, sendo uma delas o tênis. Essa modalidade, especificamente, foi introduzida na capital pelo clube, possibilitando a inserção de mulheres na prática esportiva (Magalhães; Rosa, 2011a). Este esporte foi um dos marcos na história esportiva da cidade e do clube, que trouxe contribuições para o desenvolvimento dessa modalidade em Belo Horizonte (Magalhães; Rosa, 2011b).

Outro marco foi o futebol com muitas evidências em Belo Horizonte. Na década de 1910, aparece no Parque Municipal através da fundação de um “novo club de ‘foot-ball’”, denominado Sete de Setembro (Telegrammas, 1914, p. 2).

Sete de Setembro *Foot-Ball Club* – Com este título fundou-se ultimamente, nesta capital, uma sociedade esportiva, cujos fins recreativos muito a recomendam. O seu magnífico campo de 'foot-ball' cedido pela Prefeitura, está situado em terrenos do Parque Municipal, correndo a construção por conta da sociedade. Sua primeira diretoria ficou assim constituída: presidente honorário Manoel Caillaut, vice-presidente, capitão João Gonçalves e 2º secretário, Guiné Ribeiro (Sete, 1914, p. 5).

Apesar de não haver mais registros desse esporte no Parque Municipal no banco de dados desta pesquisa, conforme Mota (2018) esse esporte teve participantes e adeptos que se apropriaram principalmente do Parque, nas décadas iniciais do século XX. Há vários trabalhos que mostram essa apropriação, principalmente através dos clubes esportivos, como o *Club de Sports Higiênicos* que, embora não tivesse na proposta inicial desenvolver esse esporte, estabeleceu uma equipe de futebol que participou de vários campeonatos da época. Porém o futebol não foi uma prioridade como o tênis, mas contribuiu para o desenvolvimento da modalidade em Belo Horizonte (Magalhães, Rosa; 2011b).

Apesar de não se ter evidências da participação das mulheres no futebol no Parque Municipal, a presença delas em Belo Horizonte praticando essa modalidade já se

evidenciava na presença de *sportswomen* – mulheres esportistas - na cidade em 1904, conforme afirma Souza Neto, Campos e Silva (2013). Segundo esses autores, na fase embrionária de implantação do esporte bretão na capital foi possível notar a presença de mulheres em uma partida de futebol, sendo cada vez mais requisitadas pela estrutura que organizava esse esporte. Ademais, a imprensa assumia o papel de apontar a relevância da figura feminina nas partidas do jogo bretão.

Em outras localidades do estado de Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XX, como Uberaba, Uberlândia (Silva, 2017), Montes Claros (Caleiro, Silva, Neto, 2011) e Barbacena (Silva; Rosa, 2020), as mulheres marcaram presença no futebol.

Na cidade de Montes Claros, em 1918, elas estavam no futebol, presentes em um campo esportivo em construção. A expectativa era que essas mulheres possuíssem “adequada postura de discrição, comedimento e reserva, com funções estritamente ligadas ao âmbito doméstico”, porém a participação ativa e a alegria dessas mulheres nesse ambiente proporcionavam um avanço das percepções nas relações de gênero (Caleiro, Silva, Neto, 2011, p. 70).

Na cidade de Barbacena, por exemplo, elas participaram como assistentes-espectadoras e assistentes-torcedoras, sendo responsáveis pelo lance inicial de partidas e entrega de premiação à equipe vencedora, e como madrinha de time nas partidas (Silva; Rosa, 2020).

Para além das arquibancadas, as mulheres de Barbacena estiveram à frente de clubes de futebol como madrinhas. Tal participação [...] percebida como uma presença que ia além da intenção de fazer das mulheres ‘ornamentos’ no espaço do futebol, até então uma prática masculina, pois demonstra que as mulheres, mesmo que não praticassem o esporte, comporão sua cena de outras formas, ou seja, estiveram envolvidas com o divertimento (Silva, 2017, p. 113).

Houve expectativas de que no Parque Municipal, em 1913, ocorressem práticas de um outro esporte em voga nessa época, o remo, devido a solicitação de aquisição de barcos para realização de regatas nos seus lagos. Apesar de não se ter indícios da participação de mulheres nesse movimento, elas já estavam presentes em atividades dessa modalidade em outras localidades do Brasil, como no Rio de Janeiro, onde em 1901 foi criado o Grupo de Regatas Feminino da Ilha de Pombeba, localizada na baía de Guanabara, em frente à antiga praia de São Cristóvão. A diretoria desse grupo era formada por mulheres. O grupo não sobreviveu por muito tempo, mas disputou uma

prova contra remadoras do Grupo de Regatas Cajuense, agremiação que logo mudaria para o nome de Clube de Regatas São Cristóvão (Melo, 2007).

A cidade do Rio de Janeiro também já possuía, no início deste século, três centros de hipismo e muitas competições eram organizadas, mas estas não eram de grande popularidade. Nessa modalidade, as mulheres já tomavam parte ativa das provas. Já em relação ao tiro ao alvo, nessa mesma temporalidade eram organizadas provas, normalmente exclusivas para mulheres, na mesma ocasião de competições de outras modalidades, especialmente do ciclismo (Melo, 2007).

Devido ao alto preço, as bicicletas eram vistas como uma forma para as elites econômicas demonstrar sua inserção na civilização moderna. Assim, apesar de haver um aumento na realização de corridas com bicicletas na década de 1860, ela só se tornou popular no final do século XIX. Essa transformação coincide com o surgimento dos automóveis, o que sugere que o investimento em veículos motorizados transformou a bicicleta em um transporte secundário para a elite econômica da época (Silva, 2023, p. 53).

Segundo Silva (2023), as bicicletas estiveram presentes em Belo Horizonte desde sua fundação e os páreos de bicicletas eram outra prática esportiva que se evidenciava no Parque Municipal. O *Royal Sport Club* possuía pretensões de promover uma festa esportiva com a presença de sete páreos de bicicletas, corridas a pé e natação no Parque Municipal no dia 4 de agosto de 1912 (Sport, 1912), contudo não se tem evidências que essa festa de fato ocorreu e nem o envolvimento das mulheres em sua promoção. Apesar da falta de indícios de relações das mulheres com esses páreos de bicicleta no Parque, as mulheres já se encontravam realizando provas desse esporte em outras cidades do Brasil, como no Rio de Janeiro.

As provas de corridas de bicicletas, no Rio de Janeiro, passaram a ocorrer em 1897, com a inauguração do Frontão Velocipédico Fluminense, inclusive, nesse velódromo, foi encontrado registros de mulheres, já que essas provas eram mistas, ou seja, cada bicicleta era conduzida por um casal (Melo; Schetino, 2009).

As corridas eram práticas esportivas que também aconteciam no Parque Municipal e não possuíam indícios da presença das mulheres. Na festa esportiva promovida pelo *Royal Sport Club* em 1912 havia pretensões de que seriam praticadas as corridas a pé (Sport, 1912). Contudo, não se tem indícios de que essa festa tenha sido realizada e nem sobre a presença das mulheres.

Mesmo com a falta de indícios do envolvimento de mulheres em corridas a pé no Parque Municipal, elas já participavam dessas atividades em outras cidades de Minas

Gerais, como em Juiz de Fora, na transição do século XIX para o XX. Nesse caso, a participação era restrita a uma mulher italiana, chamada Madame Bargossi. Ela, junto com Achille, seu esposo, apresentavam-se em corridas na cidade, que se configuravam como espetáculos para a população. O homem, que tinha a intenção de introduzir seu método no exército italiano, queria comprovar que seu método funcionava treinando sua esposa (Junior *et al.*, 2011). Nota-se que já existiam indícios, nesse período, da presença de mulheres nas práticas de corridas no estado de Minas Gerais.

O esporte, de modo geral, foi uma importante diversão que possibilitou a ocupação de mulheres de espaços públicos de diversão, como o Parque Municipal, mesmo que tímidos os indícios sobre a participação.

Outras práticas corporais, para além dos esportes, se fizeram presentes no Parque e contaram com a participação das mulheres. A dança aparece, na década de 1920, em um evento denominado “Tarde Azul”, e que contava com mulheres bailarinas, que estabeleciam relações com a natureza por meio de seus bailados, aliás uma natureza que lembrava, na paisagem mineira, ou seja, no Parque Municipal, os jardins de Versalhes.

PARQUE MUNICIPAL BELLO HORIZONTE - (Minas Geraes) - As ninfas da velha Grécia ressuscitaram, no correr da "Tarde Azul", entre as árvores do Parque Municipal. Ressuscitaram e dançaram. O balado amável, desenvolvendo-se sobre o gramado macio, entre tufos de flores, à beira de águas calmas, pôs uma fascinação nos olhos dos assistentes. Dessa vez, a realidade valeu mais do que o sonho. As bailarinas subtis chamavam-se Zilah Pinheiro Chagas, Izaura Vianna, Luiza de Almeida Campos, Zenolia Corrêa Rabello, Agostinha Rabello, Loreto Vieira, Antonietta Lobo, Yole Campos, Iracema Negrão de Lima, Odette e Antonietta Medeiros Cruz, Maria Franco, Marina Amaral Brandão, Ilda Gomes da Costa, Maria de Lourdes Paschoal, Dora e Celia Neves, Milena Jacob, Maria Selmo Vasconcellos, Moema e Maria Dantas, Nina Xavier, Maria Penido, Maria Stella Dayrel de Lima, Adalgisa Gomes, Zazá Gontijo, Lucia Morandi, Mathilde Fulgencio e Dulce Coscarelli. Não ficou ali o milagre. Desaparecida a fãndola grega, moveram-se, ante o deslumbramento geral, as figuras da corte do Rei Sol, de calção de veludo e cabeleira empoada, executando, serenas, os passos aristocráticos do minueto. Com uma infinita espiritualidade, as senhoritas Edelweles Barcellos, Ceci Mibielli, Annete Fraga e Aracy Esteves, puseram um pouco da alma de Versalhes na paisagem mineira. Dois milagres numa só tarde - a maravilhosa "Tarde Azul" (Uma Versalhes, 1927).

A dança que estava presente na capital desde o seu início tinha, para os religiosos da cidade, como o seu pároco, uma “utilidade higiênica e fazia parte da civilização atual, mas poderiam tornar-se inconveniente e fonte de corrupção de costumes, quando feita entre pessoas de diferentes sexos que não primassem pela seriedade, educação e bons costumes” (Rodrigues, 2006, p. 74). Ademais, segundo essa

autora, as danças do Curral Del Rey eram vistas como simples, inocentes e um entretenimento nas festas e nos intervalos delas (Rodrigues, 2006).

Essa prática continuou presente na cidade em épocas posteriores, como apontado por Chaves (2016), quando aborda sobre um curso de dança realizado na capital mineira no ano de 1934. Conforme afirma (2016), a criação do curso Natália Lessa foi uma iniciativa que se destacou no cenário da cidade dada sua preocupação com a educação do corpo, em especial do corpo feminino. O fato de uma mulher, no caso Natália Lessa, organizar um espaço educativo, o primeiro espaço privado e especializado no ensino da dança para meninas na cidade, e destinado à infância e à juventude feminina, sinaliza o reconhecimento da dança como uma prática viável na ampliação da presença da mulher nas cenas públicas. Diríamos inclusive em espaços do Parque, onde já havia rastros de sua manifestação, como indicado.

A dança teve um papel importante no entretenimento da cidade, com figuras-chave como Natália Lessa, Carlos Leite e Klauss Viana contribuindo para a sua consolidação (Alvarenga, Chaves, 2019).

Em outras localidades no Brasil, as práticas corporais também possuíram destaque e nos possibilita pensar sobre as que ocorriam no Parque Municipal, especialmente aquelas que possuíam ou não a participação das mulheres.

Nas cidades do estado de Minas Gerais, tinha-se a presença de práticas corporais ocorrendo, como em Juiz de Fora, na transição do século XIX para o XX, principalmente a ginástica, o esporte e a luta. E, a criação de clubes esportivos se faziam presentes, assim como em Belo Horizonte (Junior *et al.*, 2011), contudo a participação das mulheres não foi evidenciada.

Em Barbacena/MG para além do futebol, já citado, as mulheres participam em outras modalidades esportivas. como no atletismo onde competiam nas provas de corridas com obstáculos; elas estavam na patinação, nas cavalhadas, no escotismo e nas danças onde estavam envolvidas tanto com a prática quanto com as programações (Silva, 2018).

As danças, em Barbacena, no início do século XX, eram influenciadas por ensinamentos religiosos. A cidade aderiu a um discurso proclamado pelos Bispos e Papas da época sobre a condenação de danças modernas internacionais, denominadas, como *fox-trot*, tango, *one-step* e *shymmy*. A declaração expressa que essas danças estariam em desacordo com as morais cristãs e que as mães cristãs não deveriam

permitir que suas filhas tomassem parte nessas danças. Contudo, mesmo que Barbacena aderisse a esse discurso, essas danças compunham as opções de diversão da cidade.

Ainda no estado de Minas Gerais, nas cidades de Uberaba e Uberlândia, por exemplo, na primeira metade do século XX, as mulheres estiveram presentes em variados divertimentos, participando de formas diferenciadas: assistentes do turfe, futebol e salas de cinemas, organizadoras de *pic-nics* e festas beneficentes e competições nas modalidades esportivas voleibol e cestobol (Silva, 2017), podendo destacar a prática do *pic-nic* como uma prática de lazer ao ar livre possibilitando esse de ser realizado em áreas verdes, como parque.

Em outras localidades do estado as mulheres também estavam presentes no futebol, como era o caso da cidade de Montes Claro, em 1918. Elas estavam presentes em um campo esportivo em construção. A expectativa era que essas mulheres possuíssem “adequada postura de discrição, comedimento e reserva, com funções estritamente ligadas ao âmbito doméstico”, porém a participação ativa e a alegria dessas mulheres nesse ambiente proporcionavam um avanço das percepções nas relações de gênero (Caleiro, Silva, Neto, 2011, p. 70).

Os parques eram considerados espaços apropriados para realização dessas práticas corporais devido ao fato de que no contexto do início do século XX e primeiras décadas do XX, com o destaque e a instauração do ideário de vida ao livre e de uma nova ordem urbana, evocava-se o ar puro e a vida ao ar livre como forma terapêutica para as doenças causadas pelos novos ritmos urbanos, que levavam ao esgotamento físico e mental (Soares, 2016). Para Rosa *et al.* (2024), os parques, como outros espaços públicos de divertimento, foram reconhecidos como espaços de propagação de hábitos modernos; como locais para a prática de exercícios físicos, como propagadores de saúde e bem-estar, como locais de visibilidade da participação social das mulheres.

3.3 Exposição

As exposições tinham uma intenção de atender à curiosidade das pessoas que eram consideradas leigas. Há indícios de realização de exposições no século XIX, como no caso da cidade de São Paulo, onde animais exóticos e selvagens eram expostos, por serem difíceis de se observarem cotidianamente, por habitarem matas e ser custoso a aproximação desses sem correr riscos (Barbuy, 2016). Em Belo Horizonte, no início do

século XX, exposições de animais ocorriam na cidade e atraíam pessoas vindas de diferentes zonas do Estado (Rodrigues, 2006).

No Parque Municipal de Belo Horizonte, no dia 6 de setembro de 1912, foi inaugurada às 9 horas uma exposição de aves com a presença de autoridades governamentais (Inauguração, 1912), como o presidente do Estado e os secretários (Exposição, 1912). A exposição para além de aves e de pássaros, também tinha flores, e foi realizada no Parque em comemoração ao dia 7 de setembro (Festa, 1912), tendo o caráter cívico.

Essa exposição ocorreu de forma concomitante com a Festa da Primavera – caracterizada anteriormente neste trabalho –, que contou com atividades como curso de automóveis, batalha de confete e queima de fogos de artifício (Belo, 1912); contou com a presença de seis mil pessoas (Inauguração, 1912); e teve uma variedade de animais expostos, inclusive de pessoas da elite belo-horizontina que participaram de comissões de organização de festas beneficentes, com Cicero Lopes.

Da interessante secção de pássaros figuram: dois canários de belgas, do Sr. Waldemar Siqueira; um dito, dois hamburgueses e um amarelo, do Sr. José Luiz Brandão. Um pintalgorde (produto de canário e pintassilgo), do Dr. Vicente Raccioppi. Dois canários genuínos, $\frac{1}{2}$ sangue, do Sr. Ignacio dos Santos, e um Ronrelo, do mesmo. Quatro canários belgas, do Sr. Augusto de Azevedo Coutinho. Um francês e três belgas, do Dr. Cicero Lopes. um mutum, do Dr. José da Fonseca Filho. Um bicudo preto e uma patativa do campo, do Sr. Joaquim Henriques. Dois mutuns, do Sr. Djalma Antunes. Um sabiá, de dona Iñez Targino da Silva. Dois canários italianos, do Sr. A. Seabra, e uma graúna, do Sr. Augusto de Andrade Souza (Festa, 1912).

A exposição contou em sua estrutura com um pavilhão preparado, para o presidente Bueno Brandão, onde ele foi cumprimentado pelos deputados Francisco Bressane e Ferreira Carvalho. Neste pavilhão estava presente também a diretoria da festa, denominada da primavera; representantes da imprensa e inúmeras pessoas de destaque da sociedade belo-horizontina (Telegrammas, 1912). Vale destacar que essa exposição é parte, pois, de uma festa que tem elementos cívicos e da natureza.

As exposições de aves e pássaros, como visto, tinham o nome donos dos animais expostos. No caso da exposição das flores, não foi mencionado quem participava e quais flores eram expostas. Entretanto, nota-se que quando a fonte menciona o nome das pessoas, na exposição de animais, a presença de uma única mulher, dona Iñez Targino da Silva, foi noticiada frente a quantidade de nome dos homens (Festa, 1912). Ademais, a exposição desses animais possuía caráter competitivo já que as fontes

mencionam que ocorreria a concessão de prêmios que seria julgada por uma comissão da exposição. Essa comissão era constituída apenas por homens (Exposição, 1912).

O que dona Ignez Targino da Silva fazia em meio a um contexto predominantemente masculino – desde seus participantes expondo, passando pela comissão julgadora e indo até os visitantes que eram autoridades governamentais? Dona Ignez transgredia.

Os prêmios para as galinhas foram escolhidos segundo a pureza de raça e a beleza; para os canários, pela pureza de raça e o canto e para os pássaros, pela beleza e pelo canto. As pessoas vencedoras foram premiadas. No caso das galinhas, o prêmio pela pureza de raça conferiu aos vencedores um relógio de ouro e pela beleza, um relógio de parede. No caso dos canários, pela pureza de raça, uma fruteira de prata e pelo canto, uma jarra de cristal. Por fim, para os pássaros, pela beleza, uma jarra de cristal multicolor e pelo canto, um relógio de mesa (Exposição, 1912).

Na premiação os vencedores todos mencionados foram homens, entretanto no momento de se destacar os animais que estavam presentes no dia da exposição, o nome de Dona Ignez foi mencionado, junto aos nomes das pessoas responsáveis pela exposição dos canários, dando-nos pistas das formas de sua participação.

No caso dos prêmios conferidos pela exposição de flores, a mulher – dona Marocas – foi premiada segundo a raridade da flor, indicando presença de mulheres também nessa exposição. O prêmio conferido a ela foi uma licoreira de prata pela exposição de uma begônia imperial. No caso do segundo prêmio, foi um relógio de ouro que é caracterizado como “para senhora”, ou seja, era esperado que fosse para ser para mulheres, porém o vencedor foi um homem, designado por sr. farmacêutico Edgard Santos, pela exposição de uma avenca (Exposição, 1912).

A participação feminina demonstrou ser bastante reduzida nas exposições. Apesar disso, tiveram oportunidade de serem reconhecidas por suas contribuições, como dona Marocas, pelo seu prêmio, e ambas as mulheres por estarem em um meio predominantemente masculino.

Ainda na década de 1910, ocorreu outra exposição, denominada como Exposição Municipal, no Parque Municipal, nas datas do dia 12, 13 e 14 de junho de 1913, sendo encerrada no dia 15 do mesmo mês. Essa exposição contou com a presença de autoridades governamentais, homens e mulheres da elite e de outras classes sociais. As pessoas estavam “procurando deleitantes momentos de diversão” (Exposição, 1913,

p. 3). Na sua estrutura da exposição havia um restaurante e um bar (Parque, 1913), dando-nos pistas de ser um ambiente de encontros e socialização.

Essa exposição foi solicitada pelo prefeito e expôs produtos da floricultura, avicultura, pomicultura, agricultura e horticultura, em que os expositores receberam prêmios. Além disso, contou em sua programação com atividades de festejos, com carros, carruagens, batalha de confetes, prêmios artísticos para os melhores carros, fogos de artifício, japoneses (Exposição, 1913) e retreta.

O curso de automóveis realizado também no evento, parece que numa competição, foi descrito como “lindamente” ornamentado e conduzia mulheres, chamadas por Aroeira, Moreira e Guimarães (Exposição, 1913, p. 3). As comissões julgadoras dos automóveis e dos produtos expostos, e descritos abaixo, eram compostas apenas por homens (Exposição, 1913).

É este o programa da Exposição Municipal de Belo Horizonte, a realizar-se em 12, 13, e 14 do mês de julho próximo, em homenagem à liberdade dos povos:

A exposição consistirá dos produtos desta capital e seu município relativos à sua avicultura, apicultura, horticultura, floricultura e pomicultura, dividida em três secções, a saber:

Primeira - Avicultura e apicultura, constando da exibição de aves, pássaros de diversas espécies, abelhas e seus produtos não confeccionados.

Segunda - Horticultura e floricultura para a exibição de quanto produzem a capital e seu município nessas espécies, como sejam: - legumes, hortaliças, bulbos alimentícios, flores e plantas vivas de ornamentação.

Terceira - Pomicultura, constando das diversas espécies de frutas de origem própria e todas as demais da produção do município e capital.

Para cada secção haverá três prêmios, distribuídos da seguinte maneira: - Aos primeiros expositores classificados em cada secção, 150\$; aos segundos, 100\$. aos terceiros, 60\$, além dos diplomas que lhes serão concedidos.

Além dos prêmios pecuniários, serão conferidos 30 diplomas de menção honrosa, a razão de seis por secção aos expositores que lograrem classificação nos primeiros, segundos e terceiros lugares.

[...]

É este o programa dos festejos da exposição municipal:

Dia 12 - Inauguração e abertura da exposição, às 5 horas da tarde, com a presença de S. S. EEX. o Sr. presidente do Estado, prefeito da capital e demais auxiliares da administração, sendo, por essa ocasião, queimado vistoso fogo de artifício diurno, seguindo-se um curso de carruagens, para o qual haverá dois prêmios artísticos para os dois carros ou automóveis que se apresentarem mais bem ornamentados.

Dia 13 - Retreta, á tarde, por duas bandas de música, grande batalha de confete, havendo dois lindos prêmios artísticos aos dois mais bem ornamentados carros ou automóveis.

Dia 14 - Encerramento da exposição, às 5 horas da tarde, sendo, à noite, queimado um grande fogo de artifício japonês.

Serão mantidos, no recinto da exposição, um restaurante de primeira ordem, um bar e muitas diversões lícitas e atraentes.

A entrada no parque será gratuita (Parque, 1913).

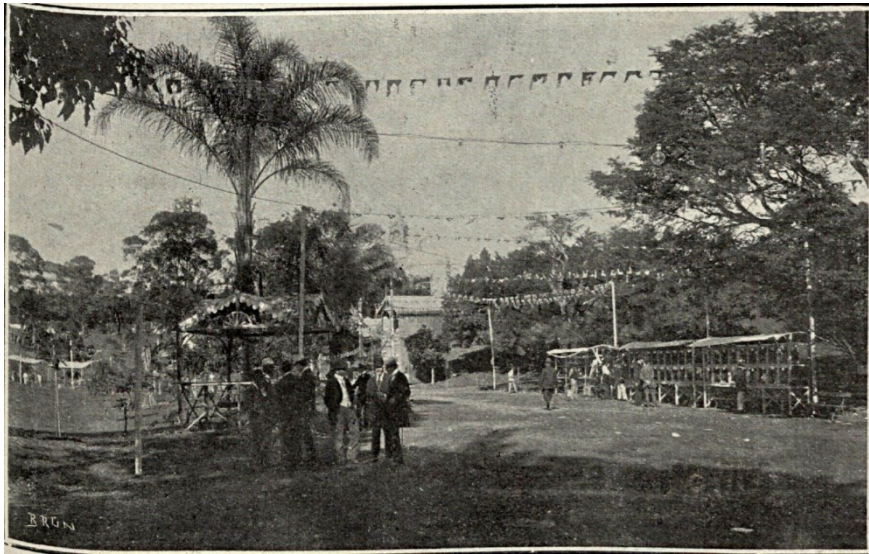
As FIGURAS 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 demonstram a presença das mulheres nessa Exposição Municipal e como era, de algum modo, a sua estrutura. Apesar desta pesquisa não ter a intenção de analisar as figuras, busca-se enfatizar a importância delas para entender melhor a dinâmica desses eventos, uma vez que nos dão um panorama das características das exposições apresentadas nas fontes escritas: disposição de barracas e bandeirinhas no Parque Municipal; presença de autoridades governamentais; famílias, homens e mulheres; automóveis ornamentados nos cursos; ocupação dos pavilhões; seção de galinhas e de flores e as gaiolas.

Figura 18: Bueno Brandão, ajudantes de ordens, oficial de gabinete e mulheres, sendo elas mencionadas como da família do Presidente



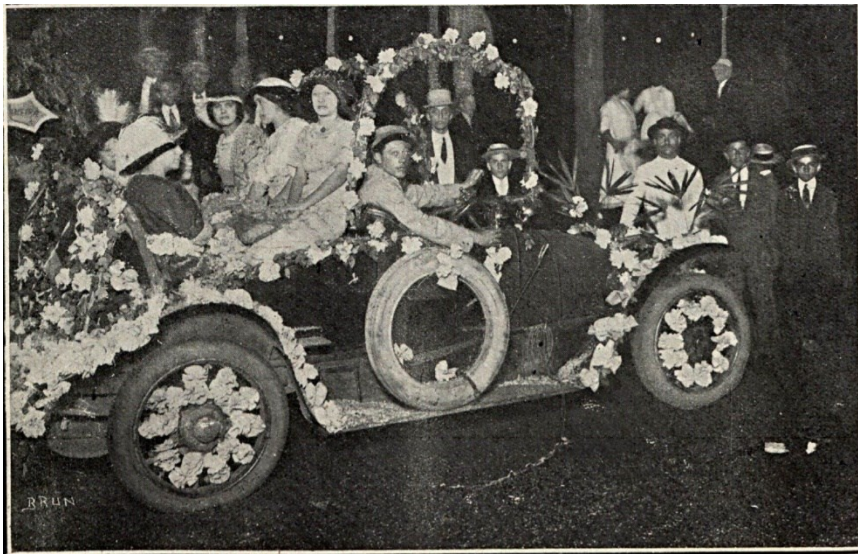
Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 19: Exposição Municipal, no Parque Municipal. À direita, a seção de galinhas



Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 20: Automóvel ornamentado, na Exposição Municipal



Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 21: Seção de floricultura da Exposição Municipal



Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 22: Aspecto do pavilhão central, no momento que eram queimados lindos fogos de artifício, no Parque Municipal



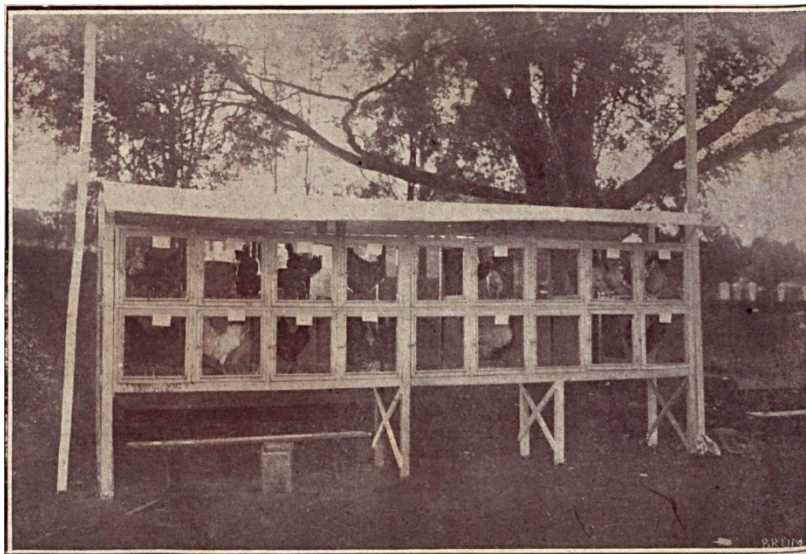
Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 23: Pavilhão, denominado como de Bueno Brandão, armado no Parque Municipal, antes da primeira batalha de confete que foi organizada pela comissão organizadora da Exposição



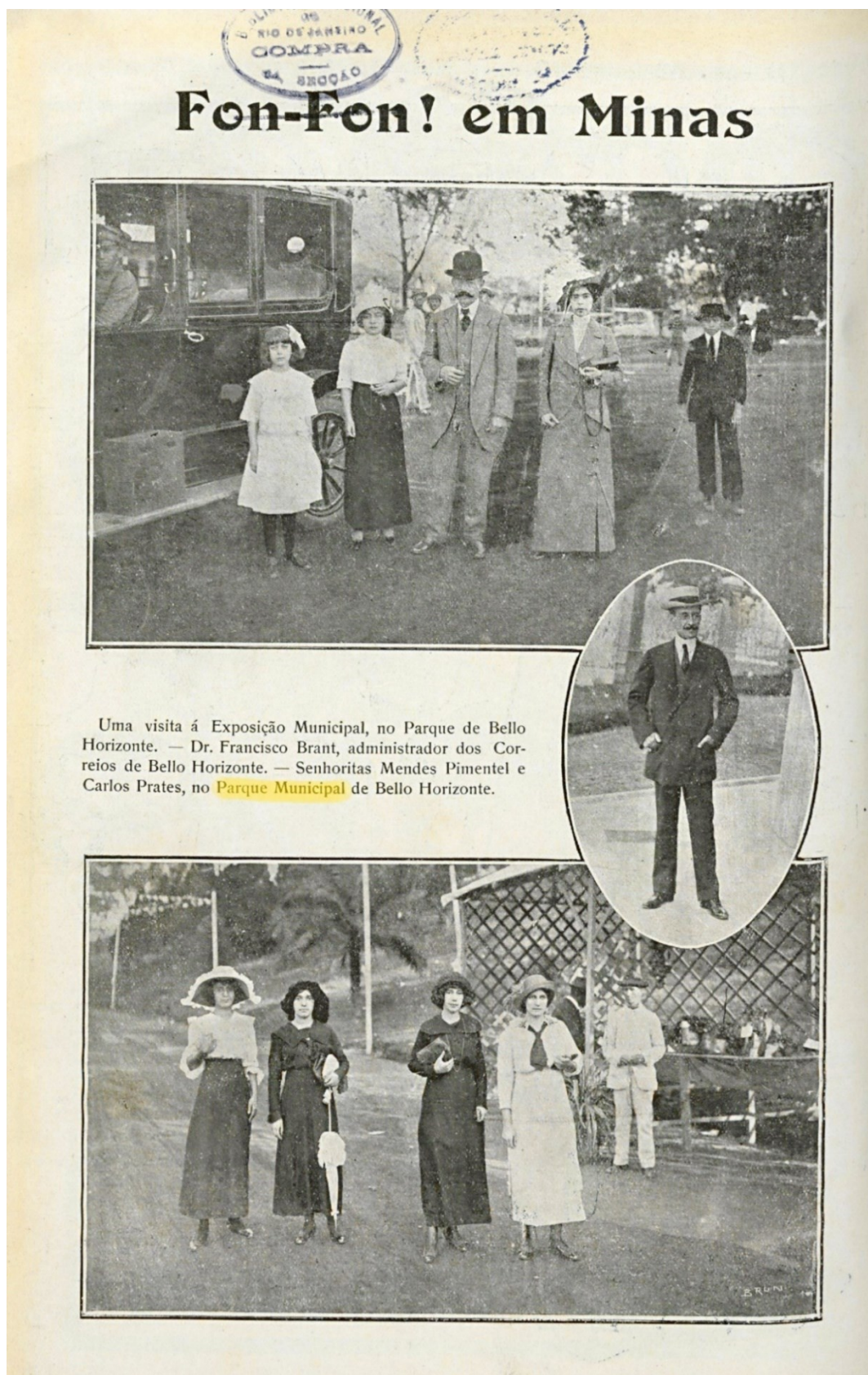
Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 24: Gaiola de galinhas, na Exposição Municipal



Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Figura 25: Sequência de imagens, na Exposição Municipal, no Parque Municipal. A presença das mulheres e do administrador do Correios foram destacadas



Fonte: Fon-Fon!, 1913.

Na festa em benefício da Sopa dos Pobres, nos dias 5, 6 e 7 do mês novembro de 1915, no último dia de festividade teve uma exposição de horticultura (Telegrammas, 1915). As festas beneficentes foram melhor abordadas na seção anterior, mas nota-se que nessa festa as mulheres estavam como promotoras e participantes, mesmo que nessa reportagem específica de menção a exposição não se tenha evidenciado a participação delas. Por fim, no ano de 1919, elas estavam organizando uma exposição de canários em Belo Horizonte em que se pretendia realizá-la em dezembro no Parque Municipal (Pelo telegrapho, 1919), contudo não se tem evidências que essa exposição tenha se efetivado.

As exposições desse caráter mencionado – de animais e flores - assim como as quermesses foram efêmeras nas fontes estudadas. Ambas apareceram apenas na década de 1910 no Parque Municipal. Apesar de outras exposições terem sido realizadas na capital mineira nas décadas de 1920 e 1930, essas não foram realizadas no Parque da cidade. Ademais, na década de 1940, uma exposição ocorreu nesse espaço, porém possuía outras características que não eram associadas a exposição de animais e flores.

Essa exposição foi uma atividade realizada durante o II Congresso de Escritores, no Parque Municipal ao ar livre, com uma conferência realizada por uma pessoa denominada por Sergio Millet (Guignard, 1949). Nessa década, teve-se uma ascensão das notícias sobre a arte no Parque Municipal pela presença da escola do Instituto de Belas Artes nesse espaço. Dessa forma, a presença dessa exposição pode ser uma resposta a essa maior expressão nessa década. Nessa fonte, durante a descrição dessa exposição, não foram mencionados a presença das mulheres. Por fim, nos anos iniciais da década de 1950, as exposições também não foram mencionadas.

3.4 Excursão

No início da década de XX tinha-se uma valorização da natureza como um elemento para a educação das crianças e as excursões eram precursores para esse educar através de uma aproximação com a natureza (Cândido, 2007).

No Parque Municipal de Belo Horizonte, as excursões ocorreram na década de 1910, por alunos do Grupo Escolar Cesario Alvim, acompanhados de professoras e da diretora para aprenderem sobre “história natural e geografia” com exemplos práticos no próprio local do Parque. Essa excursão contou com a presença de 150 alunos. A

presença das mulheres ocorria como docentes (Telegrammas, 1914), mostrando as diferentes formas delas se apropriarem do Parque, não só se divertindo, e de estabelecer relações com essa natureza.

Ademais, outras excursões ocorreram para a cidade de Belo Horizonte, de modo geral, como a realizada pelos alunos do Orpheon Acadêmico, os quais tiveram atividades no Parque Municipal como a realização de uma Festa no Centro da Colônia Portuguesa (Orpheon, 1925).

Essas excursões possuíam caráter educativo, presença de professoras e o Parque Municipal como um local para a realização das atividades. Entretanto, algo as distingue, uma vez que a primeira tinha como foco uma excursão direcionada de modo direto para o Parque, sendo os excursionistas pessoas da própria cidade. A segunda excursão foi destinada para a cidade e a posteriore foram realizadas atividades no Parque.

Ademais, outras excursões ocorreram na cidade e contaram com atividades no Parque Municipal, como era o caso da excursionista e cantora Tamára Régia que se apresentou para as Forças Expedicionárias Brasileiras (Tamára, 1944). As excursões realizadas pela artista Tamára e os alunos do Orpheon Acadêmico possibilitaram a visibilidade de mulheres de outras regiões que não de Belo Horizonte na capital mineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender os divertimentos das mulheres no Parque Municipal de Belo Horizonte, nos anos de 1910 a 1951.

A cidade de Belo Horizonte, planejada para ser a nova capital do estado de Minas Gerais, contava desde seu início com o Parque Municipal, um espaço público de divertimento para a população belo-horizontina.

Em sua maioria, as mulheres presentes nos divertimentos no Parque eram da elite belo-horizontina, professoras de grupos escolares na capital mineira, artistas e esposas. Elas se divertiam com homens, crianças, autoridades governamentais, escolares, abrangendo pessoas de diferentes classes sociais e escolares.

Os principais divertimentos praticados por elas no Parque Municipal foram festas, práticas corporais, excursões e exposições, ocorridos predominantemente na década de 1910.

As fontes possibilitaram compreender dinâmicas da cidade e do Parque Municipal, em que se destacaram, em uma escala macro, acontecimentos políticos e econômicos que envolviam autoridades governamentais, como nas visitas realizadas pela cidade e no Parque onde as mulheres se mantiveram ausentes ou com papéis de esposas.

Em uma escala diminuta, ou mais aprofundada, sob o filtro dos divertimentos e das mulheres, as festas se destacaram, mais ainda as festas beneficentes devido a sua maior expressividade e gama de informações que possibilitaram compreender e analisar acontecimentos sob a perspectiva e olhar para/das mulheres. Ademais, nessas festas, a participação delas se deu como promotoras, organizadoras, integrantes de comissões, expositoras. As quermesses, especialmente, destacaram-se por terem sido todas promovidas e organizadas por elas.

As festas cívicas, geralmente envolvendo escolares, possibilitaram perceber as mulheres como professoras. Nas festas esportivas, bem como nas práticas corporais relacionadas ao esporte, o tênis foi a prática que se destacou pela presença das mulheres quando comparado as outras práticas esportivas. Além disso, outra prática corporal que de destaque foi a dança, por um grupo de bailarinas que se apresentaram no Parque.

Por fim, nas exposições estavam como expositoras de flores e animais e nas excursões estavam como docentes ou artistas.

O Parque um importante espaço público configurou-se como local de sociabilidade e visibilidade dessas mulheres, protagonistas em várias situações.

As relações estabelecidas por essas mulheres com a natureza foram permeadas por valores atribuídos ao ambiente do Parque, como belo, sossegado, com ar puro, benéfico para a saúde.

Alguns divertimentos estiveram presentes ao longo das décadas e contaram com a participação delas, como festas em benefício de instituições; outros não, como quermesses e exposições, identificadas apenas na década de 1910.

Observou-se permanência de mulheres em comissões organizadoras e em barracas de festas, estando presentes em diferentes ações caritativas para várias instituições.

Divertimentos por elas praticadas foram impactados também por mudanças estruturais nesse espaço, seja para fins estéticos, educacionais ou de diversão. As mulheres utilizavam estruturas do Parque Municipal para se divertirem, como os coretos, onde ocorriam vendas de doces carnavalescos e apresentações de bandas de músicas, e os lagos para passeios de barcos.

Em relação aos limites da pesquisa, partimos de indícios que demonstram a participação de mulheres em divertimentos no Parque Municipal, porém poderiam ser feitas pesquisas que partem das ausências, a partir, por exemplo, de estudos que abordem sobre os divertimentos dos homens, relacionando-os com os das mulheres, ou a partir de outras bases teórico-metodológica, como a História da Família e a História das Crianças, por exemplo.

Ademais, outro limite desta pesquisa foi a não concretização de estudos das imagens das mulheres nos espaços do Parque Municipal, encontradas nos jornais.

Este trabalho contribui para os estudos do lazer a partir de um contexto histórico, em um espaço público, o Parque Municipal, tendo como sujeitos as mulheres.

Ademais, propõe-se novas pesquisas nessa temática do lazer que possam abordar de forma mais aprofundada sobre as diversões e as mulheres, como estudos relativos às quermesses, ainda pouco pesquisadas.

FONTES

A COMEMORAÇÃO da data Independência – a cerimônia – festa acadêmica – indultos – corso – fogos de artifícios – notas vareas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 8 set. 1912. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=15327. Acesso em: 10 set. 2024.

A METROPOLE mais nova do Brasil. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 6, 13 nov. 1936. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=10783. Acesso em: 18 jan. 2024.

"A NOITE ilustrada" em Belo Horizonte. **A Noite: Suplemento: Secção de Rotogravura**, Rio de Janeiro, p. 2, 5 maio 1942. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120588&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22269>. Acesso em: 6 set. 2024.

A PHASE final das manobras dos cadetes em Bello Horizonte. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 3, 11 out. 1938. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=47403. Acesso em: 7 set. 2024.

A PROVA automobilística infantil de Bello Horizonte. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 8, 8 dez. 1937. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=42047. Acesso em: 01 maio 2024.

AS GRANDES festas da sétima exposição de Bello Horizonte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 3, 21 jul. 1938. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=47342. Acesso em: 15 jul. 2024.

A SITUAÇÃO. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 28 jun. 1913. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17547. Acesso em: 9 jul. 2024.

ASPECTO festivo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 2, 30 set. 1950. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=4116. Acesso em: 18 jan. 2024.

A VISITA do Sr. Ministro da fazenda a Minas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 4 dez. 1927.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=32202.

Acesso em: 10 jul. 2024.

BARCOS nos lagos do Parque Municipal. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 3, 7 abr. 1933. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=21781. Acesso em: 9 abr. 2024.

BATALHA de "confetti". **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 26 jan. 1914.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23159.

Acesso em: 5 set. 2024.

BATALHA de confettis. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 12 abril 1914b.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=32481.

Acesso em: 6 set. 2024.

BELO Horizonte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 10 set. 1912. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13589.

Acesso em: 8 set. 2024.

BELLO Horizonte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 3, 19 nov. 1912. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=14708.

Acesso em: 10 set. 2024.

BRAND, Ehrhard. Projeto da entrada principal do Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, out. 1894 a abril 1896. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32158.

Acesso em: 9 out. 2024.

BRAND, Ehrhard. Projeto da entrada principal do Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, out. 1894 a abril 1896. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32158.

Acesso em: 9 out. 2024.

CAPELA de Lourdes. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 9 set. 1913. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18720.

Acesso em: 2 jul. 2024.

CAPELLA de Lourdes. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 15 set. 1913. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=30370. Acesso em: 21 fev. 2023.

CENTRO de proteção à infância. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 6, 9 jan. 1913. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17771>. Acesso em: 4 set. 2024.

CONGRESSO de Geografia em Bello Horizonte. **O Jornal**, São Luiz, p. 1, 16 set. 1919. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720593&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4452>. Acesso em: 7 set. 2024.

CORREIO de Uberlandia: Diario Independente, Uberlândia, p. 2, 2 jul. 1943. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830470&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=851>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DAMAS de caridade. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 7, 9 jul. 1915. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=28311. Acesso em: 7 set. 2024.

DATAS principais do anno. **Anuario de Minas Geraes: Estatistica, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG)**, Belo Horizonte, p. 32, 1913. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=212679&pesq=Anuario%20de%20Minas%20Geraes&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1065>. Acesso em: 19 set. 2024.

DE BELLO Horizonte. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jun. 1929. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=38710. Acesso em: 21 set. 2024.

DO RIO a Minas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 6 nov. 1915. Disponível em:
https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=29748. Acesso em: 29 mar. 2024.

EM FAVOR da Cruz Vermelha. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 25 abril 1942. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11006. Acesso em: 6 set. 2024.

EM MINAS. **A Época**, Rio de Janeiro, p. 2, 19 nov. 1912. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720100&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=934>. Acesso em: 10 set. 2024.

EM MINAS Gerais. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 2, 19 nov. 1912. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17282>. Acesso em: 10 set. 2024.

EM MINAS Gerais. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 3, 9 set. 1922. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=10765. Acesso em: 18 jan. 2024.

ENCONTRO de um cadáver. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 4 jul. 1913.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29548. Acesso em: 11 maio 2024.

ENTREGA de diplomas na escola de sargentos. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 16, 7 jan. 1930. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=104. Acesso em: 10 set. 2024.

ENTRE VIBRANTES demonstrações de simpatia. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 25 maio 1942. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=15120. Acesso em: 29 jul. 2024.

ESCOTISMO Mineiro e Ecos da 'Semana Escoteira' em Bello Horizonte'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 16, 8 maio 1929. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=74993. Acesso em: 10 jul. 2024.

FERIDO gravemente, e casualmente, por um revólver. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 17 jan. 1917. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_01&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10765.

que%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9953.
Acesso em: 11 maio 2024.

FESTA Escolar. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 7 set. 1912a. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13543.
Acesso em: 10 set. 2024.

FESTA da Primavera. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 9 set. 1912b. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13575.
Acesso em: 8 set. 2024.

FESTA infantil. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 9 set. 1912c. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13575.
Acesso em: 10 set. 2024.

FESTA da Bandeira. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 9 nov. 1912d. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=14552.
Acesso em: 10 nov. 2024.

FESTA de caridade (Minas Gerais). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, 8 set. 1913.
Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=20702.
Acesso em: 4 set. 2024.

FESTAS no parque. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 7, 10 set. 1913. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18737.
Acesso em: 2 jul. 2024.

FESTAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 10, 9 jan. 1914a. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22851.
Acesso em: 5 set. 2024.

FESTAS no Parque Municipal. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 9 jan. 1914b. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21042.
Acesso em: 4 set. 2024.

FESTAS sportivas em Bello Horizonte. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 14 nov. 1915.
Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_01&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=7494.
Acesso em: 10 set. 2024.

FESTEJOS no parque. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 19, 13 set. 1913. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18797. Acesso em: 1 jun. 2024.

FESTEJOS no Parque Municipal. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 9 jan. 1914. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21042. Acesso em: 5 set. 2024.

FESTIVAL em benefício dos hospitais. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 5 jan. 1914. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31645. Acesso em: 5 set. 2024.

FESTIVAL artístico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 9, 23 jun. 1915. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29255. Acesso em: 6 set. 2024.

FON-FON! em Belo Horizonte. **Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente**, Rio de Janeiro, p. 31, 12 jun. 1915. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&pesq="parque municipal"&pasta=ano 191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21681](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=259063&pesq=). Acesso em: 7 set. 2024.

FOOTBALL. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 20, 1 maio 1927. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31686. Acesso em: 10 set. 2024.

GARDENS Party. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 11 maio 1915. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29623. Acesso em: 7 set. 2024.

GÔVEA, Emiliano. Bello Horizonte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 10, 26 set. 1926. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27532. Acesso em: 3 jul. 2024.

GRANDES festivaes beneficentes. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 6, 5 set. 1915. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29623

que%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=36937.
Acesso em: 6 set. 2024.

HONTEM. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 1, 30 ago. 1915. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31522.
Acesso em: 6 set. 2024.

HONTEM. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 1, 11 set. 1913. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19069.
Acesso em: 11 ago. 2024.

HONTEM. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 1, 8 nov. 1915. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=32164.
Acesso em: 10 set. 2024.

IMPONENTE desfile dos cadetes em Bello Horizonte. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 3, 13 out. 1938. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=47433. Acesso em: 7 set. 2024.

IRMANDADE do Santissimo Sacramento da Boa Viagem. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 14 jan. 1914. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21112.
Acesso em: 5 set. 2024.

KERMESSE em beneficio do centro de proteção á infância. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 7 jan. 1913. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_02&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=12579.
Acesso em: 11 maio 2024.

MANIFESTAÇÃO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 8, 19 set. 1913. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18910.
Acesso em: 5 set. 2024.

MATRIZ da Boa Viagem. **Jornal do Brasil**, p. 7, 5 jan. 1914a. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22788.
Acesso em: 5 set. 2024.

MATRIZ da Boa Viagem - Kermesses no Parque. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 8 jan. 1914b. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21027.
Acesso em: 11 maio 2024.

MATRIZ da Boa Viagem. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 11 abril 1914c. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22401. Acesso em: 6 set. 2024.

MATRIZ da Boa Viagem. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 7, 11 ago. 1914d. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=24169. Acesso em: 6 set. 2024.

MINAS Geraes. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 3, 10 abril 1914. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19722>. Acesso em: 6 set. 2024.

MINAS Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 5, 29 abr. 1921. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=4945. Acesso em: 9 jul. 2024.

MINAS recebe a visita do exército nacional na pessoa do Sr. ministro da guerra e dos cadetes. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, p. 36, 29 out. 1938. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21576. Acesso em: 7 set. 2024.

MORTE casual de uma criancinha. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 9, 25 dez. 1913. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=20777. Acesso em: 11 maio 2024.

NETTO, Azeredo. Exercícios nauticos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, 7 abr. 1933. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31875. Acesso em: 17 maio 2024.

NOTAS & Novas. **Pharol**, Juiz de Fora, p. 1, 9 nov. 1915. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=258822&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=33484>. Acesso em: 10 set. 2024.

NOVA Matriz. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 3, 6 jan. 1914. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31652. Acesso em: 5 set. 2024.

O DIA da República. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 4, 18 nov. 1915. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_01&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=7519. Acesso em: 10 set. 2024.

O GARDEN-PARTY no Parque Municipal. **Nação Brasileira**, Rio de Janeiro, p. 40, nov. 1938. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=120251&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=4126>. Acesso em: 7 set. 2024.

ORPHEON Academico de Lisboa. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 7, 13 set. 1925. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18921. Acesso em: 12 jun. 2024.

OS DEZ dias de festa nacional. **Anuario de Minas Geraes: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG)**, Belo Horizonte, p. 31, 1913. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=212679&Pesq=Anuario%20de%20Minas%20Geraes&pagfis=1064>. Acesso em: 19 set. 2024.

PARQUE Municipal. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 17, 6 set. 1925. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=22217. Acesso em: 29 mar. 2024.

PREFEITURA de Bello Horizonte. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 17, 21 jul. 1926. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=17942. Acesso em: 21 set. 2024.

PROVA ciclística em Belo Horizonte. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 11, 13 jul. 1944. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=23694>. Acesso em: 14 abr. 2024.

QUARTO Congresso Pan-Americano de Architectura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 9 jul. 1930. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2785. Acesso em: 11 jul. 2024.

RECADO de Minas. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 23 março 1948. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&pesq=%22parque%20>

municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=37391. Acesso em: 14 abr. 2024.

SALLES, João. Projeto de restaurante no Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 1895a. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32184. Acesso em: 9 out. 2024.

_____. Projeto de ponte rústica no Parque Municipal **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 1895b. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32191. Acesso em: 9 out. 2024.

_____. Projeto de coreto para música no Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 1895c. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32185. Acesso: 9 out. 2024.

_____. Projeto do observatório do Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 1895d. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32190. Acesso: 9 out. 2024.

_____. Reprodução da planta geral do Parque Municipal. **Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, 1895e. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=32181. Acesso em: 9 out. 2024.

SERAFIM, Sylvia. Jardins e Creanças. **A Esquerda**, Rio de Janeiro, p. 5, 23 dez. 1930. Disponível em:

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=297984&pesq=%22parque%20municipal%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1458>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SETE de Setembro Foot-ball Club. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 22 jun. 1914.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23453. Acesso em: 20 set. 2024.

SETE de Setembro em Bello Horizonte. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 4, 7 set. 1916. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=38895. Acesso em: 8 set. 2024.

SOPA dos Pobres. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 8, 25 jul. 1915. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=28510. Acesso em: 6 set. 2024.

SPORT. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 23 jul. 1912. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=12888.
 Acesso em: 10 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 4 set. 1912a.
 Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13499.
 Acesso em: 8 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 8 set. 1912b.
 Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11716.
 Acesso em: 10 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 9 set. 1912c.
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11716.
 Acesso em: 8 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 8 nov. 1912d.
 Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=12938.
 Acesso em: 10 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Geraes). **O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, p. 8, 1 jan. 1913a. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_01&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=396.
 Acesso em: 4 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Geraes). **A Época**, Rio de Janeiro, p. 2, 7 jan. 1913b.
 Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720100&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1355>. Acesso em: 4 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Geraes). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 7 jan. 1913c.
 Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=14963.
 Acesso em: 11 ago. 2024.

TELEGRAMMAS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 7, 11 jan. 1913d. Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=14963

que%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=15026.
Acesso em: 4 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 8 set. 1913e.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=14963. Acesso em: 13 fev. 2023.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 9 set. 1913f.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11692. Acesso em: 4 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **O Século**, Rio de Janeiro, p. 4, 10 set. 1913g. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=224782&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8392>. Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 3, 11 set. 1913h.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=19069. Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 11 set. 1913i. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18752. Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 7, 12 dez. 1913j. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=20503. Acesso em: 19 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 8 jan. 1914a.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=21028. Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 8 abril 1914b.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22358. Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 10 abril 1914c. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=24483.
Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 10 abril 1914d.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22388.
Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 21 jun. 1914e.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=24473.
Acesso em: 19 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 21 jul. 1914f.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=23870.
Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 21 jul. 1914g.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=51120.
Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 22 jul. 1914h.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=25051.
Acesso em: 5 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 5, 29 abril 1915a.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27409.
Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 14 maio 1915b.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29667.
Acesso em: 7 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 14 maio 1915c.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=25051

que%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29693.
Acesso em: 7 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 14 maio 1915d.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27566.

Acesso em: 7 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 14 maio 1915e.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=27603.

Acesso em: 7 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 13 set. 1915f.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29138.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, p. 1, 13 set. 1915g. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31760.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 4 set. 1915h.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29028.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, 20 set. 1915i. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29220.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 6 set. 1915j.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31655.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 6 set. 1915k.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29064.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 5, 8 set. 1915l.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=36966.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS (Minas Gerais). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4, 4 nov. 1915m.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=29724.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 2, 4 nov. 1915n.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_10&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=32085.

Acesso em: 6 set. 2024.

TELEGRAMMAS, cartas e informações dos estados (Minas Geraes). **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 8, 8 jan. 1930. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_06&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=68.

Acesso em: 10 set. 2024.

TERMINAÇÃO de festas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, 8 jan. 1914.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22836.

Acesso em: 5 set. 2024.

ULTIMOS Telegrammas. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 3, 8 set. 1912. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&Pesq=%22parque%20municipal%22&pagfis=16597>.

Acesso em: 10 set. 2024.

UMA KERMESSE para auxiliar uma barraca de exploração clerical. **A Lanterna:**

Folha Anti-Clerical de Combate, São Paulo, p. 2, 24 jan. 1914. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=366153&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=907>.

Acesso em: 5 set. 2024.

UM ESTADIO infantil será erguido em Bello Horizonte. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 3, 9 fev. 1939. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_02&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=37707.

Acesso em: 9 abr. 2024.

UM NOVO teatro municipal em Belo Horizonte. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 11, 12 jul. 1941. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=%22parque

%20municipal%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=9828. Acesso em: 13 abr. 2024.

VÁRIAS notícias de Minas Geraes. **A Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 3, 7 jan. 1914a.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245038&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=18976>. Acesso em: 5 set. 2024.

VÁRIAS notícias. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 8, 07 jan. 1914b. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_03&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=22819. Acesso em: 13 fev. 2023.

VISITA do Presidente do Estado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 16, 8 maio 1929.

Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=74993.

Acesso em: 10 jul. 2024.

REFERÊNCIAS

ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes; CARVALHO, Eliane Vianey de. O discurso médico-higienista no Brasil do início do século XX. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 427-451, nov. 2012.

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. Parques urbanos: transformações e permanências ao longo da história. **Vitruvius**, 2020.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)**. Orientador: Coriolano Pereira da Rocha Junior. 2017. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ALVARENGA, Arnaldo Leite de; CHAVES, Elisângela. Arte e entretenimento: a dança teatral em Belo Horizonte (1897-1964). In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina. **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 187-216.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 45-77.

ASSIS, Maurílio José Amaral. **As trajetórias das salas de cinema de Belo Horizonte: sociabilidade no espaço UNIBANCO Belas Artes e nas salas de cinema do *Shopping Cidade***. Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BARBUY, Heloisa. Exposições itinerantes de animais selvagens, em São Paulo, no século XIX. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**, v. 5, n.9, 2016.

BARROS, Gelka Arruda. Belo Horizonte: a imagem da metrópole nas páginas da revista *Alterosa* (1939-1945). **Espaços urbanos e metropolização no Brasil (1940-1970)**, v. 36, n. 1, 2023, p. 1-30.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. Tempo e Paisagem. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 180-195, 2016.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BONALUME, Claudia Regina. **O lazer das mulheres na mesa de negociações: cartografando o lazer em movimentos sociais de mulheres brasileiras**. 2020. 271 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências

Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2019.

BORSAGLI, Alessandro. A metrópole no horizonte: o desenvolvimento urbano de Belo Horizonte na Era Vargas 1930/1945. **Revista eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 24-45, 2015.

BRAGA, Solano de SOUZA, vieira, Leandro Martins. Análise da viabilidade turística e cultural do carnaval de Belo Horizonte (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 5, 2013.

BRUHNS, Heloisa Turini. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. 1. ed. Barueri: Manole, 2009.

BRUTTOS, Savilly. Os coretos contam história sobre Belo Horizonte. **Temporalidades – Revista de História**, v. 13, n. 2, 2021.

CALEIRO, Regina Célia Lima, SILVA, Luciano Pereira da, NETO, Georgino Jorge de Souza. Diversão, religião e política: práticas e significados dos primórdios do futebol no norte de Minas Gerais. *In*: JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistanas (1890-1930)**. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.

_____. **A máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930)**. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2012.

CASTRO, Hebe. História Social. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAVES, Elisângela. Dança para educar e entreter, o curso Natália Lessa em Belo Horizonte (1928-1960). **Licere**, v. 19, n. 2, p. 111-135, 2016.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; FILHO, Macioniro Celeste. Ideais nacionais sobre parques infantis. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 38, n. 32, p. 320-334, 2021.

CVRD. **Companhia Vale do Rio Doce: Parque Municipal - Crônica de um século**. Belo Horizonte: CVRD, 1992.

DALBEN, Andre; DANAILOF, Kátia. Natureza urbana: parque infantis e escola ao ar livre em São Paulo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 163-177, 2009.

DANTAS, Carolina Vianna. A nação entre sambas, cordões e capoeiras nas primeiras décadas do século XX. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 85-102, 2011.

DANTAS, Mônica Fagundes; MAZO, Janice Zarpellon; DIAS, Carolina. **Ginástica para mulheres no Instituto de Cultura Física (1928-1937):** primando pela graça e beleza. *Pensar a prática*, v. 21, n. 1, Gotânia, 2018.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 223-240.

DIAS, Cleber; NETO, Georgino Jorge de Souza; SILVA, Igor Maciel; MAYOR, Sarah Soutto. História do futebol em Minas Gerais. **Revista de Ciências sociais e história**, n. 6, p. 67-86, 2014.

DIAS, Paola Lisboa Codo. **Sob a “lente do espaço vivido”**: apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DUARTE, Regina Horta; OSTOS, Natascha Stefania. Entre ipês e eucaliptos. **Nômad**, n. 22, p. 74-85, 2005.

ESTUDOS do Lazer. EEEFTO - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado__doutorado/. Acesso em: 11 dez. 2024.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 141-188.

FILANTROPIA. In: AVOLIO, Jelssa Ciardi; FAURY, Mára Lucia. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. **Editora Melhoramentos**, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=filantropia#:~:text=1%20E%20norme%20amor%20%C3%A0%20humanidade.%20%20Generosidade%20com,elas%20%20pegaram%20meu%20caso%20por%20filantropia%E2%80%9D%20%28%20CA%29>. Acesso em: 18 dez. 2024.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 288 p.

GARCIA, Clarissa Maroneze. Os primeiros 100 anos do bairro Belém Novo de Porto Alegre – uma história remontada por meio de mídia impressa (1870-1970). **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 163, p. 123-154, 2022.

GARDEN PARTY. In: AVOLIO, Jelssa Ciardi; FAURY, Mára Lucia. *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. **Editora Melhoramentos**, 2024.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/garden%20party/>. Acesso em: 7 set. 2024.

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. **Entre bandeiras, árvores e bonecas: festas em escolas públicas primárias de Minas Gerais (1906-1930)**. 2009f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas, Belo Horizonte, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008b.

_____. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX. **Recorde: Revista de História do Esporte**. v. 1, n. 1, 2008c.

_____. A educação física e a construção de imagens de feminilidades no Brasil dos anos 30 e 40. **Movimento**, n. 13, p. 61-70, 2000.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

_____. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. 174 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Campinas, 1999.

GÓIS, Aurino José. **Parque Municipal de Belo Horizonte: público, apropriações e significados**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOTSCHALG, Juliana Viana. **Guiomar Meirelles Becker: a memória de uma experiência profissional**. 10p.

HOBBSAWN, Eric de. Sobre História. São Paulo: **Compahia das Letras**, 1998.

JOURDAIN-ANNEQUIN, Colette. A cidade em festa: o exemplo das antesterias atenienses. **Cidades**, v. 8, n. 13, p. 75-103, 2011.

JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha, MORORÓ, Anderson, LISBOA, Jakeline Duque de Moraes, SOARES, Priscila Gonçalves. Esporte e práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). In: JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

JUNIOR, João Martins Nogueira. **Uma história dos divertimentos do sul mineiro: Itajubá, Pouso Alegre e Campanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (1891-1930)**. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. História das mulheres. **Revista USP**, São Paulo, n. 23, p. 56-61, 1994.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e fontes na história da educação e educação física. In: RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes; *et al.* **Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte, 1996, 704p.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A educação pela natureza para a vida boa. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, p. 1-7, 2016.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MADURO, Paula; MAZO, Janice Zarpellon; KILPP, Cecília. **A participação das mulheres no automobilismo de rua no Rio Grande do Sul (1930-1950): de coadjuvantes a protagonistas**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 17, n. 3, p. 123-129, 2009.

MAGALHÃES, Renan Vinicius; ROSA, Maria Cristina. Club de Sports Hygienicos: esporte, modernidade e higiene. In.: CONGRESSO ARGENTINO, 9.; CONGRESSO LATINOAMERICANO DE EDUCACIÓN FÍSICA Y CIENCIAS, 4., 2011, La Plata. **Anais [...]**. La Plata: [s.n.], 2011a. 10 p.

_____. Memórias do Club Sports Hygienicos. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, CBCE, 2011b.

Disponível em:

<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3786/1691>.

MARQUES, Rita de Cássia. A Caridade criando hospitais em Minas Gerais (Brasil) – séculos XVIII-XX. **Dynamis**, v. 31, n. 1, p. 107-129, 2010.

PASSOS, Mauro. Do singular ao plural – história e desdobramentos do catolicismo em Belo Horizonte: 1970-1980. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17.; ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: [s.n.], 2009. 9 p.

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; LYRA, Vanessa Bellani. As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. **Licere**, v. 13, n. 3, Belo Horizonte, 2010.

MELLO, Fernando Antonio Oliveira. Cataguases: nexos entre cinema, literatura e arquitetura na construção de um ideário moderno. **Revista Interfaces**, v. 1, n. 24, 2016.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer: conceitos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007.

_____; ALVES, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2012.

_____; GOMES, Leonardo do Couto. Aos touros: a tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916). **Diálogos**, v. 25, n. 2, p. 237-261, 2021.

_____; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 111-134, 2009.

MOLINA, Ana Heloisa. “Temos um passeio público, digno desta capital”: espaços de sociabilidade em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. **História**, São Paulo, v. 39, 2020.

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lucia; PAULILO, André Luiz. Festa da Árvore (décadas de 1920-1930): vida ao ar livre múltiplos sentidos da festa escolar. **Revista Brasileira da História da Educação**, v. 22, 2022.

MORAIS, Maria Aristene Câmara; COSTA, Karoline Louise Silva da; MORAIS, Janaína Silva de. Alfabetização no Rio Grande do Norte – presença da professora Helene Botelho (1910-1920). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 45, n. 31, p. 154-179, 2013.

MORENO, Andreia; VAGO, Tarcísio Mauro. Nascer de novo na cidade-jardim da República: Belo Horizonte como lugar de cultivo de corpos (1891-1930). **Pro-posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 67-80, 2011.

MOTA, Andreza Gonzalez Rodrigues. **Divirta-se quem puder: História e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. Os habitantes de Belo Horizonte “como os maiores admiradores do esporte bretão”. **Licere**, v. 13, n. 3, 2010.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, p. 43-73, 2004.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Práticas escolares em revista: o escotismo. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17.; ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: [s.n.], 2003. 7 p.

PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo; RAIMUNDO, Sidnei. Parques urbanos e o campo dos estudos do lazer: propostas para uma agenda de pesquisa. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 43-66, 2014.

PALMEIRA, Juliana Dias. “Aqui, apesar do frevo, há moralidade”: a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife na década de 1920”. Orientadora:

Ricardo de Aguiar Pacheco. 197 f. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2015.

PROST, Antoine. A história social. *In: Doze lições sobre a História*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUERMESSE. *In: AVOLIO, Jelssa Ciardi; FAURY, Mára Lucia. Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/quermesse/>. Acesso em: 18 ago. 2024.*

RANCIÈRE, Jacques. Sobre a História das Mulheres no século XIX. DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **As Mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. 167 p.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ROSA, Maria Cristina. Diversão na Comarca de Vila Rica. *In: DIAS, Cleber, ROSA, Maria Cristina. História do Lazer nas Minas Gerais*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

_____, MAGALHÃES, Renan Vinicius, FERRO, Flavia Salles, BIBBÓ, Caroline Bertarelli, VIEIRA, Yuri Vitor Guimarães. Clube de Sports Hygienicos: Memórias. JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da Cunha. **Histórias e memórias do esporte em Minas Gerais**. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

_____, VIANA, Fernanda Moreira; MARTINS, Hugo. III Colóquio Lote e Quadra, Cidade e Território: espaços livres, redes ecológicas e o direito à paisagem, 2021. Parques urbanos em São Paulo em fins do século XIX e início do XX: construção e melhoramentos.

_____, VIANA, Fernanda Moreira, SOUZA, Raquel Ferreira de, OLIVEIRA, Hugo Martins. *In: Parques municipais e festas da natureza (1900-1930)*. ROSA, Maria Cristina; RECCHIA, Silvana; NICÁCIO, Luiz Gustavo. **Lazer, Natureza e Educação**. 1. ed. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

SABETI, Maria da Penha Vasconcelos Batista. **Maria Lucia Godoy e a canção brasileira de Câmara: dados biográficos, análise e edição de performance do tríptico da saudade de Francisco Mignone (1897-1986), dedicado à artista**. 2020. Dissertação (Mestre em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil 2000 a 2017**. Tese (Doutor em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SCHETINO, André Maia. **Os gigantes e as multidões**: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965). Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Filosofia e Ciências Humanadas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Revista em Educação em Questão**, v. 29, n. 15, p. 122-148, Natal, 2007.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992. 354 p.

SILVA, Adriana Oliveira da. **Damas da sociedade**: caridade, política e lazer entre as mulheres de elite de Itabuna (1924-1962). 173 f. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana. 2012.

SILVA, André Quintão da. **Cidades, territórios e estádios de futebol**: uma análise do consumo do espaço no entorno do Independência e Mineirão em Belo Horizonte. 2023. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SILVA, Marco Antonio Ferreira. **Esporte orientação**: conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Igor Maciel. A presença das mulheres nos divertimentos de Barbacena – MG (início do século XX). **Revista Dia-logos**, v. 11, n. 1, p. 111-122, 2017.

_____. Divertimento é emancipação: A participação de Maria Lacerda de Moura nas festas de Barbacena (MG) até a década de 1920. **Revista Licere**, v. 24, n. 3, p. 204-226, Belo Horizonte, 2021.

_____. Lindas, bonitas, gentis e graciosas nos divertimentos, práticas corporais e esportivas. **Vozes, pretérito e devir**, v. 7, n. 1, p. 9-27, 2017.

_____. **Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

_____. Rápida como os patins: A presença das mulheres na patinação em Barbacena-MG no início do século XX. **Recorde**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2020.

_____; ROSA, Maria Cristina. Da participação de mulheres no futebol em Barbacena/MG nas três primeiras décadas do século XX. **Revista Licere**, v. 23, n. 2, p. 112-140, 2020.

_____; MAYOR, Sarah Teixeira Soutto Mayor. As mulheres de Barbacena (MG) e as Sessões Chiques de cinema (anos de 1926 e 1927). **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1-22, 2020.

_____. Mulheres no atletismo (Barbacena-MG, 1926): Um estudo preliminar. **Caminhos da História**, v. 25, n. 1, p. 3-15, 2020.

SOARES, Carmen Lúcia. Práticas corporais: invenções de pedagogias. SILVA, Ana Marcia; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. 1 ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, 2005, p. 43-63.

_____. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2016.

_____; SANTOS NETO, Samuel Ribeiro dos. À sombras das árvores... respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-28, 2018.

SOBRE a Revista. Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Disponível em: <https://periódicos.ufmg.br/index.php/licere/about>. Acesso em: 14 maio 2023a.

_____. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Disponível em: <https://periódicos.ufmg.br/index.php/rbel/about>. Acesso em: 14 maio 2023b.

SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 693 p.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do sport bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). **Licere**, v. 16, n. 3, p. 1-13, 2013.

VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 121-135, 2000.

_____. Sobre o “sonho glorioso de derramar sobre a infância mineira o bálsamo vivificador do ensino público”: fragmentos de recepção da reforma do ensino primário em municípios das Minas Gerais (1906-1912). **Círculos sem Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 103-134, 2009.

VAQUINHAS, Irene. As quermesses como uma forma específica de sociabilidade no século XIX: o caso da “quermesse da Tapada da Ajuda” em 1884. **Biblos**, v. 72, p. 273-291, 1996.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempo de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. História Política e História da Educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 288 p.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. *In*: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 189-222.

_____. **Trajetórias socioespaciais, narrativas cinematográficas e lazer de cineastas negras**: intersecções entre racismo e sexismo. Orientadora: Christianne Luce Gomes. 200 f. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

VILHENA, Kellen Nogueira. Parque municipal de Belo Horizonte: história e memória. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.8, n.2, p.50-62, 2005.

_____. Teatro, cinema e outras diversões nos primórdios de Belo Horizonte. *In*: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina. **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2019, p. 217-254.

_____. **Lazer e cidade**: um olhar sobre Belo Horizonte (1894-1920). p. 5.

VILLALBA, Gustavo Aníbal Nápoli. A saga da atividade sinfônica em Belo Horizonte. **Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, v. 9, n. 1, p. 49-62, 2016.

WYNANTS, Nele. The travelling lantern: the Courtois and Grandsart-Courtois family theatres as transcultural mediators at the nineteenth-century fair. **Early popular visual culture**, 2019, n. 3-4, p. 233-260.